

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)**

HAYAT PASSOS FERRAZ PINHEIRO

UMA ANÁLISE COGNITIVA DO DÊITICO “AQUI” EM DADOS MULTIMODAIS

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

HAYAT PASSOS FERRAZ PINHEIRO

UMA ANÁLISE COGNITIVA DO DÊITICO “AQUI” EM DADOS MULTIMODAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Significado e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Máira Avelar Miranda

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

Pinheiro, Hayat Passos Ferraz.

P719u Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados multimodais / Hayat Passos Ferraz Pinheiro, 2017. 170f.

Orientador (a): Dra. Maíra Avelar Miranda.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ProgramadePós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2017.
Inclui referência F. 162 – 165.

1. Linguística cognitiva – Estudo de gestos. 2. Modelos Cognitivos Idealizados. 3. Multimodalidade. II. Universidade Estadual. I. Miranda, Maíra Avelar. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em Linguística. T. III.

CDD: 412

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: A cognitive analysis of the deictic “here” in multimodal data

Palavras-chave em inglês: Cognitive Linguistics -Gesture Studies. Idealized Cognitive Models. Multimodality.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Maíra Avelar Miranda (Presidente/Orientadora - UESB); Prof. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira (UESB) e Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari (UFRJ).

Data da defesa: 02/02/2018

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

HAYAT PASSOS FERRAZ PINHEIRO

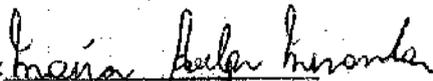
UMA ANÁLISE COGNITIVA DO DÉITICO "AQUI" EM DADOS MULTIMODAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 02 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

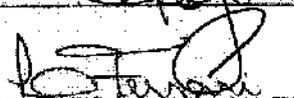
Profª. Dra. Máira Avelar Miranda (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Profª. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira
Instituição: UESB

Ass.: 

Profª. Dra. Lillian Vieira Ferraci
Instituição: UFRJ

Ass.: 

À minha mãe, força e inspiração de vida.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudo concedida e pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maíra Avelar Miranda, pela parceria, confiança e aprendizado nestes anos.

Aos membros da banca de qualificação, professoras doutoras Vera Pacheco e Márcia Helena de Melo Pereira, por aceitarem avaliar o trabalho, e pelas mais que valiosas contribuições.

Aos membros da Banca de Defesa, Profa. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira e Lilian Vieira Ferrari (UFRJ), por aceitarem participar da banca e por toda a avaliação e contribuição ao trabalho.

Aos meus professores, pelos ensinamentos ao longo da minha trajetória escolar/acadêmica até aqui.

À minha mãe, Sandra Passos, por ser o significado de amor incondicional, para mim, neste mundo.

Ao meu irmão, Maia (*in memoriam*), por me ensinar um pouco sobre bondade, paciência e compreensão em sua passagem pela vida.

Ao meu pai, Ambelton (*in memoriam*), por contribuir com a minha paixão pelas Letras.

À minha tia Cleide, por todo apoio e carinho.

Aos meus amigos, por serem meu lugar de paz e afeto.

Ultrapassando o espaço, tudo que nos resta é
Aqui.

Ultrapassando o tempo, tudo que nos resta é
Agora.

E entre o Aqui e Agora você não crê que
podemos ver-nos uma ou duas vezes?

(Richard Bach – A História de Fernão Capelo
Gaviota)

RESUMO

É no âmbito da Linguística Cognitiva, a partir de uma visão teórico-empírica, que está centrada a proposta deste trabalho. Objetivamos analisar comparativamente 24 ocorrências verbo-gestuais do dêitico “aqui” em dados videogravados, coletados em três Amostras de dados: a Amostra 1 é composta por 8 (oito) ocorrências de telejornais dos canais televisivos Band, Globo e Record, abrigadas no *Distributed Little Red Hen Lab*; a Amostra 2, por 8 ocorrências coletadas da Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora”; e a Amostra 3, por 8 ocorrências realizadas por Lula no Depoimento de Lula a Moro. Em relação, especificamente, à organização da dissertação, no Capítulo 2, apresentado após a Introdução (Capítulo 1), estabelecemos um panorama geral do estudo da dêixis, em uma perspectiva tradicional e em perspectivas cognitivas. No Capítulo 3, empreendemos discussões referentes à inter-relação a Linguística Cognitiva e os Estudos de Gesto, focalizando os gestos manuais. Exploramos, mais especificamente, a inter-relação entre os dêiticos locativos e os Gestos de Apontar, uma vez que o “aqui” constitui-se como objeto de análise desta pesquisa. No Capítulo 4, detalhamos os procedimentos de coleta e análise de dados multimodais. Apresentamos, primeiramente, o Sistema Linguístico de Notação Gestual (LASG), e, posteriormente, realizamos a descrição e aplicação, em duas ocorrências ilustrativas, das Orientações para a Análise de Metáforas nos Gestos (MIG-G). Por fim, no Capítulo 5, descrevemos e analisamos os dados multimodais, segundo as Orientações descritas no Capítulo anterior. Para tanto, escolhemos dados ilustrativos das três Amostras de análise. Do ponto de vista quantitativo, comparamos: os índices percentuais de Presença x Ausência de metáforas, bem como os índices percentuais relativos aos diferentes Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual encontrados nas Amostras. Em seguida, criamos escalas radiais de prototipicidade das ocorrências, sendo as ocorrências mais prototípicas ou menos metafóricas aquelas que ocupam as categorias mais centrais do protótipo e as ocorrências menos prototípicas e mais metafóricas, aquelas que ocupam as categorias mais periféricas. Portanto, a prototipicidade é considerada em termos de grau de Metaforicidade, mais ou menos ativado nos contextos reais de uso da língua.

PALAVRAS-CHAVE

Aqui. Modelos Cognitivos Idealizados. Multimodalidade. Estudos de Gesto.

ABSTRACT

It is in the field of Cognitive Linguistics, from a theoretical-empirical point of view, that is founded this research proposition. We aimed at analyzing 24 verbal-gestural occurrences of the deictic “here” (“aqui”) in audiovisual data, collected from three data Samples (with Brazilian Portuguese data): Sample 1 is composed by 8 (eight) occurrences from TV news broadcasted on Band, Globo and Record, all Brazilian TV channels, stored at the Distributed Little Red Hen Lab; Sample 2 is composed by 8 (eight) occurrences from the TEDx “Happiness is here and now” (“Felicidade é aqui e agora”); and Sample 3 is composed by 8 (eight) occurrences from Lula, collected from “Lula’s Deposition to Judge Sérgio Moro” (“Depoimento de Lula a Moro”). Specifically, regarding the Master’s thesis organization, in Chapter 2, presented after the Introduction (Chapter 1), we established a general view of deixis studies, from a traditional, and from cognitive perspectives. In Chapter 3, we discuss the inter-relation between Cognitive Linguistics and Gesture Studies, focusing on hand gestures. We explored, more specifically, the inter-relation between locative deictics and pointing gestures, as the deictic “here” (“aqui”) is the object of analysis on this research. In Chapter 4, we detailed the materials and methods used for collecting the multimodal data. Firstly, we presented the Linguistic Annotation System for Gestures (LASG), and afterwards we applied the Metaphor Identification Guidelines for Gestures (MIG-G) in two illustrative Samples. Finally, in Chapter 5, we described and analyzed the data, according to the procedure described on the previous Chapter. To do so, we have chosen illustrative data from each of the three Analysis Samples. From a quanti-qualitative point of view, we compared: the percentage of Presence x Absence of Metaphors, as well as, the percentage regarding the different Gesture Modes of Representation, and the different Pointing Gestures found on the Analysis Samples. Afterwards, we created radial scales of prototypicality, in which the more prototypical and less metaphoric occurrences occupy the more central categories on the prototype, and the more metaphoric and less prototypical occurrences occupy the more peripheral categories of the prototype. In conclusion, the prototypicality is regarded as a matter of Metaphoricity degree, more or less activated in the real contexts of language use.

KEYWORDS

Aqui (Here). Idealized Cognitive Models. Multimodality. Gesture Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relações entre participantes do frame “EVENTO COMERCIAL”	28
Figura 2 - Categoria Radial de “Ave”	30
Figura 3 - Hierarquia de complexidade semântica da expressão cotovelo.....	35
Figura 4 - Esquema Imagético “CENTRO-PERIFERIA”.....	38
Figura 5 - Configuração do <i>construal</i> da “dêixis de primeira pessoa”.....	43
Figura 6 - Representação multimodal da Metáfora TEMPO é ESPAÇO.....	47
Figura 7 - Esquema dos Gestos como Ações Simuladas (GSA).....	55
Figura 8 - Representação multimodal da metáfora: “A VERDADE É UMA RETA”.....	57
Figura 9 - <i>Continuum</i> de Kendon	61
Figura 10 - Metáfora correspondente nas palavras e nos gestos	64
Figura 11 - Os sete tipos de Gestos de Apontar	77
Figura 12 - Quatro modos de representação como técnicas básicas de “imagem”	82
Figura 13 - Ocorrência multimodal prototípica do dêitico “aqui”.....	84
Figura 14 - Ocorrências multimodais prototípicas do dêitico “lá”	84
Figura 15 - Congruência aparente entre gestos e fala na dêixis locativa.....	85
Figura 16 - Incongruências aparentes entre gestos e fala na dêixis locativa	86
Figura 17 - The Distributed Little Red Hen Lab	89
Figura 18 - Capa da Revista IstoÉ	93
Figura 19 - Capa da Revista Veja.....	94
Figura 20 - Categorias básicas da configuração de mão	98
Figura 21 - Configurações dos seis formatos de dedos	99
Figura 22 - Orientação diagonal PLdiTC, PLdiAC.....	100
Figura 23 - Orientação diagonal PVdiAB, PVdiTB	101
Figura 24 - Tipos básicos de movimento	103
Figura 25 - Tipos de movimento do pulso.....	103
Figura 26 - Direção do movimento ao longo dos eixos vertical, horizontal e diagonal.....	104
Figura 27 - Direção do movimento ao longo do eixo sagital	104
Figura 28 - Espaço gestual.....	107
Figura 29 - Fases de preparação (1a), golpe (1b), e retração (1c) gestual:.....	112
Figura 30 - Foto ilustrativa do <i>display</i> e trilha de análise criada no ELAN	121
Figura 31 – Ocorrência ilustrativa mais prototípica do dêitico "aqui"	124
Figura 32- Ocorrência ilustrativa menos prototípica do dêitico "aqui"	125

Figura 33 - Representação radial de prototipicidade com as ocorrências do dêitico "aqui" - Amostra 1	131
Figura 34 - Representação multimodal da ocorrência 3	132
Figura 35 - Representação multimodal da ocorrência 5	133
Figura 36 - Representação multimodal da ocorrência 4	134
Figura 37 - Representação radial de prototipicidade com as ocorrências do dêitico "aqui" - Amostra 2	136
Figura 38 - Representação multimodal da ocorrência 9	137
Figura 39 - Representação multimodal da ocorrência 10	138
Figura 40 - Representação multimodal da ocorrência 16	139
Figura 41 - Representação radial de prototipicidade com as ocorrências do dêitico "aqui" - Amostra 3	142
Figura 42 - Representação multimodal da ocorrência 17	143
Figura 43 - Representação multimodal da ocorrência 20	143
Figura 44 - Representação multimodal da ocorrência 21	144
Figura 45 - Representação multimodal da ocorrência 6	149
Figura 46 - Representação multimodal da ocorrência 7	151
Figura 47 - Representação radial geral de prototipicidade do dêitico "aqui" –	152

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Presença x Ausência de Metáforas - Total das ocorrências	127
Gráfico 2 - Modos de Representação Gestual e Gestos de Apontar - Total das ocorrências .	128
Gráfico 3 - Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual - Amostra 1.....	130
Gráfico 4 - Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual - Amostra 2.....	135
Gráfico 5 - Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual - Amostra 3.....	140
Gráfico 6 - Modos de Representação Gestual - Conjunto das 3 Amostras	146
Gráfico 7 - Gestos de Apontar - Conjunto das 3 Amostras	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Metáfora Conceptual: “ATIVIDADES MENTAIS SÃO JORNADAS”	33
Quadro 2 - Categorização dos esquemas imagéticos.....	36
Quadro 3 - Distribuição das expressões de acordo com a semântica verbal em níveis de esquematicidade.....	49
Quadro 4 - Modelo de análise construcional	50
Quadro 5 - Atuar e representar: uma sistemática cognitivo-semântica de <i>contrual</i> de sentido nos gestos.....	83
Quadro 6 - Quadro síntese do parâmetro formato das mãos (<i>synthesis table of the parameter hand shape</i>)	99
Quadro 7 - Quadro síntese do parâmetro orientação das mãos e palmas (<i>synthesis table of the parameter hand's and palm's orientation</i>).....	102
Quadro 8 - Quadro síntese do parâmetro movimento (<i>synthesis table of the parameter movement</i>).....	106
Quadro 9 - Quadro síntese do parâmetro posição espacial (<i>synthesis table of the parameter espacial position</i>).....	108

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O DÊITICO “AQUI”: DA VISÃO TRADICIONAL A VISÕES COGNITIVAS	24
2.1 Visão tradicional de dêixis	24
2.2 Visões cognitivas da dêixis	26
2.2.1 <i>Os conceitos de Gestalt, Frame e Modelos Cognitivos Idealizados</i>	27
2.2.2 <i>Os conceitos de Domínio e Esquema Imagético e suas relações com os MCI</i>	33
2.3 O MCI da dêixis: abordagem do contexto concreto mais prototípico	37
2.3.1 <i>Outras abordagens menos prototípicas da dêixis: uma visão da Gramática Cognitiva</i>	40
2.4 O MCI da dêixis: abordagens de contextos abstratos menos prototípicos.....	44
2.4.1 <i>A estrutura metafórica da MCI da dêixis</i>	45
2.4.2 <i>Outras abordagens menos prototípicas da dêixis: uma visão construcional</i>	48
3 A INTER-RELAÇÃO ENTRE A LINGUÍSTICA COGNITIVA E OS ESTUDOS DE GESTO	53
3.1 Novas questões e contribuições teórico-metodológicas do Estudo de Gestos para a Linguística Cognitiva	53
3.1.1 <i>A inter-relação entre a Metáfora e os Estudos de Gestos</i>	62
3.1.2 <i>A inter-relação entre a Metonímia e os Estudos de Gestos</i>	67
3.1.3 <i>A inter-relação entre os Esquemas Imagéticos e os Estudos de Gestos</i>	69
3.1.4 <i>A inter-relação entre Construal e Perspectiva e os Estudos de Gestos</i>	71
3.2 A inter-relação entre Metáfora, Dêixis e os Estudos de Gestos	73
3.2.1 <i>Os Gestos de Apontar e os Modos de Representação Gestual</i>	75
3.2.2 <i>A inter-relação entre os Dêiticos Locativos e os Gestos de Apontar</i>	84
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	88
4.1 Procedimentos de coleta de dados	88
4.1.1 <i>Amostra 1: ocorrências do Distributed Little Red Hen Lab</i>	89
4.1.2 <i>Amostra 2: ocorrências da Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora”</i>	91
4.1.3 <i>Amostra 3: ocorrências do Depoimento de Lula a Moro</i>	92
4.2 Procedimentos metodológicos de análise gestual: o Sistema Linguístico de Notação Gestual (LASG)	95
4.2.1 <i>Primeiro parâmetro de notação gestual: formato das mãos</i>	97
4.2.2 <i>Segundo parâmetro de notação gestual: orientação das mãos e palmas</i>	100
4.2.3 <i>Terceiro parâmetro de notação gestual: movimento</i>	102
4.2.4 <i>Quarto parâmetro de notação gestual: posição espacial</i>	106
4.3 Orientações de Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G)	110
4.3.1 <i>Passo 1: Identificar os golpes gestuais</i>	111
4.3.2 <i>Passo 2: Descrever as formas características de cada golpe</i>	112
4.3.3 <i>Passo 3: Identificar se o gesto atende a alguma função referencial</i>	113
4.3.4 <i>Passo 4: Identificar o(s) modo(s) de representação gestual</i>	115
4.3.5 <i>Passo 5: Identificar o(s) referente(s) físico(s) retratado(s) no(s) gesto(s)</i>	118

<i>4.3.6 Passo 6: Identificar o tópico contextual que está sendo referenciado.....</i>	<i>118</i>
<i>4.3.7 Passo 7: O tópico foi identificado (no passo 6) por meio da semelhança na experiência ao referente retratado por meio do gesto?</i>	<i>118</i>
5 ANÁLISE DOS DADOS	120
5.1 Criação das trilhas de análise.....	121
<i>5.1.1 Análise ilustrativa de aplicação das Orientações para Identificação de Metáforas (MIG-G): ocorrência mais prototípica e ocorrência menos prototípica.....</i>	<i>124</i>
5.2 Análise das Amostras	126
<i>5.2.1 Ocorrências da Amostra 1: Dados do Red Hen.....</i>	<i>129</i>
<i>5.2.2 Ocorrências da Amostra 2: Dados do TEDx</i>	<i>135</i>
<i>5.2.3 Ocorrências da Amostra 3: Dados do Depoimento de Lula a Moro</i>	<i>140</i>
5.3 Discussão dos resultados: comparação geral entre as três Amostras de Análise	145
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
REFERÊNCIAS	162
ANEXOS	166
ANEXO A: Conjunto das ocorrências retiradas das três Amostras de Análise.....	166

1 INTRODUÇÃO

A dêixis é um fenômeno que está estritamente ligado ao contexto de uso da língua e à forma como categorizamos expressões linguísticas orais, escritas ou de outra natureza semiótica. Até os anos 70, esse fenômeno foi discutido apenas teoricamente, na ausência de pesquisas empíricas que demonstrassem o seu funcionamento. A partir dos estudos empreendidos pela Linguística Cognitiva, iniciados no fim dos anos 70, e início dos anos 80, os postulados teóricos a respeito da dêixis foram relidos a partir das categorias propostas pela Linguística Cognitiva (doravante, LC), bem como começaram a ser testados empiricamente. É justamente no âmbito da LC, a partir de uma proposta teórico-empírica, que está centrada a proposta definitiva deste trabalho intitulada: “Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados multimodais”.

A proposta deste trabalho passou por duas reformulações em relação ao título e ao *corpus* de pesquisa. A primeira proposta foi intitulada: “Uma análise cognitivista do dêitico ‘aqui’ no gênero textual oral entrevista e no gênero textual escrito tirinha”, na qual pretendíamos investigar a maneira como se organizam os usos mais prototípicos e menos prototípicos do dêitico “aqui”, tanto em gênero textual oral, quanto em gênero textual escrito, para, então, comparar os padrões identificados nos *corpora*. Nessa proposta inicial, o trabalho contava com dois *corpora*: um *corpus* referente ao gênero textual escrito, intitulado: “Toda Mafalda – da primeira à última tira” e um *corpus* referente ao gênero textual oral, intitulado: “Discurso & Gramática”. No entanto, recebemos *insights* de pesquisadores da área, após apresentarmos o piloto da nossa pesquisa na “9th International Conference on Construction Grammar”, e percebemos que o *corpus* escrito se tratava, na verdade, de um *corpus* oralizado, uma vez que as tirinhas, mesmo sendo escritas, são constituídas por diálogos entre os personagens. Sendo assim, a comparação não seria viável e, por conseguinte, não conseguiríamos alcançar os objetivos pretendidos na pesquisa.

Diante desse empasse, decidimos reformular nosso tema de pesquisa pela primeira vez: a proposta de pesquisa passou a se chamar, a partir então: “Uma análise cognitiva do dêitico ‘aqui’ em dados orais e multimodais”, na qual pretendíamos analisar comparativamente as ocorrências e o funcionamento do dêitico “aqui”, considerando dados de fala e dados videogravados. Nessa proposta de pesquisa, para investigação dos dados de fala, elegemos como *corpora* de dados orais o C-ORAL-Brasil (MELLO; RASO, 2010), que é resultado de uma reunião de dados orais do Português Brasileiro falado em Belo Horizonte. No caso dos dados multimodais, realizamos, primeiramente, uma análise-piloto (PINHEIRO;

AVELAR, 2017), que se mostrou bastante produtiva. A inclusão de dados multimodais em nossa análise partiu das pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Estudos em Cognição e Linguagem, coordenado pela orientadora deste trabalho, pois as pesquisas realizadas no LeCogLing têm estado centradas em análises multimodais, especificamente, na análise de gestos manuais e na inter-relação entre gestos e fala em dados videogravados.

A reformulação do tema também implicou a mudança da nossa pergunta de pesquisa, que se tornou a seguinte: “Como as ocorrências mais prototípicas e menos prototípicas do dêitico ‘aqui’ funcionam nos contextos oral e multimodal?” Considerando essa pergunta, estabelecemos os seguintes objetivos: (i) Realizar um estudo da dêixis, detalhando o dêitico ‘aqui,’ especialmente no âmbito da LC; (ii) Verificar quais são os mecanismos cognitivos, especialmente aqueles relativos à inter-relação gestos-fala, estão envolvidos na construção da dêixis locativa, centrando-se no dêitico ‘aqui’; (iii) Descrever como funcionam as ocorrências do dêitico “aqui” em Amostras de dados distintas; (iv) Comparar os padrões de ocorrência identificados nos contextos oral e multimodal.

A partir da reformulação da nossa pergunta e dos nossos objetivos de pesquisa, surgiu a necessidade de trabalharmos com *corpora* mais amplos, que sustentassem, do ponto de vista empírico e quantitativo, quadros teórico-metodológicos qualitativos e, muitas vezes, centrados na intuição dos pesquisadores, propostos no âmbito da LC. Elegemos como *corpora* de dados orais o C-ORAL-Brasil (MELLO; RASO, 2010), que é resultado de uma reunião de dados orais do Português Brasileiro falado em Belo Horizonte. No caso dos dados multimodais, realizamos, primeiramente, uma análise-piloto (PINHEIRO; AVELAR, 2017), que se mostrou bastante produtiva.

Porém, do ponto de vista da coleta de dados, um novo desafio surgiu: onde e como encontrar um *corpus* de dados multimodais para o Português Brasileiro? Assim, a partir de sugestões dadas por Linguistas Cognitivistas, em eventos nos quais apresentamos nossa análise-piloto—como o “*Multimodality in Linguistic Research*”, realizado na UniPotsdam na Alemanha e a “VIII Conferência em Linguística e Cognição”, escolhemos coletar telejornais dos canais televisivos Band, Globo e Record, abrigados no *Distributed Little Red Hen Lab*, dirigido por Mark Turner (Case Western Reserve University) e Francis Steen (UCLA) e coordenado, no Brasil, , Maíra Avelar (UESB), por Lilian Ferrari (UFRJ) e por Gustavo Guedes (CEFET-RJ).

Após a Qualificação da Dissertação, acatamos a sugestão da Banca de lidarmos apenas com dados multimodais, uma vez que os dados orais selecionados para análise, na verdade, constituíam-se como dados multimodais com a gravação de áudio, apenas. Isso, no caso dos

nossos dados, revelou-se especialmente problemático, pois diversas ocorrências dêiticas do “aqui” revelaram-se como ambíguas em relação ao referente, uma vez que foram gravadas de contextos espontâneos de diálogo, sem haver, entretanto, o gesto para desambiguizá-las. Decidimos, então, a partir dos dados multimodais, expandir as Amostras de dados, para que pudessemos realizar análises comparativas. Assim, selecionamos, além de 8 (oito) ocorrências extraídas do *Red Hen*, referentes a telejornais dos canais Band, Globo e Record, 8 (oito) ocorrências da Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora”, utilizada em nossa análise-piloto (PINHEIRO; AVELAR, 2017) e 8 (oito) ocorrências do Depoimento de Lula a Moro, utilizado como corpus ilustrativo de algumas análises realizadas anteriormente à coleta dos vídeos no *Red Hen*. Os procedimentos de coleta e análise dos dados estão detalhadamente descritos no Capítulo 4 desta Dissertação.

Especificamente em relação à organização da dissertação, além da Introdução, o trabalho conta com quatro Capítulos: dois Capítulos de discussão teórico-metodológica e dois Capítulos contendo os procedimentos de coleta e análise dos dados e a análise dos dados propriamente dita. A análise foi realizada do ponto de vista quanti-qualitativo. No Capítulo 2, buscamos estabelecer um panorama geral do estudo da dêixis, a partir de uma perspectiva tradicional e de perspectivas cognitivas. No que se refere à perspectiva tradicional, baseamos-nos em estudos de Beveniste (1976, 1988), considerado um dos primeiros autores a estabelecer o conceito de dêixis na Linguística Moderna. Posteriormente, abordamos algumas considerações feitas por Castilho, que estão em consonância com a proposta de Benveniste, mas que, por outro lado, acrescentam, a partir de uma visão cognitivo-discursiva, que “a dêixis envolve as tarefas de gesticular e produzir sentenças sonoras” (CASTILHO, 2010, p.123), preceito fundamental para lidarmos com o nosso objeto de estudo, o “aqui”, em dados de natureza verbo-gestual.

Já com relação à perspectiva cognitiva, exploramos a dêixis em contextos mais prototípicos e menos prototípicos, ancorando-nos, para isso, no conceito de Modelos Cognitivos Idealizados (doravante, MCI), tal como formulado inicialmente por Lakoff (1987). Antes de abordarmos, especificamente, os MCI da dêixis (MARMARODOU, 2000), julgamos necessário esclarecer, primeiramente, o conceito de MCI e os conceitos correlatos que o fundamentam, tais como o conceito de *Gestalt* (LAKOFF, 1977, EVANS, 2007) e *Frame*. Posteriormente, articulamos o conceito de MCI aos conceitos de Domínio Cognitivo (CIENKI, 2007) e Esquemas Imagéticos (doravante, EI) (LAKOFF, 1987, JOHNSON, 1987), pois o EI “CENTRO-PERIFERIA” (JOHNSON, 2007) instancia o MCI prototípico da dêixis e o

conceito de Domínio está correlacionado ao MCI menos prototípico metafórico da dêixis, uma vez que as estruturas metafóricas emergem a partir de mapeamentos entre domínios.

Complementarmente, apresentamos outros contextos mais prototípicos e menos prototípicos da dêixis, ambos ancorados em visões gramaticais instanciadas pela Linguística Cognitiva. Uma dessas visões corresponde à Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987), em que exploramos, mais especificamente, o conceito de Perspectiva, a partir do qual discutimos a Dêixis (VERHAGEN, 2007). Outra visão corresponde à da Gramática das Construções (EVANS, 2007), a partir da qual são analisadas microconstruções verbo-locativas, em que o dêitico é metaforizado como marcador discursivo (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012). Toda essa discussão teórica instrumentaliza a análise cognitiva do funcionamento do dêitico “aqui”, sobretudo em ocorrências multimodais, tanto em contextos mais prototípicos, quanto menos prototípicos.

As discussões empreendidas no Capítulo 2 demonstram que, embora tenhamos retomado a visão tradicional de dêixis, estabelecida por Benveniste, é necessário que recorramos à visão cognitiva de dêixis, para que, assim, possamos explorar o nosso objeto de estudo neste trabalho, o dêitico “aqui” em dados multimodais, uma vez que a visão tradicional não abarca o estudo desses fenômenos, pois Benveniste (1976), ao se referir à dêixis adverbial, considera os advérbios, tais como o “aqui” e “agora” como delimitadores da instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância do discurso que contém “eu”, mas não especifica contextos de uso. Além disso, nessa abordagem tradicional, por exemplo, a dêixis não é concebida de maneira metafórica, diferentemente da abordagem Cognitiva, na qual o MCI prototípico da dêixis possui uma estrutura imago-esquemática de “CENTRO-PERIFERIA” (LAKOFF, 1987, JOHNSON, 1987), que engloba tanto entidades e objetos concretos, quanto entidades e ideias abstratas, por meio das quais nosso interesse é delimitado. Sendo assim, “IDEIAS” abstratas presentes na fala podem ser instanciadas como “OBJETOS” representados concretamente por meio de gestos que representam objetos. Este e outros exemplos de mapeamentos metafóricos são discutidos ao longo desta dissertação.

No Capítulo 3, empreendemos discussões referentes à inter-relação entre os Estudos de Gesto e a Linguística Cognitiva. Primeiramente, abordamos questões teórico-metodológicas relativas à multimodalidade, fundamentando-nos sobretudo, nas discussões realizadas por Cienki (2008, 2013, 2016). Partimos do pressuposto de que a análise de dados multimodais envolve a observação dos falantes em um evento de uso (LANGACKER, 2008), observado por meio de materiais videogravados, que incluem não apenas a língua,

como, também, diferentes sistemas semióticos, tais como gestos e linguagem corporal. No entanto, verificamos que os gestos manuais possuem um *status* especial, devido à forma/movimento que produzem e à representação de ideias no espaço, que se dá de maneira mais viável com as mãos do que com outras articulações. Além disso, gestos e fala fariam parte de um único sistema cognitivo (HOSTETTER; ALIBALI, 2008).

Com intuito de discutir questões teórico-metodológicas que as pesquisas sobre gestos revelam, articulamos as contribuições que os Estudos de Gesto fornecem a diferentes constructos da LC, tais como: a Metáfora, a Metonímia, os Esquemas Imagéticos e o *Construal* (mais especificamente a Perspectiva). Com relação às questões metodológicas relativas a pesquisas multimodais, foram exploradas as seguintes questões: o que deve ser incluído na análise (se são gestos de mão, cabeça, ou movimentos oculares)? E, além disso, o que deve ser considerado como linguagem? No caso da nossa pesquisa, escolhemos analisar os gestos manuais espontâneos, os quais são analisados de acordo com parâmetros estabelecidos pela Linguística da Língua de Sinais, tais como (BRESSEM, 2013): formato das mãos, orientação das palmas, direção do movimento e posição espacial, explorados com maior detalhe, no Capítulo 4. Já com relação à questão da linguagem, consideramo-la, em consonância com os postulados de Cienki (2016), como uma categoria prototípica, com elementos mais centrais e menos centrais. Sendo assim, consideramos que ela envolve outros sistemas semióticos, tais como os gestos manuais, expressões faciais etc, que podem se sobrepor, total ou parcialmente, à linguagem oral, em sucessivas escalas temporais.

Já no que se refere ao conceito de gesto e às categorizações gestuais, o gesto foi definido por Kendon (2004) como uma ação corporal visível que possui um papel em unidades de ação e as primeiras categorizações gestuais foram realizadas por McNeill (1992, 2005) e Müller (1998 *apud* CIENKI, 2008). Na categorização proposta por McNeill (2005), os tipos gestuais eram os seguintes: gestos rítmicos, dêiticos, icônicos e metafóricos, enquanto que, na classificação proposta por Müller (1998 *apud* CIENKI, 2008), os gestos são categorizados como discursivos, performativos e referenciais. Abordamos, no Capítulo 3, os detalhes relativos a essas categorizações distintas, focalizando, mais especificamente, a questão da referência abstrata e dos gestos metafóricos.

Nesse sentido, no que se refere a metáforas e gestos na construção dêitica, primeiramente, foi retomada a abordagem tradicional da metáfora, ressaltando o fato de que, do ponto de vista gestual, a metáfora é vista tanto em termos conceptuais quanto semióticos, podendo ser discutida em termos de mapeamentos entre domínios (*cross-domain*), como é característico dos trabalhos que utilizam a Teoria da Metáfora Conceptual. Porém, do

ponto de vista semiótico, a metáfora está relacionada a modos de pensar idiossincráticos, imagéticos, que podem ser refletidos no gesto.

Por fim, exploramos, mais especificamente, a inter-relação entre os dêiticos locativos e os gestos de apontar, uma vez que o “aqui”, objeto de análise nesta pesquisa, é definido, prototipicamente, como um dêitico locativo que possui o gesto de “apontar para baixo” como gesto prototípico. Ao explorar essa inter-relação, apresentamos os exemplos discutidos por Avelar e Ferrari (2017) com “lá” e “aqui”, nos quais as autoras observaram aparentes congruências e incongruências nos dêiticos e nos gestos. Para encerrar, é importante ressaltar a importância deste Capítulo para as análises multimodais que empreendemos, pois ele forneceu subsídios teóricos e ilustrações dos possíveis desafios e questões que podemos encontrar em nossas análises.

No Capítulo 4, detalhamos os procedimentos de coleta e análise de multimodais. Em um primeiro momento, descreveremos as três Amostras, de onde foram extraídas as 24 ocorrências—oito pertencentes a cada uma das Amostras—utilizadas em nossas análises: os telejornais abrigados no Red Hen (Amostra 1), a Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora” (Amostra 2) e o Depoimento de Lula a Moro (Amostra 3), do qual extraímos ocorrências realizadas por Lula. Como critério para seleção das Amostras, decidimos comparar Amostras de gêneros diferentes, por acreditar que a variabilidade dos gêneros influenciará na produção das ocorrências do dêitico “aqui”. Dessa forma, escolhemos Amostras pertencentes ao gênero Telejornal (disponíveis no *Distribitted Little Red Hen Lab*), ao gênero Palestra Motivacional/de Autoajuda (Palestra TEDx) e ao gênero Depoimento Oral (depoimento de Lula a Moro).

Num segundo momento, abordamos questões específicas concernentes à análise de dados multimodais, considerando, sobretudo, os gestos manuais. Apresentamos o Sistema Linguístico de Notação Gestual (LASG), em que são descritos, detalhadamente, os quatro parâmetros de análise da forma gestual: formato das mãos (e dedos); orientação das palmas; direção, tipo e qualidade de movimento; e posição espacial. Por fim, realizamos a descrição e aplicação das Orientações para a Análise de Metáforas nos Gestos (MIG-G), que englobam o Sistema Linguístico de Notação Gestual (LASG) e, apesar de terem sido elaboradas para a identificação de metáforas, servem também para a identificação de ocorrências não-metafóricas. A fim de demonstrarmos possíveis aplicações dessas orientações, selecionamos duas Amostras de análise: uma contendo uma ocorrência verbo-gestual mais prototípica do dêitico “aqui” e outra contendo uma ocorrência verbo-gestual menos prototípica do dêitico em questão.

No início do Capítulo 5, partindo do objetivo de realizar a análise dos dados multimodais, referentes às três Amostras selecionadas, criamos trilhas de análise no *software* ELAN, versão 4.8.1 (SLOETDJES, H.; WITTENBURGH, 2008), a partir das orientações descritas, no Capítulo anterior, para o MIG-G (CIENKI, 2017). A fim de demonstrarmos a aplicação das Orientações, apresentamos uma análise ilustrativa na qual as trilhas foram preenchidas considerando-se uma ocorrência mais prototípica e uma ocorrência menos prototípica do dêitico “aqui”, retiradas da Amostra 3, referente ao Depoimento de Lula a Moro. Na sequência, buscamos comparar o percentual relativo à presença x ausência de metáforas em todas as Amostras (3 Amostras, contendo 8 ocorrências do dêitico “aqui” cada, totalizando, portanto, 24 ocorrências). Buscamos verificar, também, a comparação entre a quantidade de Gestos de Apontar x a quantidade de Modos de Representação Gestual, a fim de realizarmos uma descrição mais detalhada, na qual apresentamos análises quantitativas (descritivas) e qualitativas de cada Amostra.

Para a realização da análise quantitativa, decidimos apresentar as porcentagens referentes aos Modos de Representação Gestual, agrupadas conjuntamente com os Gestos de Apontar, presentes no total de ocorrências. A partir dos resultados obtidos, procedemos à análise qualitativa de ocorrências que se apresentaram como desafios de análise, uma vez que, embora as Orientações determinem uma categorização de metáforas em termos categóricos de “presença (sim) x ausência (não)”, sustentamos, com base no princípio da Metaforicidade (CIENKI; MÜLLER, 2008), a ideia de que a emergência das metáforas ocorre de maneira gradual, podendo ser mais ou menos ativadas no discurso em curso.

Propomos, então, do ponto de vista qualitativo, representações radiais de prototipicidade para cada uma das Amostras referentes às ocorrências de uso real dos compostos verbo-gestuais contendo o dêitico “aqui”, sendo que os exemplares mais centrais correspondem àqueles em que os compostos verbo-gestuais se referem aos usos locativos do dêitico, e os mais periféricos, aos usos mais metafóricos – como, por exemplo, aqueles em que metáforas como “IDEIAS SÃO OBJETOS” – dispostas no primeiro círculo periférico da representação radial - e “TEMPO É ESPAÇO” – dispostas no círculo mais periférico da representação – emergem. Após analisarmos as ocorrências ilustrativas de cada Amostra, estabelecemos uma comparação geral entre as Amostras, na qual apresentamos Gráficos com a porcentagem total das ocorrências dos gestos de apontar encontrados nas três Amostras simultaneamente, bem como a porcentagem total dos Modos de Representação encontrados simultaneamente nas três Amostras. Por fim, realizamos uma análise quanti-qualitativa mais geral do universo amostral, tecendo comentários a respeito do percentual predominante dentre

os Modos de Representação Gestual e Gestos de Apontar encontrados, o que corrobora a hipótese de Avelar e Ferrari (2017), sobre a prototipicidade do gesto de “apontar para baixo” como o gesto prototípico que coocorre com os dêiticos locativos. A fim de empreendermos uma discussão mais refinada das ocorrências, criamos, então, uma representação radial de prototipicidade, considerando todas as funções desempenhadas pelo dêitico “aqui” encontradas. No caso das ocorrências menos prototípicas e mais metafóricas, analisamos os Esquemas Imagéticos e as Metáforas Conceptuais instanciadas, tomando como ponto de partida a representação concreta (nos gestos) de uma referência abstrata (na fala).

20 DÊITICO “AQUI”: DA VISÃO TRADICIONAL A VISÕES COGNITIVAS

Neste capítulo, buscamos estabelecer um panorama do estudo da dêixis, tanto em uma perspectiva tradicional, quanto em perspectivas cognitivas. No que se refere à perspectiva tradicional, baseamo-nos nos textos de Benveniste e, posteriormente, abordamos algumas considerações feitas por Castilho a partir de uma visão cognitivo-discursiva, para quem a “dêixis envolve as tarefas de gesticular e produzir sentenças sonoras”, preceito fundamental para lidarmos com um dos nossos objetos de estudo: o “aqui” em dados de natureza verbo-gestual. Já com relação à perspectiva cognitiva, abordamos, primeiramente, o conceito de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), a partir de conceitos correlatos que o fundamentam, tais como os conceitos de *Gestalt* e *Frame*. Em seguida, articulamos o conceito de MCI aos conceitos de Domínio Cognitivo e Esquemas Imagéticos, pois o Esquema Imagético “CENTRO-PERIFERIA” instancia o MCI prototípico da dêixis, enquanto o conceito de Domínio Cognitivo está correlacionado ao MCI menos prototípico/metafórico da dêixis, que emerge a partir de mapeamentos entre Domínios. Apresentaremos, também, outros contextos mais prototípicos e menos prototípicos da dêixis, ancorados na Gramática Cognitiva, que discute a configuração do *Construal* prototípico da dêixis de primeira pessoa, e na Gramática das Construções, a partir da qual são analisadas microconstruções verbo-locativas, em que o dêitico é metaforizado como marcador discursivo. Toda a discussão teórica empreendida neste Capítulo instrumentaliza a análise cognitiva do funcionamento do dêitico “aqui”, sobretudo em ocorrências multimodais, tanto em contextos mais prototípicos, quanto em contextos menos prototípicos.

2.1 Visão tradicional de dêixis

Um dos principais autores que estabeleceram a concepção tradicional de Dêixis, na Linguística Moderna, foi Benveniste. O termo “dêixis”, em grego, significa “ação de mostrar, indicar, assinalar”. Para definir o processo referencial da dêixis, Benveniste (1976) discorre sobre a natureza dos pronomes. Para ele, a “realidade” à qual se referem o *eu* e o *tué* unicamente “a realidade de discurso” (BENVENISTE, 1976, p. 278, grifos do autor). Dessa forma, o autor afirma que “*eu* só pode definir-se em termos de ‘locação’, não em termos de objetos como um signo nominal. *Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que contém *eu*’”. (BENVENISTE, 1976, p.278, grifos do autor). Então, de acordo com o autor, a forma “eu” só tem existência linguística no ato da enunciação em que é

proferido. Seguindo, pois, essas formulações, Benveniste propõe a definição de “eu” como o “o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*” e, conseqüentemente, estabelece uma definição para *tu* como “o indivíduo alocutário na presente instância de discurso que contém *eu*”. (BENVENISTE, 1976, p.279, grifos do autor). Nesse sentido, Benveniste assevera que as instâncias que contêm “eu” não constituem uma classe de referência (como um nome correspondente a uma noção lexical, por exemplo), pois não há objeto definível com “eu” ao qual se possam remeter essas instâncias. “Cada *eu* tem uma referência própria e corresponde a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, 1976, p.279, grifos do autor).

Benveniste também afirma que a referência à instância de discurso é o traço que une o “eu/tu” a uma série de “indicadores” – pertencentes a classes diferentes – como os pronomes, advérbios, locuções adverbiais. O autor discorre, em primeiro lugar, a respeito dos demonstrativos como este etc., na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa. Para ele,

há um traço novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância do discurso que contém um indicador de pessoa: *esse* será o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância do discurso, a referência implícita na forma associando-se a eu e tu (BENVENISTE, 1976, p.279, grifos do autor).

Segundo Benveniste (1976), pertencentes a outra classe, mas associados à mesma referência, existem os advérbios “aqui” e “agora”, que delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém “eu”. Além dos advérbios, Benveniste (1976) ressalta outros termos simples ou complexos que precedem da mesma relação como: “hoje”, “ontem”, “amanhã”, “em três dias” etc.

Já em outra obra, na qual também discorre sobre a dêixis, Benveniste (1988) discute a respeito da natureza dos pronomes e a presente instância do discurso, e defende que o termo “dêiticos” é reservado aos pronomes de valor demonstrativo e circunstancial que mensuram a proximidade/distância no tempo e espaço a partir da instância discursiva que contém “eu”, explicitamente ou não. Na concepção do autor, os dêiticos representados pelos pronomes demonstrativos são também indicadores de ostensão, ou seja, fixam fronteiras espaciais e temporais de acordo com a posição do “eu” no ato comunicativo e “implicam um gesto que designa um objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo”. (BENVENISTE, 1988, p.85). Dessa forma, para o autor, o que define a dêixis é “a relação do

indicador (quer seja de pessoa, tempo ou lugar) e a presente instância do discurso” (BENVENISTE apud CAVALCANTE, 2000, p.34).

Corroborando a visão tradicional de Benveniste, mas atualizando-a em um quadro de natureza cognitivo-discursiva, Castilho (2010) afirma que a dêixis é uma categoria que depende crucialmente da situação discursiva. Portanto, essa categoria não depende das propriedades intensionais necessárias à configuração das categorias de referência e predicação, por exemplo. O autor afirma, então, que:

o entendimento de expressões como (i) *eu, este/esse, aqui, hoje*; (ii) *você, esse/este, aí, amanhã*; (iii) *ele, aquele, lá, outrora*, entre outras, depende da situação em que elas foram veiculadas. A referência desses termos está no discurso, na situação social concreta que envolve os falantes, e não apenas nessas palavras (CASTILHO, 2010, p.123, itálicos do autor)

Para o autor, sem a dêixis e o eixo que ela organiza no discurso, não há discurso. Por último, Castilho (2010) destaca que a dêixis envolve as tarefas de gesticular e produzir sentenças sonoras, pois conflui o gesto de ostensão e a sequência de sons não diferenciais (fala). Em nossa pesquisa, também analisamos o dêitico “aqui” em dados multimodais. Essa análise do contexto multimodal envolve os gestos coverbais, os quais podem ser observados em dados videogravados. Dessa forma, para desenvolver uma pesquisa como a nossa, é essencial que haja análise empírica desses dois fatores citados por Castilho (2010): gesto de ostensão e sequência de sons não diferenciais, que são analisados, de acordo com as perspectivas da Linguística Cognitiva que adotamos, na inter-relação ou nos compostos “gesto-fala”.

2.2 Visões cognitivas da dêixis

Para tratarmos das visões da dêixis a partir do ponto de vista da Linguística Cognitiva, ancoraremos-nos, sobretudo, nas propostas de Marmaridou (2000), a respeito do Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) da dêixis em contextos mais prototípicos e menos prototípicos. Para que essas propostas sejam devidamente compreendidas, abordaremos o conceito de Modelos Cognitivos Idealizados, que se fundamenta nos conceitos de *Gestalt* e *Frame*. Arelados ao conceito de MCI, abordaremos também os conceitos de Domínio e Esquemas Imagéticos

2.2.1 Os conceitos de Gestalt, Frame e Modelos Cognitivos Idealizados

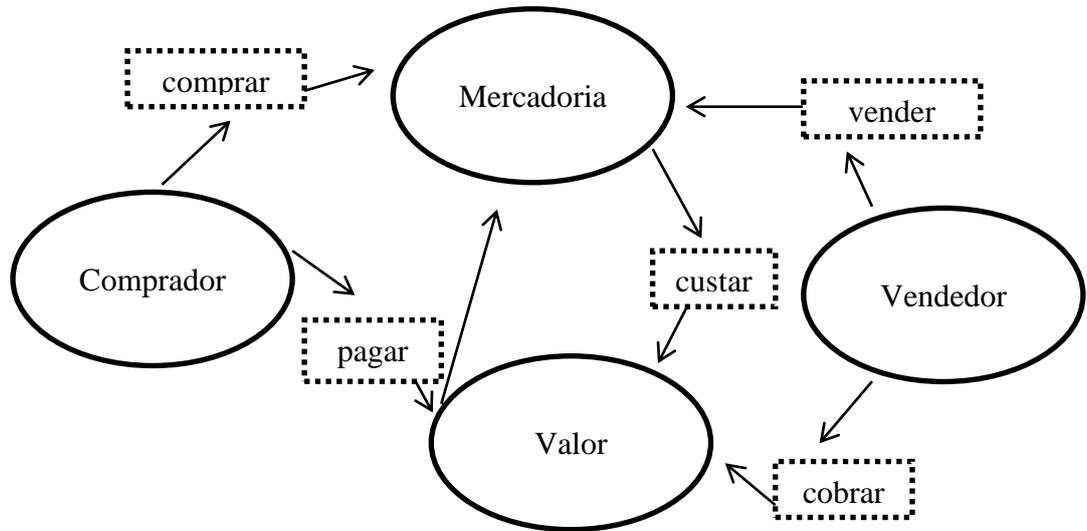
Um dos principais pressupostos da Linguística Cognitiva, conforme Ferrari (2011), é o de que o pensamento tem propriedades *gestálticas*, isto é: que os conceitos apresentam uma estrutura global, não atomística, para além da mera reunião de blocos atomísticos, reunidos composicionalmente a partir de regras específicas, tal como propõe a Semântica Vericondicional. Lakoff (1977) é quem estabelece as principais propriedades das *Gestalts*. Para ele, “*Gestalts* são estruturas que são utilizadas no processamento cognitivo. [Gestalts] São todos, cujas partes componentes adquirem uma significação adicional, devido ao fato de serem partes desse conjunto (todo)”¹.

Para Lakoff (1987), nosso conhecimento é organizado por meio de estruturas chamadas Modelos Cognitivos Idealizados (doravante, MCI). Segundo o autor, “cada MCI é um todo complexo estruturado, uma *Gestalt* que usa quatro tipos de estruturação: os mapeamentos proposicionais, os esquemas imagéticos, os metafóricos e os metonímicos”². (LAKOFF, 1987, p.68). Para fundamentar o conceito de MCI, em um primeiro momento, o autor busca explicar o conceito de *frame*, proposto por Fillmore (1986): “o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência”. Para exemplificar o conceito de *frame*, ilustraremos o *frame* “EVENTO COMERCIAL”, conforme Figura 1:

¹ Gestalts are structures that are used in cognitive processing; Gestalts are wholes whose component parts take on additional significance by virtue of being within those wholes [...],

²As ideias sobre os MCI que o autor utiliza têm sido desenvolvidas na Linguística Cognitiva e provêm de quatro fontes: a Semântica de Frames de Fillmore (FILLMORE, 1982), a Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptual desenvolvida por Lakoff e Johnson (LAKOFF; JOHNSON, 1980), a Gramática Cognitiva de Langacker (LANGACKER, 1986), e a Teoria Dos Espaços Mentais de Fauconnier e Turner (FAUCONNIER, 1985; FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Figura 1 - Relações entre participantes do frame “EVENTO COMERCIAL”



Fonte: Ferrari (2011, p.51).

Cavalcante e Souza (2010) argumentam que, se relacionarmos o grupo de palavras, ilustrado na Figura 1, respectivamente: comprar, vender, cobrar, custar, pagar, a uma compra de café expresso na universidade, por exemplo, evocamos, necessariamente, o *frame* EVENTO COMERCIAL, com o objetivo de compreender essas palavras no contexto interacional (e enunciativo) proposto. Segundo os autores, esse *frame* provém de um tipo específico de conhecimento, baseado no conjunto de experiências com o qual essas palavras se relacionam. Dessa forma, uma dada palavra destaca um *frame* ao qual está relacionado, e, por outro lado, sem o qual não pode ser compreendido, pois, como afirmam os autores (2010), todo *frame* pressupõe uma relação intrínseca entre os elementos que o compõe. Isso significa que as palavras se instituem em termos do que chamamos de “valência”³ ou “estrutura argumental”. E, conseqüentemente, em termos linguísticos, as palavras provêm de uma espécie de “rota” para ativação de uma moldura semântica particular, essa “rota” está representada, na Figura, 1 pelas setas.

Fillmore (1986) buscou estabelecer uma relação entre *frames* e protótipos. Para ele, “em alguns casos, a área de experiência na qual um *frame* linguístico se impõe é prototípica” (FILLMORE, 1986 *apud* CIENKI, 2007, p.173)⁴. A ideia de Fillmore sobre *frames* prototípicos instancia o conceito de Modelos Cognitivos Idealizados, uma vez que, para

³ Cavalcante e Souza (2010, p. 75) definem valência como a maneira como os itens lexicais podem ser combinados entre si gramaticalmente.

⁴ in some cases the area of experience on which a linguistic frame imposes order is a prototype

Lakoff (1987), “os MCI seria um conjunto complexo de frames distintos” (FERRARI, 2011, p. 53). O conceito de MCI será melhor detalhado a seguir:

um construto teórico desenvolvido por George Lakoff com objetivo de considerar os efeitos típicos encobertos pela Teoria dos Protótipos. Um MCI é uma representação mental relativamente estável que representa ‘uma teoria’ a respeito de algum aspecto de uma palavra e a quais palavras e outras unidades linguísticas podem ser relativizadas. A esse respeito, MCIs são similares à noção de frame, pois ambos relacionam-se a estruturas de conhecimento relativamente complexas (EVANS, 2007, p.104).⁵

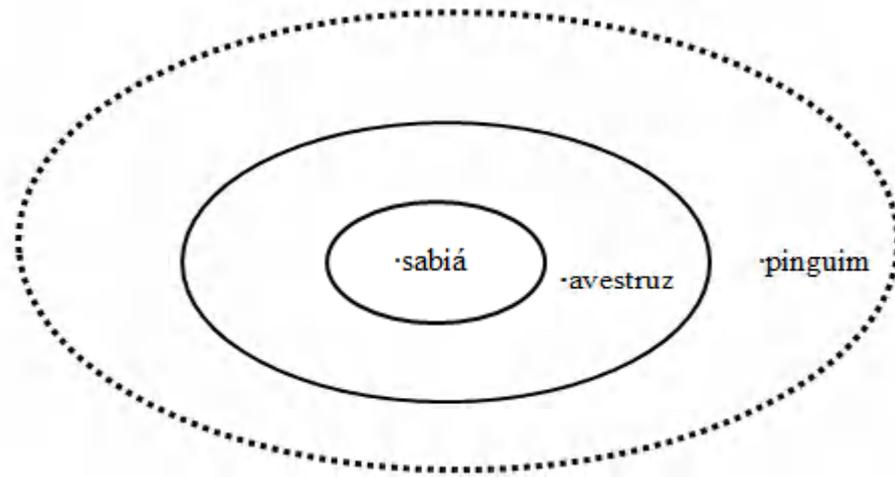
Para ilustrar o funcionamento de um MCI, Lakoff (1987) retoma a palavra “terça-feira”. Para ele, terça pode ser definida em termos de um modelo idealizado, fundamentado no ciclo natural estabelecido pelo movimento do sol, que demarcaria o padrão de categorização para o fim de um dia e o início do próximo. Entretanto, esse ciclo, natural e observável empiricamente, é idealizado linearmente em horas, que, por sua vez, são idealizadas linearmente em dias. Segundo Lakoff (1987, p.68, grifos do autor), “no modelo idealizado, a semana é um todo com sete partes organizadas em uma sequência linear; cada parte é chamada de dia, e a terceira é chamada de *terça*”⁶. Portanto, de acordo com Lakoff (1987), a semana de sete dias não existe objetivamente na natureza, ela é uma criação humana.

Ao discorrer sobre o MCI estruturado radialmente, Lakoff (1987) afirma que, nesse modelo, uma subcategoria é o centro do protótipo e as outras subcategorias são conectadas a ele por vários tipos de *links*. O resultado, conforme aponta o autor, é uma estrutura centro-periferia. Para exemplificar essa relação, retomaremos o exemplo da categoria “AVE”, fornecido por Ferrari (2011):

⁵a theoretical construct developed by George Lakoff in order to account for the typicality effects uncovered by Prototype Theory. An ICM is a relatively stable mental representation that represents a ‘theory’ about some aspect of the world and to which words and other linguistic units can be relativized. In this respect, ICMs are similar to the notion of a frame, since both relate to relatively complex knowledge structures

⁶ In the idealized model, the week is a whole with seven parts organized in a linear sequence; each part is called a *day*, and the third is *Tuesday*.

Figura 2 - Categoria Radial de “Ave”



Fonte: Ferrari (2011, p. 42).

Ferrari (2011) afirma que existem membros mais centrais que ocupam o núcleo prototípico, como o sabiá nesse caso, pois possui todas as características da categoria “AVE”: tem bico, tem dois pés, põe ovos, tem duas asas, tem pernas e pode voar. Existem, por sua vez, outros membros, como o avestruz, por exemplo, que apresentam quase todas as características definidoras da categoria, com exceção de uma, “poder voar”. Portanto, esse membro fica um pouco afastado do centro do protótipo. Já o pinguim apresenta, segundo a autora, apenas três características do protótipo (tem bico, tem dois pés, põe ovos) ficando mais próximo à fronteira categorial – entre “AVE” e “MAMÍFERO”, por exemplo.

Lakoff (1987) ressalta o fato de que, mesmo que as categorias definidas nos MCI’s fossem categorias clássicas, ainda assim existiriam efeitos prototípicos: “efeitos que surgiriam da interação de um dado esquema com outros esquemas no sistema”⁷. Para ilustrar essa questão, o autor retoma o clássico exemplo, elaborado por Fillmore (1982 *apud* Lakoff, 1987), no qual o autor discorre sobre a palavra “solteirão”⁸. Embora em termos de MCI “solteirão” seja apenas “um homem adulto não-casado”, essa idealização nem sempre corresponde ao mundo de forma precisa. Por exemplo: o MCI em questão não considera existência de padres, de casais que vivem juntos há um longo tempo, mas que não oficializaram o casamento, de homossexuais etc.

⁷effects that would arise from the interaction of the given schema with other schemas in the system.

⁸Bachelor.

Ao dissertar sobre o exemplo dado por Fillmore, Lakoff (1987) apresenta que “solteirão” é definido em relação a um MCI no qual existe uma sociedade humana, com casamentos tipicamente monogâmicos, e uma idade pré-estabelecida para que aconteçam esses casamentos. Conseqüentemente, como aponta Lakoff (1987), existem alguns segmentos da sociedade nos quais o MCI se enquadra razoavelmente bem. Por exemplo: um homem heterossexual, mais velho, não casado, poderia ser chamado de “solteirão”. Porém, existem casos de “homens adultos não-casados” que não são enquadrados pelo MCI, como o Papa e o Tarzan, por exemplo. Nesses casos, homens não-casados, certamente, não são membros representativos da categoria de “solteirões”.

Nesse sentido, Lakoff (1987) propõe que a teoria dos MCI pode abarcar os efeitos prototípicos da categoria “solteirão” da seguinte forma:

Um Modelo Cognitivo Idealizado pode enquadrar o entendimento sobre o mundo de maneira perfeita, muito boa, bastante favorável, regular, parcialmente ruim, ruim ou não enquadrar. Se o MCI no qual *solteirão* é definido enquadrar a situação perfeitamente e o indivíduo referido pelo termo for inequivocamente um homem adulto não casado, então ele será qualificado como um membro da categoria *solteirão*. O indivíduo referido se desviará do modelo prototípico de *solteirão* se o MCI falhar em enquadrar o mundo perfeitamente ou o indivíduo referido não for um homem adulto não-casado (LAKOFF, 1987, p.70, grifos do autor)⁹

Portanto, conforme exposto por Lakoff (1987), “solteirão” não seria uma categoria gradiente, pois “o MCI caracteriza casos representativos: tudo ou nada. [...] Quanto maior a adequação entre o MCI e o nosso conhecimento de mundo, mais apropriada será a aplicação do conceito; quanto menor a adequação, menor a possibilidade de aplicação bem-sucedida do mesmo” (FERRARI, 2011, p. 55). É daí, portanto, que surge a gradiência. Esse tipo de gradiência é denominada por Lakoff de “efeito prototípico simples”.

Além dos efeitos prototípicos simples, Lakoff (1987) também discorre sobre os efeitos prototípicos complexos. Para o autor, os efeitos prototípicos complexos ocorrem no momento em que um número de modelos cognitivos se combina para formar um conjunto complexo, que é psicologicamente mais básico do que os modelos tomados individualmente. Com objetivo de ilustrar a ocorrência dos efeitos prototípicos complexos, Lakoff (1987) apresenta a

⁹ An idealized cognitive model may fit one's understanding of the world either perfectly, very well, pretty well, somewhat well, pretty badly, badly, or not at all. If the ICM in which bachelor is defined fits a situation perfectly and the person referred to by the term is unequivocally an unmarried adult male, then he qualifies as a member of the category bachelor. The person referred to deviates from prototypical bachelorhood if either the ICM fails to fit the world perfectly or the person referred to deviates from being an unmarried adult male.

categorização de “mãe”. O autor aponta que, na teoria clássica, uma definição de “mãe” pode ser a seguinte: “uma mulher que deu à luz a uma criança”. Contudo, para ele, essa definição não abarca inúmeros outros casos.

Nesse sentido, “mãe” resulta da combinação de modelos complexos (*cluster models*), na qual inúmeros modelos cognitivos individuais se combinam. Esses modelos cognitivos individuais são os seguintes: “o modelo de nascimento: a pessoa que dá à luz é uma mãe[...]; o modelo genético: a mulher que contribui com o material genético é a mãe; o modelo marital: a esposa do pai é a mãe; o modelo genealógico: a ancestral mulher mais próxima é a mãe” (LAKOFF, 1987, p.74).¹⁰

Segundo o autor, é comum alguém “eleger” um modelo como o “correto”, como aquele que “realmente define” o que constitui uma mãe. No entanto, as evidências linguísticas nem sempre subsidiam essa ideia, como pode ser observado nas seguintes sentenças, as quais indicam que há mais de um critério para o que seria considerado como a “verdadeira maternidade”:

Eu fui adotado e não sei quem é minha mãe verdadeira; eu não sou uma pessoa maternal, então, eu não acho que eu possa ser uma mãe de verdade para qualquer criança; minha mãe verdadeira faleceu quando eu era um embrião e eu fui posteriormente implantado no útero da mulher que me deu à luz; eu tenho uma mãe genética que contribuiu com óvulo o qual foi implantado no útero da minha mãe verdadeira, aquela que me deu à luz e me criou. [...] (LAKOFF, 1987, p.75).¹¹

Em suma, conforme assevera o autor, mais de um desses modelos contribui para caracterizar uma “verdadeira mãe”, sendo que nem todos eles precisam estar presentes para uma caracterização desse tipo. Por fim, Lakoff (1987) propõe que o MCI de “mãe” seria aquele passível de apresentar convergências entre todos os modelos, “sendo, portanto, capaz de promover efeitos prototípicos” (FERRARI, 2011, p. 56). Consequentemente, em casos nos quais há falta de convergência entre os vários modelos, surgem expressões compostas, como “mãe adotiva”, “mãe de leite”, “mãe de criação” (FERRARI, 2011, p. 56).

¹⁰ The birth model: The person who gives birth is the mother. [...]; The genetic model: The female who contributes the genetic material is the mother; The nurturance model: The female adult who nurtures and raises a child is the mother of that child; The marital model: The wife of the father is the mother; - The genealogical model: The closest female ancestor is the mother.

¹¹ I was adopted and I don't know who my real mother is; I am not a nurturant person, so I don't think I could ever be a real mother to any child; My real mother died when I was an embryo, and I was frozen and later implanted in the womb of the woman who gave birth to me; I had a genetic mother who contributed the egg that was planted in the womb of my real mother, who gave birth to me and raised me. [...]

2.2.2 Os conceitos de Domínio e Esquema Imagético e suas relações com os MCI

O conceito de Domínio, segundo Cienki (2007), tem sido usado como construto teórico para a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e para Gramática Cognitiva. No âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), os mapeamentos acontecem entre dois domínios de experiência: um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte estaria relacionado às propriedades concretas da experiência enquanto o domínio-alvo seria abstrato. Haveria, então, um mapeamento de inferências, que é realizado de maneira unidirecional, do Domínio-fonte (concreto) para o Domínio-alvo (abstrato). Esse mapeamento pode ser observado no exemplo a seguir, fornecido por Johnson (2007), que representa graficamente a clássica Metáfora Conceptual “ATIVIDADES MENTAIS SÃO JORNADAS”:

Quadro 1 - Metáfora Conceptual: “ATIVIDADES MENTAIS SÃO JORNADAS”

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Ponto de partida A	→ Estado inicial
Ponto chegada B	→ Estado Final
Destino	→ Objetivo a ser alcançado
Movimento de A para B	→ Processo para alcançar um objetivo
Obstáculos ao movimento	→ Dificuldade em alcançar o objetivo

Fonte: Johnson, 2007, p. 177 (tradução nossa)

É importante ressaltar que os estudos sobre a metáfora constituíramo ponto de partida para o estabelecimento da Linguística Cognitiva como campo. A TMC considera a metáfora não apenas como um fenômeno linguístico, mas como um meio pelo qual as pessoas conceptualizam (de forma consciente ou inconsciente) um domínio em termos de outro. Trataremos extensivamente sobre a Metáfora ao longo deste trabalho.

Já para a Gramática Cognitiva, o conceito de Domínio foi estabelecido por Langacker (1987) e é apresentado como “uma área coerente de conceptualização relativa à qual *frames* semânticos, modelos cognitivos idealizados e unidades de domínio podem ser caracterizados”¹² (LANGACKER apud CIENKI, 2007, p. 181-182). Tratamos mais detalhadamente sobre *frames* e Modelos Cognitivos Idealizados na subseção 2.2.1 do presente capítulo.

¹²a coherent area of conceptualization relative to which semantic frames, idealized cognitive models, and domains units may be characterized.

Os Domínios, para a Gramática Cognitiva, podem ser Básicos ou Abstratos. De acordo com Cienki (2007), Domínios Básicos não podem ser reduzidos a nenhum outro domínio, e nesse sentido, eles podem ser pensados como as dimensões primitivas de uma representação cognitiva. Nossas capacidades sensoriais são exemplos de domínios básicos. Um domínio que não é básico, segundo o autor, inclui “qualquer conceito ou complexo conceptual que funciona como um domínio para uma definição de um conceito de ordem mais elevada”¹³ (LANGACKER *apud* CIENKI, 2007 p. 182). Para explicar com maior detalhe, retomaremos a definição de domínio apresentada por Evans (2007):

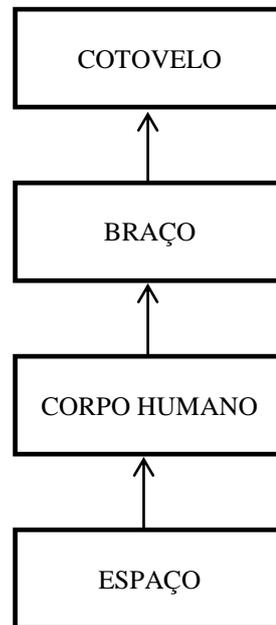
Um domínio constitui uma estrutura coerente de conhecimento que possua, em princípio, qualquer nível de complexidade ou organização. Por exemplo, um domínio pode constituir um **conceito**, um **frame semântico** ou algum outro espaço representacional ou complexo conceptual. Crucialmente, um domínio fornece um tipo específico de representação coerente de conhecimento contra a qual outras unidades conceptuais, tais como um conceito, são caracterizadas. A título de exemplo, os termos linguísticos como *quente*, *frio*, *morno* relacionam a diferentes tipos de **conceitos lexicais** que só podem ser caracterizados completamente em relação ao domínio de TEMPERATURA. Consequentemente, a função central de um domínio é estabelecer um contexto estável de conhecimento em termos de que outros tipos de unidades conceptuais podem ser entendidos (EVANS, 2007, p.61)¹⁴

Baseando-se em Langacker (1987), Ferrari (2011) ressalta que os domínios são organizados hierarquicamente e denominados coletivamente como DOMÍNIO MATRIZ. Para ilustrar essa hierarquia de complexidade semântica, a autora retoma um exemplo com a expressão COTOVELO, como pode ser observado na Figura 3:

¹³any concept or conceptual complex that functions as a domain for the definition of a higher-order concept

¹⁴A domain constitutes a coherent knowledge structure possessing, in principle, any level of complexity or organisation. For instance, a domain can constitute a **concept**, a **semantic frame** or some other representational space or conceptual complex. Crucially, a domain provides a particular kind of coherent knowledge representation against which other conceptual units such as a concept are characterised. For instance, linguistic terms such as *hot*, *cold* and *lukewarm* relate to different kinds of **lexical concept** which can only be fully characterised with respect to the domain of temperature. Hence, the central function of a domain is to provide a relatively stable knowledge context in terms of which other kinds of conceptual units can be understood.

Figura 3 - Hierarquia de complexidade semântica da expressão cotovelo



Fonte: Ferrari, 2011, p. 60

Segundo Ferrari (2011), na Figura 3, representa-se a dependência do significado de COTOVELO ao conceito de BRAÇO que, por sua vez, é compreendido em relação ao domínio CORPO e, por fim, ao domínio ESPAÇO. Trataremos com mais detalhes de categorias da Gramática Cognitiva de Langacker (1987) na subseção 2.3.1.

Após mencionarmos o conceito de Domínio, trataremos do conceito de Esquemas Imagéticos (EI):

Esquemas Imagéticos constituem um nível pré-verbale, sobretudo, não-consciente; emergente, desentido. Eles são padrões instanciados nos mapas neuronais topológicos que compartilhamos com outros animais, embora nós, como seres humanos, possuamos esquemas imagéticos específicos, que são mais ou menos característicos do nosso tipo de corpo e das características dos ambientes em que vivemos. Apesar de serem pré-verbais, eles desempenham um papel importante na sintaxe, na semântica e na pragmática das línguas naturais. Eles estão no cerne do significado, e são a base da linguagem, do raciocínio abstrato, e de todas as formas de interação simbólica (JOHNSON, 2007, p. 145)¹⁵.

¹⁵Image schemas constitute a preverbal and mostly nonconscious, emergent level of meaning. They are patterns instantiated in the topological neural maps we share with other animals, though we as humans have particular image schemas that are more or less peculiar to our types of bodies and the characteristics of the environments we inhabit. Although they are preverbal, they play a major role in the syntax, semantics and pragmatics of natural language. They lie at the heart of the meaning, and they underlie language, abstract reasoning, and all forms of symbolic interaction.

Segundo Johnson (1987, p.136) “Esquemas Imagéticos são, precisamente, estruturas da nossa experiência sensório-motora básica, pela qual encontramos um mundo que podemos entender e no qual podemos agir”¹⁶. Sendo assim, os EI constituem “um padrão recorrente e dinâmico recorrente das nossas interações que dão coerência e estrutura à nossa experiência”¹⁷ (JOHNSON, 1987, p. 18). Lakoff (1987) sugere que Esquemas Imagéticos seriam os principais elementos estruturantes de um certo MCI, pelo fato de que cada EI representa uma abstração idealizada de um padrão da nossa experiência corporal. Sendo assim, utilizamos esses EI como um modelo para conceptualização de aspectos mais abstratos das nossas vidas. Exemplos dos Esquemas Imagéticos são fornecidos por Cienki (2005) e podem ser visualizados por meio do Quadro 2:

Quadro 2 - Categorização dos esquemas imagéticos

Recipiente	Um recipiente tem um limite que separa um interior de um exterior. Pode conter coisas. Podemos ser contidos (por exemplo, numa sala), e nossos próprios corpos são recipientes.
Ciclo	Um ciclo começa por uma sequência de eventos conectados, e retorna ao estado original para recomeçar. Vivenciamos ciclos por meio do tempo na natureza e nas nossas vidas.
Força	A força implica geralmente uma extorsão de força física em uma ou mais direções. Podemos vivenciar a forças em termos de compulsões, atrações, bloqueios ou capacitações.
Objeto	Um objeto é uma coisa material que podemos ver e tocar. Podemos pensar num objeto como item discreto.
Trajectoria	Uma trajetória é uma rota para locomover-se de um ponto de partida a um ponto de chegada. Podemos seguir uma trajetória existente ou criar uma trajetória a partir da nossa locomoção própria.

Fonte: Cienki, 2005, p.431(tradução nossa)

¹⁶Image schemas are precisely these basic structures of our basic sensorimotor experience by which we encounter a world that we can understand and act within.

¹⁷ (...) a recurring dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that give coherence and structure to our experiences.

Em outro texto, Cienki (2007) aponta a relação entre o MCI estruturado radialmente, sobre o qual discorreremos detalhadamente na subseção 2.2.1, e o EI “CENTRO-PERIFERIA”: “um esquema radial estruturado proposicionalmente é caracterizado pelo esquema centro-periferia”.(CIENKI, 2007, p. 179)¹⁸. Discorreremos essa relação entre MCI e o EI “CENTRO-PERIFERIA” na próxima seção.

2.3 O MCI da dêixis: abordagem do contexto concreto mais prototípico

Com relação à estrutura imago-esquemática do MCI da dêixis, Marmaridou(2000) apresenta que ela pode ser definida como uma estrutura de “CENTRO-PERIFERIA”. Para discorrer sobre essa estrutura, retomaremos as considerações feitas por Lakoff (1987) e Johnson (1987). Ao definir o EI “CENTRO-PERIFERIA”, Lakoff (1987) estabelece que esse esquema está baseado na nossa experiência corporal. Segundo ele: “nós experienciamos nossos corpos como tendo centros (o tronco e o órgãos internos) e periferias (dedos da mão, dedos do pé, cabelos).”¹⁹ (LAKOFF, 1987, p.274). Além disso, para o autor, os centros são vistos como mais importantes que as periferias: lesões das partes centrais são mais sérias do que as lesões das partes periféricas, por exemplo.

De forma similar, o centro define a identidade de um indivíduo e as periferias, não. Lakoff (1987) exemplifica que, se uma pessoa cortar o cabelo ou perder os dedos (periferias), continuará sendo a mesma pessoa. Portanto, como afirma o autor, “a periferia é vista como parte dependente do centro, mas não o contrário [...] (má circulação poderá afetar a saúde do cabelo, mas perder o cabelo não afetará o sistema circulatório)” (LAKOFF, 1987, p.274).²⁰ Por fim, Lakoff (1987) define os elementos estruturantes do EI “CENTRO-PERIFERIA”: uma entidade, um centro e uma periferia.

Já Johnson (1987), ao discorrer sobre o EI “CENTRO-PERIFERIA”, também assume a base experiencial e corporal desse esquema. Assim, afirma que: “nosso mundo irradia a partir de *nossos corpos* como centros perceptuais, a partir dos quais nós vemos, ouvimos, tocamos, experimentamos e cheiramos nosso mundo” (JOHNSON, 1987, p.124, grifos do autor).²¹ Para ele, nosso espaço perceptual define um domínio de objetos macroscópicos que se encontram a

¹⁸a radially structured propositional ICM is characterized by a center-periphery schema.

¹⁹ We experience our bodies as having centers (the trunk and internal organs) and peripheries (fingers, toes, hair).

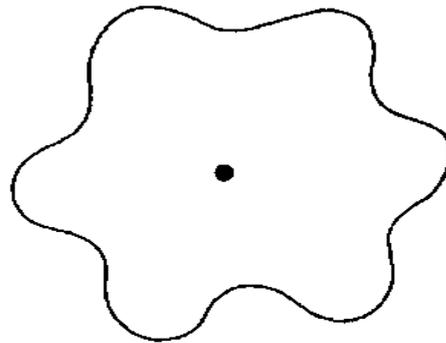
²⁰ Similarly, the center defines the identity of the individual in a way that the peripheral parts do not. [...] A person whose hair is cut off or who loses a finger is the same person.

²¹ Our world radiates out from *our bodies* as perceptual centers from which we see, hear, touch, taste, and smell our world.

distâncias variáveis de nós. Dessa forma, a partir do nosso ponto de vantagem (*vantage point*) central, podemos focalizar nossa atenção, primeiramente, em um objeto ou campo perceptual, para depois focalizarmos nossa atenção em outro. Então, o que se configura como “figura”, em um momento, pode se tornar “fundo”, em outro.

Johnson (1987, p.124) assevera que “a partir de uma determinada distância desse centro perceptual, nosso mundo ‘desaparece’ num horizonte perceptual que não mais nos apresenta objetos discretos”²². O autor ressalta que esse centro muda, conforme nos movimentamos no espaço. Assim, um novo centro perceptual pode ser estabelecido, estabelecendo novos horizontes que não estavam ao nosso alcance. Johnson (1987) representa graficamente o EI “CENTRO-PERIFERIA” conforme a Figura 4:

Figura 4 - Esquema Imagético “CENTRO-PERIFERIA”



Fonte: Johnson, 1987, p.124

Segundo o autor, o ponto central da Figura representa nosso centro perceptual e experiencial, que define, por sua vez, nosso horizonte experiencial, representado pela linha ondulada. Além de discutir o EI “CENTRO-PERIFERIA” em termos de espaço perceptual, Johnson (1987) aponta que o esquema possui uma estrutura recorrente no nosso espaço experiencial, pois, no nosso mundo, “algumas coisas, eventos e pessoas são mais importantes que outras – elas emergem em nossa experiência e são mais centrais para as nossas interações, outras são relativamente periféricas em dado ponto no tempo” (JOHNSON, 1987, p.124)²³.

Entendido dessa forma, explicitada por Johnson (1987), o EI “CENTRO-PERIFERIA” possui uma interpretação mais abstrata, pois demonstra que, além de uma estrutura do nosso campo perceptual, o EI, por extensão metafórica, exerce uma importância na estruturação do

²² At a certain distance from this perceptual center our world “fades out” into a perceptual horizon which no longer present us with discrete objects

²³ Some things, events, and persons are more important than others – they loon larger in our experience and are more central to our interactions

nosso mundo social, econômico, político, religioso, filosófico. Além da forma mais abstrata, Johnson (1987) ressalta que nosso entendimento exibe um contorno horizontal e que o ponto-chave desse entendimento consiste na natureza dos nossos corpos, nas restrições da nossa percepção, na estrutura da nossa consciência. Esses fatores, que estão envolvidos em nosso entendimento, dão proeminência à organização centro-periferia da nossa realidade, experienciada linearmente.

Johnson (1987) também destaca que o EI “CENTRO-PERIFERIA” raramente é experienciado de forma isolada. Geralmente, é sobreposto por uma série de outros esquemas que definem nossa orientação no mundo, como o EI “PERTO-LONGE”, o EI “RECIPIENTE” etc. Em suma, conforme aponta Johnson:

por meio de uma sobreposição de estruturas esquemáticas, que podem ser metaforicamente entendidas em diferentes níveis, nós desenvolvemos um conjunto complexo de estruturas significantes centrais para a nossa experiência e entendimento. (JOHNSON, 1987, p.125)²⁴

Aplicando a estrutura imago-esquemática “CENTRO-PERIFERIA” para o MCI da dêixis, abordaremos as considerações feitas por Marmaridou (2000). A autora afirma que o centro é, obviamente, o falante, enquanto a periferia implica o objeto dêitico como uma entidade no espaço. Tal como Johnson, ela também afirma que elementos da periferia dependem do centro (o falante). Esses elementos são distribuídos seguindo o que Levinson (apud MARMARIDOU, 2000) nomeou como círculos concêntricos, de proximidade espacial variável, ao longo da periferia. Por exemplo: quando o falante aponta para ele mesmo como uma entidade no espaço, a distância entre o centro e periferia é neutralizada. Sendo assim, é importante perceber que, nesse ponto, o falante também é conceptualizado como uma entidade no espaço. É isso que faz com que o “apontar-para-si” (*self-pointing; self-reference*) seja possível.

Em consonância com os pressupostos de Lakoff (1987), Marmaridou (2000) propõe que o MCI da dêixis envolve o ato de apontar para uma entidade no espaço, além de ser realizado por um falante autorizado e direcionado para um interlocutor não-focalizado. Dessa forma, uma expressão dêitica, para autora, é aquela que constrói um espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo. Em suma, o espaço mental evocado por uma expressão dêitica envolve a conceptualização de um centro

²⁴By superimposition of schematic structures, which can be metaphorically understood at a number of different levels, we develop a host of complex meaning structures central to our experience and understanding

dêitico. Fica claro que a *Gestalt* cognitivada dêixis está baseada numa representação linguística, pois trata-se de “uma representação simbólica, um ato físico que é realizado por um ser humano na presença de outro ser humano”²⁵. (MARMARIDOU, 2000, p.100).

De acordo com Marmaridou, a representação primitiva da intenção humana está, provavelmente, no centro do fenômeno dêitico. Tomando o ato físico como fonte do ato linguístico, prontamente considera-se a definição do falante como centro dêitico. Este é o centro no qual o ato é iniciado, concebivelmente pela extensão de um braço em relação à entidade no espaço. A autora discorre também sobre a estrutura proposicional do MCI da dêixis, que é formada pelo agente, pelo falante, delineando a atenção do destinatário em termos de sua relação (espacial) com o agente:

o uso dessas construções [dêiticas] por um falante particular o autoriza, automaticamente, como centro dêitico. Além disso, direcionar a atenção do destinatário para uma entidade no espaço implica que esta atenção ainda não estava focalizada na entidade. Consequentemente, ocorre a categorização do paciente como um destinatário não focalizado. E, por fim, apontar para uma entidade no espaço pressupõe a existência e definitude dessa entidade. (MARMARIDOU, 2000, p.100)²⁶

Nesses termos, a dêixis pode também ser descrita como um ato de fala que acontece por meio de diferentes construções/*construals*²⁷ gramaticais, conforme abordaremos na próxima subseção.

2.3.1 Outras abordagens menos prototípicas da dêixis: uma visão da Gramática Cognitiva

Antes de tratarmos, especificamente, da dêixis, gostaríamos de abordar alguns pressupostos da Gramática Cognitiva. Segundo Verhagen (2007), a Semântica é primordialmente cognitiva e não está baseada numa questão de relações entre linguagem e mundo (ou condições de verdade com relação a um modelo). Esse princípio se manifesta

²⁵the symbolic representation, of a physical act performed by a human being in the presence of another human being.

²⁶The use of these constructions by a particular speaker automatically authorizes her as the deictic centre, the source of the act. In other words, deictic constructions construct the speaker as the deictic centre. Moreover, directing the addressee's attention to an entity in space implies that it is not already focused on it. Hence the characterization of the patient as an unfocused addressee. Finally, pointing to an entity in space carries the presupposition of existence and definiteness of this entity

²⁷Na verdade, preferimos nomear como *construal* o que Marmaridou (2000) nomeia como “construção”, conforme será explicitado na subseção a seguir.

especialmente em pesquisas sobre significado e organização gramatical, com os conceitos primordiais de “perspectiva”, “subjetividade” ou “ponto de vista”. Esses conceitos têm em comum o fato de que capturam aspectos da conceptualização que não podem ser suficientemente analisados por meio de propriedades do objeto de conceptualização, mas, de uma forma ou de outra, envolvem, necessariamente, um sujeito.

Em Linguística Cognitiva, o termo que é utilizado para as diferentes maneiras de ver uma situação em particular é *construal*, um conceito clássico da Gramática Cognitiva lungeckariana:

Construal: uma ideia central para a Gramática Cognitiva. Relaciona-se ao modo por meio do qual um usuário da língua escolhe para “empacotar” e “apresentar” uma representação conceptual codificável na língua, que, por sua vez, possui consequências para a representação conceptual que uma sentença evoca na mente do ouvinte. Essa representação é ativada pela escolha de determinado ajuste focal e, nesse sentido, organiza linguisticamente a cena de um modo específico. Dessa forma, o falante estabelece um único *construal* na cena. Por exemplo, a construção ativa focaliza atenção no AGENTE da ação (ex.: Max escondeu as chaves de Ana), enquanto a construção passiva focaliza a atenção no PACIENTE (ex.: as chaves de Ângela foram escondidas por Max). Cada uma dessas construções codifica convencionalmente um *construal* distinto²⁸(EVANS, 2007, p. 40-41, grifo do autor)

A partir da definição do termo, é possível afirmar que as línguas dispõem de vários *construals*, ou seja, de várias maneiras de categorizar uma situação, seus participantes, propriedades e a relação entre essas três instâncias. Verhagen (2007) afirma que o fato de uma situação em particular poder ser construída de maneiras alternativas pode, do ponto de vista cognitivo, nem mesmo requerer uma justificativa extensa. O que é mais importante linguisticamente é que as línguas, sistemicamente, dispõem de *frames* distintos para os diferentes tipos de *construal*. Falar, então, sempre implica uma escolha. Nas palavras de Langacker:

Um falante que observa atentamente uma distribuição espacial de certo conjunto de estrelas pode descrevê-lo de diversas maneiras: como uma

²⁸**Construal**: an idea central to Cognitive Grammar. Relates to the way a language user chooses to ‘package’ and ‘present’ a conceptual representation as encoded in language, which in turn has consequences for the conceptual representation that the utterance evokes in the mind of the hearer. This is achieved by choosing a particular focal adjustment and thus linguistically ‘organising’ a scene in a specific way. In so doing, the speaker imposes a unique construal upon that scene. For example, the active construction focuses attention upon the agent of an action (e.g. Max hid Angela’s keys), while the passive construction focuses attention upon the patient (e.g. Angela’s keys were hidden by Max). Each of these constructions conventionally encodes a distinct construal.

constelação, um conjunto de estrelas, manchas de luz no céu etc. Tais expressões são semanticamente distintas. Elas refletem a alternância de *construals* de uma cena pelo falante, cada uma delas compatível com suas dadas propriedades. (LANGACKER, 1990 apud VERHAGEN, 2007, p.49)²⁹

Essa citação de Langacker, que descreve *construals* distintos para um simples fenômeno, envolve diferenças, sobretudo, nos *frames* de conhecimento com relação à maneira na qual determinada situação é caracterizada: uma distribuição particular de estrelas só é considerada uma constelação em uma cultura que compartilhar esse *frame* de conhecimento sobre a estrutura do céu. Porém, esse *frame* específico não é requerido para caracterizar genericamente “um grupo de estrelas”, por exemplo. Assim, nesses exemplos, um tipo de *construal* envolve *frames* de conhecimento ou Modelos Cognitivos Idealizados (conceito discutido na subseção 2.2.1). Outro tipo de *construal* que também pode ser explorado nesse exemplo, focaliza a composicionalidade da conceptualização: tanto um conjunto de estrelas quanto manchas de luz no céu envolvem uma conceptualização que ocorre por meio da combinação de vários elementos em um todo, enquanto a constelação não implica isso, pois já se refere ao todo, sem necessidade de se somar as partes.

Passemos, agora, a examinar o conjunto de categorias para classificação dos *construals*, proposto por Langacker (1987 apud Verhagen 2007): a) seleção; b) perspectiva; c) abstração. Langacker (1987 apud Verhagen, 2007) aponta que a primeira categoria refere-se à capacidade dos usuários da língua para ocuparem-se seletivamente de algumas facetas da conceptualização e ignorarem outras. A segunda compreende manifestações linguísticas de uma posição a partir da qual uma situação é vista, sendo dividida em quatro subtipos: (i) alinhamento figura/fundo, (ii) ponto de vista, (iii) dêixis, (iiii) subjetividade/objetividade. A terceira categoria langackeriana relaciona-se com a nossa habilidade de estabelecer pontos em comum entre fenômenos diferentes, de modo a abstrairmos as diferenças ou especificidades e, dessa forma, organizarmos conceitos em categorias.

Verhagen (2007) salienta que Langacker reviu esta classificação proposta em 1987. A classificação atual é constituída pelos seguintes componentes: a) especificidade; b) proeminência; c) perspectiva; d) dinamicidade. Na classificação atual, de acordo com Verhagen (2007):

²⁹ A speaker who accurately observes the spatial distribution of certain stars can describe them in many distinct fashions: as a constellation, as a cluster of stars, as specks of light in the sky, etc. Such expressions are semantically distinct; they reflect the speaker’s alternate *construals* of the scene, each compatible with its objectively given properties. (Langacker 1990a: 61)

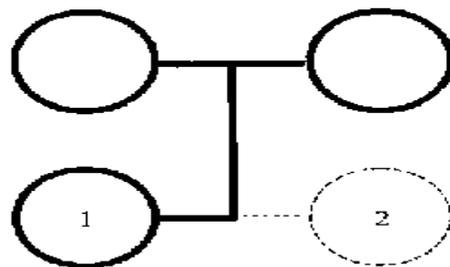
A primeira classe corresponde à categorização prévia “abstração”. A nova categoria “proeminência” envolve, especialmente, o fenômeno figura e fundo e o fenômeno anteriormente caracterizado como “Seleção”. “Perspectiva” tinha permanecido igual, com exceção do subtipo figura/fundo que, agora, foi colocado na categoria “proeminência”. “Dinamicidade” é uma categoria adicional e se refere ao desenvolvimento de uma conceptualização através do tempo em andamento (ao invés do tempo concebido). (VERHAGEN, 2007, p.53-54)³⁰

Explorados alguns conceitos básicos da teoria langackeriana, compartilhada por Verhagen (2007), e o conjunto de esquemas para classificação dos *construals*, examinaremos, a partir de agora, o conceito de Perspectivação, que é dividido por Langacker (1987) em quatro subtipos, sendo que o terceiro deles envolve a Dêixis, aspecto sobre o qual nos debruçaremos a seguir, uma vez que constitui nosso objeto de estudo. De acordo com Verhagen (2007), a dêixis faz parte do *Ground*³¹ específico, porque toma o *Ground* como de referência, pois os elementos dêiticos constituem formas linguísticas específicas. Esses itens linguísticos sempre envolvem um *Construal* em relação ao *Ground* como parte da sua caracterização semântica. O referente de “ontem”, por exemplo, não pode ser determinado sem o conhecimento sobre o tempo no *Ground*. Com itens linguísticos desse tipo, adentramos no domínio do que chamamos, tradicionalmente, de elementos dêiticos. Nesse sentido, Verhagen (2007) apresenta a atuação de dêiticos de 1ª pessoa em construções complexas, tal como representado na Figura 5:

Figura 5 - Configuração do *construal* da “dêixis de primeira pessoa”

Objeto de conceptualização:

**Sujeito de conceptualização
(Ground):**



Fonte: Verhagen, 2007, p.65 (tradução nossa)

³⁰The first class (Specificity) roughly corresponds to the previous class Abstraction. The new category of Prominence comprises especially Figure/Ground phenomena and the phenomena formerly categorized under Selection. Perspective has remained the same, except that of the subtype Figure/Ground has now been placed in the Prominence category. Dynamicity is an additional category and concerns the development of a conceptualization through processing time (rather through conceived time).

³¹ Langacker (1987, p. 128) utiliza “o termo *ground* para indicar um evento discursivo, seus participantes e sua configuração”. (tradução nossa).

Esse tipo de *construal*, ilustrada na Figura 5, possui a configuração de construções completivas como, por exemplo, “eu acho que está marcado para 16h”. Conforme Ferrari (2016), nesse caso, a cláusula matriz marca o objeto da conceptualização como um pensamento do conceptualizador (no caso, o falante). Assim a cláusula matriz não opera no nível O (objeto da conceptualização) da configuração de *construal*, mas apenas no nível S (sujeito da conceptualização) e no nível da relação estabelecida pelo verbo “achar”. Para Verhagen (2007), o *construal* apresentado anteriormente, caracteriza instâncias do que podem ser nomeadas como dêixis de primeira pessoa, e está presente em expressões como: “aqui”, (nosso objeto específico de análise), “agora”, “estes (esses, na língua falada) /isto (isso, na língua falada)³²”.

Por exemplo, ao passo que a expressão “ontem” invoca o *ground*, ela não perfila um ponto temporal no *ground* e não invoca um conceptualizador específico como distinto de outro. A expressão “agora”, por outro lado, perfila um tempo sobreposto com o do *ground* (Exemplo: o tempo previsto pelo conceptualizador 1 como tempo de comunicação – não necessariamente o momento no qual a sentença é fisicamente produzida). (VERHAGEN, 2007, p.65)³³

Já com relação especificamente à expressão dêitica “aqui”, Langacker (1987) afirma que ela se refere ao local de fala e que, assim como o “agora”, essa expressão dêitica é prototipicamente utilizada como advérbio, nos casos que o mesmo elemento do *ground* participa em uma predicação relacional. No capítulo 5, capítulo que corresponde à análise dos dados, instanciaremos discussões de ocorrências prototípicas de *construals* multimodais envolvendo o “aqui”.

2.40 MCI da dêixis: abordagens de contextos abstratos menos prototípicos

Nas próximas subseções, abordaremos a estrutura metafórica do MCI da dêixis, ilustrado por meio da análise metafórica do dêitico “aqui” em contexto multimodal, bem

³² Como estamos trabalhando com dados de língua falada, tanto nas análises com dados orais, como multimodais, acoramo-nos na proposta de Castilho (2010) de que, na fala, ocorre não há mais a distinção ternária “este, esse e aquele”, mas apenas a distinção binária “esse e aquele”.

³³ For example, while the expression yesterday does invoke the ground, it does not profile a temporal point of the ground, and it does not invoke a specific conceptualizer as distinct from another. The expression now, on the other hand, does profile a time overlapping with that of the ground (i.e., the time envisaged by conceptualizer 1 as the time of communication—not necessarily the moment at which the utterance is physically produced).

como ocorrências metaforizadas do dêitico como marcadores discursivos, em microconstruções verbo-locativas (como “olha aqui”, “escuta aqui”), também ilustradas em contexto multimodal.

2.4.1 A estrutura metafórica da MCI da dêixis

Marmaridou (2000) discorre sobre a estrutura metafórica do MCI da dêixis. Para ela, “talvez a contribuição mais significativa da metáfora com relação à estrutura da dêixis seja o entendimento dos parâmetros sociais do evento de fala, em termos de espaço físico, para estabelecer o que pode ser chamado de espaço social”³⁴ (MARMARIDOU, 2000, p.101). Baseando-se na Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), a autora aponta que o domínio experiencial do espaço físico (Domínio-fonte) é um domínio abstrato de uma determinada realidade social (Domínio-alvo), e, dessa forma, estrutura-se de uma maneira que é consistente com o nosso entendimento da realidade.

Marmaridou (2000) discorre, ainda, sobre o entendimento metafórico do tempo em termos de referência espacial (“TEMPO É ESPAÇO”). De acordo com ela, essa relação vem sendo atestada em trabalhos relevantes da área de Linguística Cognitiva, tendo sido inicialmente observada por Lakoff e Johnson (1980). Ela retoma o que foi postulado na obra dos autores: “Em inglês, tempo é estruturado em termos da metáfora “TEMPO É UM OBJETO MÓVEL” com o futuro se movendo em nossa direção, como pode ser ilustrado nos exemplos ‘chegará o tempo’; ‘o tempo se prolongou desde então’ entre outras.”³⁵ (LAKOFF apud MARMARIDOU, 2000, p.102). A autora explica que, por causa dessa metáfora, o tempo também tem recebido uma orientação frente-trás com relação à direção do movimento.

Nesses termos, o futuro está virado em nossa direção, enquanto se move para nos encontrar. Isso pode ser demonstrado em expressões como “eu não posso encarar o futuro”. Intrigantemente, quando o tempo é construído como um objeto em movimento, ele também está se movendo em direção ou para longe do falante. No exemplo “o tempo virá” (*the time will come*), o objeto está se movendo, tendo o falante como alvo ou destino. O objeto, então,

³⁴Perhaps the most significant contribution of metaphor to the structure of deixis is the understanding of the social parameters of the speech event in terms of physical space, to yield what may be called social space for the purposes of the proposed analysis

³⁵in English, time is structured in terms of the TIME IS A MOVING OBJECT metaphor with the future moving towards us, as shown in expressions like ‘the time will come when...’, or ‘the time has long since gone when...’ among others.

está se movendo ao longo de uma linha ou caminho, em direção ao centro dêitico. Concebivelmente, Marmaridou (2000) afirma que:

quando o objeto em movimento alcança o alvo, o tempo será ‘agora’, tempo central ou, em uma classificação tradicional, tempo de codificação. De maneira similar, em “o tempo já passou há muito quando...”o objeto está se movendo para longe do falante, em direção ao passado. Nesse caso, o falante é o ponto inicial de movimento. O tempo está se distanciando do centro dêitico, longe do agora, em direção ao passado³⁶ (MARMARIDOU, 2000, p.102).

Com relação ao entendimento metafórico do tempo em termos de referência espacial, recebendo uma orientação frente-trás com relação à direção do movimento, evidências também têm sido coletadas por meio do estudo dos gestos no âmbito da Linguística Cognitiva. Calbris (2008) propõe três esquemas perceptuais: Primeiramente, o eixo da simetria (dois elementos sistematicamente situados), em segundo lugar, o eixo direcional do caminhar (progressão espaço-temporal pessoal de trás para frente), e, por último, o eixo direcional da escrita ocidental (progressão dos eventos da esquerda para direita). O primeiro par de termos equivalentes é apresentado da esquerda para direita; o segundo e novo par (também da esquerda para direita) é apresentado ao longo de outra linha à sucessiva, um passo à frente do eixo espaço-temporal do falante-ator:

o eixo de progressão frente-trás é projetado no eixo transversal. Esse último não conta somente para simetria (esquerda/direita), mas é também um eixo de progressão em conformidade com a direção da escrita no Mundo Ocidental. Portanto, a progressão simétrica vai da esquerda para a direita. (CALBRIS, 2008, p.37)

Para Calbris (2008), considerando que a progressão simétrica vai da esquerda para a direita, esse eixo espacial transversal representa, metaforicamente, a progressão dos eventos observados; representa uma sucessão lógico-temporal. A autora assevera, então, que a dêixis abstrata; metafórica (do “TEMPO” em termos de “ESPAÇO” e lateralidade) emerge da nossa experiência sensório-motora do corpo, sendo motivada fisicamente. Podemos ilustrar essa motivação física na dêixis abstrata por meio de dados analisados por Miranda e Mendes (2015), como no exemplo a seguir, disposto na Figura 6:

³⁶when the moving object reaches its goal, the time will be 'now', central time or, in traditional terminology, coding time. Similarly in 'the time has long since gone when...!', the object is moving away from the speaker, towards the past

Figura 6 - Representação multimodal da Metáfora TEMPO é ESPAÇO



São as tais duas caras que eu disse e repito, uma hora diz uma coisa.

Punho fechado posicionado do lado esquerdo do corpo.



Outra hora diz outra.

Punho fechado do lado direito do corpo.

Fonte: Miranda e Mendes, 2015, p.361

Nesse exemplo, de acordo com Miranda e Mendes (2015), há uma representação verbo-gestual de metáforas que retratam uma oposição expressa no nível espacial. Nesse sentido: “DIZER UMA COISA ESTÁ À DIREITA” e “DIZER OUTRA COISA ESTÁ À ESQUERDA”. Além disso, para os autores, existe o fato de que a representação verbo-gestual ilustra uma contradição denunciada pelo candidato José Serra, que é expressa por uma oposição espacial, mas também por uma relação temporal. Essa relação metafórica de “TEMPO”, marcada em termos de “ESPAÇO” (oposição espacial), pode ser formulada da seguinte maneira: “O FUTURO ESTÁ À FRENTE” – nesse caso, para direita – e “O PASSADO ESTÁ ATRÁS” – nesse caso, para a esquerda. Portanto, a simetria corporal expressa não apenas relação espacial, mas também relação temporal. A esse respeito, assevera Calbris (2008):

Uma trajetória no espaço ou no tempo é representada por um movimento da direita para a esquerda. Porém, dado que a simetria corporal possibilita esse eixo para explicar a divisão em duas entidades/oposições, essa simetria pode ser utilizada para opor passado e futuro, ou precedência e sucessão, por meio da localização do passado do lado esquerdo e do presente do lado direito (CALBRIS, 2008, p. 42)³⁷.

Em suma, no caso da dêixis espacial estruturada metaforicamente, o tempo é estruturado em termos de espaço e lateralidade, pois, como vimos nesta seção, nas culturas ocidentais, conforme considerações de Calbris (2008), o eixo da esquerda para a direita marca, no espaço, o tempo passado (para a esquerda), presente (no centro) e futuro (para a

³⁷A path in space or time is depicted by a left-to-right movement. But given that body symmetry allows this axis to account for splitting in two as well as two-entity oppositions, it can be used to oppose past and future, or precedence and succession, by locating the past on the left side and the future on the right side

direita). No caso específico dos dêiticos e da estruturação metafórica, podemos citar um exemplo com o dêitico “aqui”. Nesse exemplo, o falante pronuncia o dêitico, em co-ocorrência com o gesto que marca o centro (presente) e, dessa forma, ilustra a metáfora conceptualdo “TEMPO” em termos de “ESPAÇO” expressa por um dêitico específico, o “aqui” (ver análise da ocorrência 16 da Amostra 2, analisada no Capítulo 5, para análise mais detalhada desse tipo de metáfora).

2.4.2. Outras abordagens menos prototípicas da dêixis: uma visão construcional

A abordagem dêitica menos prototípica que apresentaremos nesta subseção está ancorada no conceito de Construção (*construction*, distinto de *construal*) em Linguística Cognitiva:

uma unidade linguística e um construto teórico central nas Gramáticas de Construções. Uma construção constitui tipicamente uma unidade convencional pareando forma e sentido. Forma, tipicamente, envolve uma série fonológica particular de segmentos sonoros convencionalizados em uma determinada língua. Ex.: [gatv] em Português. O sentido se relaciona a uma representação mental, a saber, um **conceito lexical**, convencionalmente associado com a forma. Consequentemente, [gatv] é associado com o conceito de um tipo de animal que é usualmente tratado como animal doméstico em muitas partes do mundo. Portanto, a **unidade linguística gato** constitui uma construção, sendo compreendida como um par de forma e sentido convencional. Além disso, para as palavras completas, construções podem ser uma subparte significativa de uma palavra ou morfema (anti-des-estabelecer...), uma série de palavras que ‘pertencem’ juntas, como em uma expressão idiomática tal qual: *ele chutou o balde* ou “construções sintáticas” que possuem um **sentido maisquemático** associado. Por exemplo, a construção ditransitiva possui a seguinte sintaxe: VERB NP2 NP3, e o sentido esquemático: X CAUSOU Y PARA RECEBER Z. Construções como essa, não são **lexicalmente preenchidas**, mas representam um esquema gramatical que pode ser instanciado com palavras específicas, como na seguinte sentença: *João deu Maria as flores*. (grifos da autora, EVANS, 2007, p. 41-42)³⁸

³⁸A unit of language and the central theoretical construct in construction grammars. A construction constitutes a conventional unit pairing form and meaning. Form typically concerns a particular phonological string of sound segments conventional in a particular language, e.g. [kaet] in English. Meaning relates to a mental representation, namely a lexical concept, conventionally associated with a form. Hence, [kaet] is conventionally associated with the concept of a kind of animal which is often treated as a domesticated pet in many parts of the world. Thus the linguistic unit cat constitutes a construction, being comprised of a conventional pairing of form and meaning. In addition to whole words, constructions may be a meaningful sub-part of a word, or morpheme (antidis- establish. . . .), a string of words that ‘belong’ together, as in an idiom such as: He kicked the bucket, or ‘syntactic constructions’ which have more schematic meaning associated with them. For instance, the ditransitive construction has the following syntax: NP1 VERB NP2 NP3, and the schematic meaning: X causes Y to receive Z. Such constructions are not lexically filled, but represent a grammatical

Em uma perspectiva construcional, Texeira e Oliveira (2012) propõem um estudo que visa a apresentar, a partir de uma extensa análise de *corpus*, uma tipologia funcional dos marcadores discursivos formados a partir do esquema construcional Verbo Locativo, que incluem microconstruções com “aqui”, “aí” e “lá”:

o esquema construcional VLocMD formador de expressões tais como: (es)t(á) aí, (es)tamo(s) aí, cheg(a) aí, chega[r] lá, dig(a) aí, diga lá, escuta aqui, (es)per(a) aí, espera lá, olh(a) aí, olh(a) aqui, olha lá fal(a) aí, quero lá, segur(a) aí, sei lá, sabe lá, vá lá, vamos lá, vem cá, vê lá, que atuam como marcadores discursivos. (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012, p.20)

Conforme afirmam as pesquisadoras, essas expressões são muito produtivas no português brasileiro contemporâneo, não somente em textos orais, mas também em textos jornalísticos. Foi essa produtividade que as motivou a analisar e fazer o levantamento das funções dessas expressões. As autoras basearam a tipologia dessas expressões nos postulados de Traugott (2008), conforme pode ser observado no Quadro3:

Quadro 3 - Distribuição das expressões de acordo com a semântica verbal em níveis de esquematicidade

Nível de esquematicidade	Tipo de construção					
MACRO	VerboLocativo marcador discursivo = VLocMD					
MESO	VcogLoc (Vcognição Locativo)	VLocLoc (VlocuçãoLocativo)	VintLoc (Vintransitivo Locativo)	VmovLoc (Vmovimento Locativo)	VpercLoc (Vpercepção Locativo)	VprocLoc (Vprocesso Locativo)
MICRO	Quero lá, sei lá, sabe lá	Dig(a) aí, diga lá, fal(a) aí	(es)t(á) aí, (es)tamo(s) aí, fic(a), aí	Cheg(a) aí, chega[r] lá, vai lá, vamos lá, vem cá	Escuta aqui, olh(a) aí, olh(a) aqui, olha lá, vê lá	(es)per(a) aí, espera lá, segur(a) aí
CONSTRUCTO	Quero lá, sei lá, sabe lá	Diga aí, diga lá, fala aí	Está aí, estamos aí, fica aí	Chega aí, chega[r] lá, vai lá, vamos lá, vem cá	Escuta aqui, olha aí, olha aqui, olha lá, vê lá	Espera aí, espera aí, segura aí

Fonte: Teixeira; Oliveira, 2012, p.21

schema which can be instantiated with particular words as in the following sentence: John gave Mary the flowers.

Teixeira e Oliveira (2012) incorporaram o modelo holístico de Croft (2001), que tem como objetivo abranger todos os níveis de análise de uma determinada construção. De acordo com as autoras, nesse modelo, “o polo relacionado à forma agrupa as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, enquanto o polo do significado reúne as semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.”(TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012, p.23). Esse modelo, com as adaptações feitas pelas autoras, pode ser observado no Quadro 4:

Quadro 4 - Modelo de análise construcional

POLO	PROPRIEDADE	PARÂMETROS
FORMA	Sintática	(1) Liberdade de posição; (2) Perda de propriedades sintáticas do verbo – (não) seleciona argumento; (3) Ordenação/função do locativo; (4) Marcação de pausa por sinal de pontuação
	Fonológica	(1) Redução de material fônico; (2) Formação de grupo de força
	Morfológica	(1) Cristalização da estrutura (pessoa do discurso, configuração modo-temporal)
SENTIDO	Semântica	(1) Abstratização do sentido original por processos de (inter)subjetivação: codificação baseada na expressividade da crença/ponto de vista do falante em relação à imagem do interlocutor em um sentido social ou epistêmico; (2) Atuação dos princípios de Hopper (1991): i) presença dos sentidos mais espaciais e mais (inter)subjetivos, (ii) sentidos distintos para mesma expressão; (iii) especialização de sentidos em contextos específicos, (iv) persistência de nuances do sentido original nas formas novas, (v) sentido novo vinculado à nova categoria; (3) Relação <i>frame</i> ; (4) Renovação de categorias já existentes (marcadores discursivos)
	Pragmática	(1) Atuação de inferência sugerida nos termos de Traugott e Dasher (2005); (2) Expansão Host-class, sintática e semântica-pragmática (Himmelman, 2004); (3) Mudança funcional vinculada a contextos específicos
	Discursivo-funcional	Tipo de sequências tipológicas e gênero textual que podem favorecer a ocorrência e a frequência de determinadas construções

Fonte: Teixeira; Oliveira, 2012, p.26

Já para demonstrar as relações entre construções linguísticas e gramaticalização, as autoras recorreram à taxonomia proposta por Traugott (2008 *apud* TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012). Nessa taxonomia, as pesquisadoras apontam como elementos importantes para os níveis de esquematização:

- a) macroconstruções (por exemplo, construções transitivas circunstanciais, doravante CxnTrCir): altamente abstratas, construções esquemáticas ;
- b) mesoconstruções (por exemplo, VpercepLocMD)

(VpercepçãoLocativo); VintLocMD (VintransitivoLocativo): representa um grupo de tipos de construção relacionadas, que são ainda bastante abstratas, mas que possuem semântica e/ou sintaxe semelhante; c) microconstruções (por exemplo, *vê lá* e *(es)t(a) aí*: tipos de construção individuais; d) constructos: tokens empiricamente comprovados, que são o locus da mudança. . (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012, p.24, inserções nossas)

Ao se referirem, especificamente, à gramaticalização, Teixeira e Oliveira (2012) assumem o postulado de Traugott (2011 *apud* TEIXEIRA E OLIVEIRA, p. 24) de que: “o entendimento como redução ou como expansão do item e/ou construção não são contraditórios”. Na discussão e análise de dados, Teixeira e Oliveira (2012) postularam seus conjuntos de microconstruções, distribuídas nas mesoconstruções *VcogLoc*, *VelocLoc*, *VintLoc*, *VmovLoc*, *VpercLoc* e *VprocLoc*, conforme o Quadro apresentado pelas autoras, já referido nesta seção. Na análise realizada, foram analisados diversos exemplos retirados dos *corpora* (excertos dos textos) que continham as expressões: *(es)t(á) aí*, *(es)tamo(s) aí*, *cheg(a) aí*, *chega[r] lá*, *dig(a) aí*, *diga lá*, *escuta aqui*, *(es)per(a) aí*, *espera lá*, *olh(a) aí*, *olh(a) aqui*, *olha lá fal(a) aí*, *quero lá*, *segur(a) aí*, *sei lá*, *sabe lá*, *vá lá*, *vamos lá*, *vem cá*, *vê lá*.

Teixeira e Oliveira (2012) evidenciaram, nas microconstruções “*está aí*” e “*vê lá*”, propriedades que acreditamos que se estendam às demais microconstruções, tal como a propriedade de chamar a atenção do interlocutor, que desloca sua referência do contexto situacional para o âmbito do falante. Isso ressaltaria a função articuladora interacional e textual das expressões analisadas, “já que migraram de usos mais prototípicos, até empregos com maior grau de subjetividade, deslocando o foco de atenção do leitor/interlocutor do espaço para o texto”. (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012, p.34). Dessa forma, as microconstruções contribuem para a sequência da comunicação. A fim de ilustrar os usos menos prototípicos do dêitico aqui na perspectiva construcional descrita, dissertaremos sobre a microconstrução “*escuta aqui*”, que funciona como marcador discursivo, no capítulo de análise (Capítulo 5).

Em conclusão, as discussões abordadas neste capítulo destacam a relevância de se estudar a dêixis, não só numa perspectiva tradicional, relativa à ostensão espacial de instâncias concretas, mas também do ponto de vista cognitivo, que instrumentaliza não apenas análises de ocorrências mais prototípicas, mas também análises de ocorrências dêiticas metafóricas e metaforizadas. Sendo assim, as perspectivas instanciadas pela Linguística Cognitiva permitem que realizemos análises empíricas do dêitico “*aqui*” em contextos orais e multimodais, que apresentam ocorrências de uso real da língua e necessitam, portanto, de abordagens teórico-metodológicas que permitam tratar o fenômeno dêitico numa escala

gradativa e complexa de prototipicidade. No próximo capítulo, trataremos da correlação entre a Linguística Cognitiva e o Estudo de Gestos, a fim de demonstrar como a dêixis pode ser analisada empiricamente na inter-relação entre fala e gestos.

3 AINTER-RELAÇÃO ENTRE A LINGUÍSTICA COGNITIVA E OS ESTUDOS DE GESTO

Neste capítulo, exploramos, mais detalhadamente, a inter-relação entre a Linguística Cognitiva e os Estudos de Gesto, uma vez que esses Estudos geram novas questões e contribuições teórico-metodológicas para teorias da Linguística Cognitiva, tais como: a Metáfora, a Metonímia, os Esquemas Imagéticos, e o *Construal* (considerando, especificamente, a Perspectiva). Toda essa discussão é realizada no intuito de ressaltar como os Estudos de Gesto podem fornecer evidências empíricas para a comprovação dessas teorias muitas vezes postuladas a partir da intuição dos pesquisadores. Por fim, trataremos, especificamente, da inter-relação entre Metáfora, Dêixis e Estudos de Gesto, em que definimos o Gesto de Apontar como o gesto prototípico da Dêixis. Além disso, abordamos também os gestos de “representar”, que ocorrem em contextos menos prototípicos de uso da Dêixis. Discutimos, especificamente, a inter-relação entre os Dêiticos Locativos e os Gestos de Apontar, tanto em ocorrências mais prototípicas, quanto menos prototípicas, já que nosso objeto de estudo é o dêitico locativo “aqui”, em ocorrências orais e multimodais.

3.1 Novas questões e contribuições teórico-metodológicas do Estudo de Gestos para a Linguística Cognitiva

De acordo com Cienki (2016), há um crescente número de trabalhos dedicados à pesquisa sobre gestos na área de Linguística Cognitiva (LC)³⁹. Para o autor, “certamente, o campo da LC está na linha de frente dessa conexão (CIENKI, 2010a, 2013a). Nenhuma outra escola linguística tem abraçado o Estudo de Gestos na extensão que a LC tem” (CIENKI, 2016, p. 604).⁴⁰ Os primeiros trabalhos a disseminarem ao grande público essa inter-relação entre gestos manuais e cognição foram os de Adam Kendon⁴¹, que serão retomados ao fim da presente seção, e os de David McNeill, que apresentaremos a seguir e detalharemos na próxima subseção.⁴²

McNeil (2005) argumenta que os gestos co-discursivos emergem, em tempo real, a partir do desempacotamento (*unpacking*) das unidades de ideias dos falantes, nomeadas como

³⁹ Cognitive Linguistics, Journal of Cognitive Linguistics e Cognitive Semantics

⁴⁰ Indeed, the field of CL is at the forefront of supporting this link (Cienki 2010a, 2013a). No other school of linguistics has embraced gesture studies to the extent that CL has

⁴¹ Kendon, 2004; 1981

⁴² McNeill; 1992

Pontos de Crescimento. Esse processo envolve interações entre os morfemas e construções disponíveis na língua que está sendo falada e a imagem construída pelos falantes a partir das unidades de ideias disponibilizadas pela língua. Essa ideia está em consonância com a hipótese do “pensar para falar” (*thinking-for-speaking*) proposta por Slobin (1996). Essa hipótese, de acordo com Slobin (1996, p.76) “envolve selecionar as características dos objetos e eventos que (a) estabeleçam alguma conceptualização do evento (b) e que sejam rapidamente decodificáveis na língua”.⁴³ Para Cienki (2016), nessa hipótese, diferentes recortes gramaticais de categorias aspectuais, em diferentes línguas, são associados aos modos distintos que os falantes das línguas possuem para construir os eventos. Dessa forma, esses modos distintos também podem ser expressos por qualidades de movimento gestual distintas - a categoria “qualidade de movimento” será abordada com mais detalhe na seção 5.2.3 do capítulo 5.

Como exemplo de um estudo que investiga a “qualidade gestual”, Cienki cita o estudo de Becker e colaboradores (BECKER, 2011 *apud* CIENKI, 2016, p. 610). Nesse estudo, os autores investigam a qualidade dos movimentos gestuais que acompanham os verbos nas formas de tempo/aspecto passado em Francês, Alemão e Russo. Em Francês, por exemplo, há uma diferença aspectual, em formas verbais no passado, entre os aspectos imperfeito e perfeito. Já em Russo, no entanto, existe uma única forma verbal de passado, tanto para o aspecto perfeito, quanto para o imperfeito.

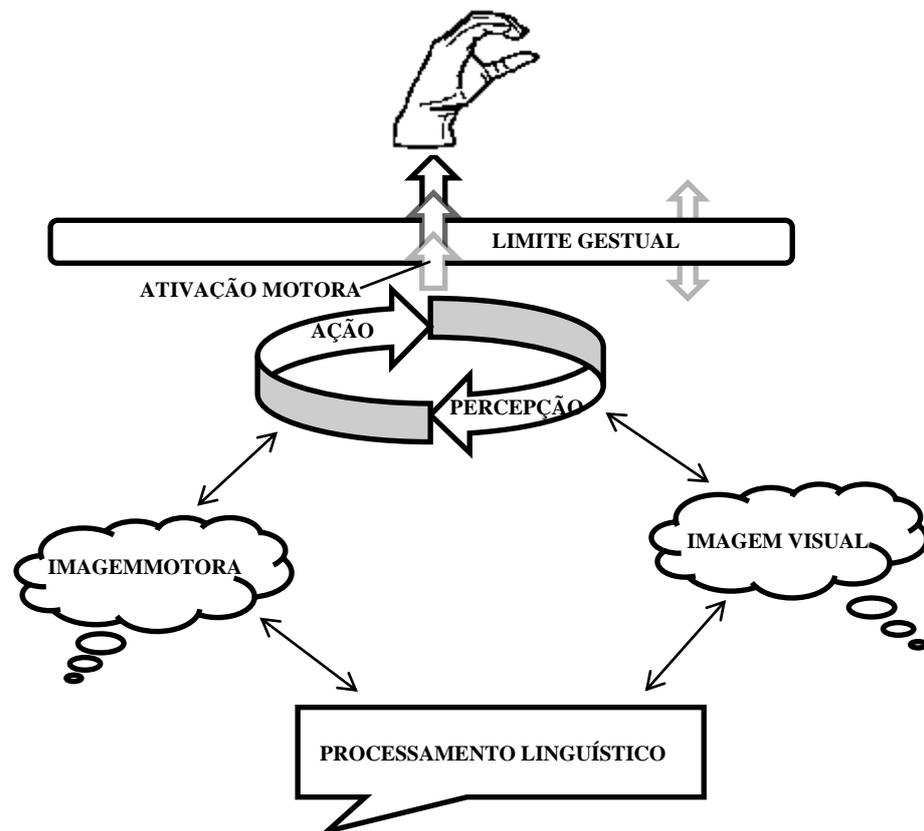
De acordo com Cienki (2016), uma análise das narrativas elencadas pelos falantes nativos dessas duas línguas, Francês e Russo, tem demonstrado que os gestos utilizados com o *passé composé* francês (aspecto perfeito) foram produzidos frequentemente com maior esforço (qualidade de movimento). Por outro lado, com os verbos no *imparfait* (aspecto imperfeito), os gestos foram produzidos com menor esforço (qualidade de movimento). Por sua vez, os falantes de Russo produziram gestos com esforço significativamente maior, independente do aspecto gramatical utilizado no tempo passado, perfeito ou imperfeito. O autor argumenta que as diferenças encontradas nos modos de gesticular dos falantes sugerem diferentes maneiras de “pensar para falar” (*thinking for speaking*), ao considerarmos esses dois aspectos gramaticais.

Cienki (2016) argumenta que uma colaboração importante dos Estudos de Gesto para a LC diz respeito à análise de comportamentos gestuais, na tentativa de compreender os processos de simulação mental. Para resumir e estabelecer uma visão geral dessa pesquisa,

⁴³⁴³ Involving picking the characteristics of objects and events that (a) fit some conceptualization of the event, and (b) are readily encodable in the language

Cienki (2016) cita o trabalho de Marghetis e Bergen (2014 apud CIENKI, 2016, p. 609). Nesse trabalho, os autores explicam que há uma evidência de conexões entre simulação mental e gestos, em termos de produção e compreensão. Ao que tudo indica, a simulação mental dos falantes molda suas produções gestuais. Para ilustrar essa conexão entre simulação mental e gestos, Cienki (2016) retoma o trabalho de Hostetter e Alibali (2008), que apresentam um modelo que se tornou bastante influente nos estudos sobre gestos: o modelo de Gestos como Ação Simulada. Nesse modelo, os gestos emergem a partir das nossas simulações perceptuais e motoras que sustentam a linguagem corporificada e a imagem mental, tal como ilustrado na Figura a seguir:

Figura 7 - Esquema dos Gestos como Ações Simuladas (GSA)



Fonte: Hostetter & Alibali, 2008, p.503 (tradução nossa)

Conforme Hostetter e Alibali(2008), no modelo disposto na Figura 7, a correlação entre percepção e ação está no centro do sistema. Dessa forma, as setas circulares representam a influência da ação sobre a percepção e vice-versa. Em outras palavras, a percepção

determina a ação potencial, assim como a ação determina o que é percebido. Por essa razão, essa relação é crucial para a interação *online* dos seres humanos com o mundo. No entanto, de acordo com as teorias da cognição corporificada, a relação entre percepção e ação também é crucial para o pensamento *offline* a respeito do mundo. Portanto, de acordo com os autores, o processamento e imagem mental (representados nos balões da Figura 7) são atingidos via simulação de percepção e ação – simulações que ativam ou instanciam novamente estados de percepção e ação. Nesse sentido, ações simuladas envolvem ativação de áreas neurais que estão relacionadas ao planejamento de ações físicas. Já as simulações perceptuais envolvem áreas neurais que se relacionam com a percepção dos objetos físicos e, como resultado, também envolvem ativações neurais de áreas que estão relacionadas à utilização ou reação dos indivíduos perante objetos. Em suma, Hostetter & Alibali (2008) afirmam que o modelo de Gestos como Ação Simulada estabelece que três fatores contribuem para a ativação envolvida na simulação ser, de fato, realizada como um movimento ostensivo, tal como um gesto: 1) a força da ativação da ação simulada; 2) o peso do limiar gestual atual⁴⁴ do falante; e 3) o engajamento simultâneo do sistema motor de fala ao sistema de ativação do gesto, que, segundo os autores, seriam parte de um único sistema de imagem mental.

Ao tratar de simulações, Cienki (2016) cita alguns estudos empíricos⁴⁵ que têm dado suporte à ideia de que a simulação de experiências corporais possui um papel no processamento de expressões metafóricas. Wilson e Gibbs (*apud* CIENKI, 2016, p. 609), por exemplo, demonstraram que realizar ações corporais, como a de agarrar (isto é: estender e, posteriormente, fechar a mão) facilita o entendimento de uma expressão metafórica que nomeia esse movimento (como, por exemplo, “Eu peguei a ideia”). Por outro lado, realizar uma ação corporal inadequada (como, por exemplo, a de mastigar), dificulta o entendimento metafórico da mesma sentença (“Eu peguei a ideia”).

Sendo assim, “os gestos podem servir no isolamento perceptual dos objetos e, assim, encenarem um esquema sensorio-motor existente que [pode] ter equivalentes metafóricos na língua” (CIENKI, 2016, p.609)⁴⁶. Em suma, Cienki (2016) afirma que o Estudo de Gestos licencia a revisão de algumas hipóteses e teorias empregadas na LC, tais como: Teoria da

⁴⁴ Definido por Hostetter & Alibali (2008) como: o nível de ativação por meio do qual o falante não consegue inibir a expressão de gestos como ações simuladas.

⁴⁵ Boulenger et al. 2009; Gibbs 2006; Wilson e Gibbs, 2007. As referências originais estão no artigo de Cienki (2016).

⁴⁶ gestures serve in perceptual isolation of objects and thereby enact existing sensorimotor schemata that [can] have metaphoric equivalents in language

Metáfora Conceptual, Semântica de Simulação etc, pois a pesquisa em comunicação multimodal pode explorar o potencial explanatório dessas teorias de forma mais completa.

Em relação à análise de metáforas em contexto multimodal, objetos de nossa análise, Cienki (2016), em várias de suas obras, elenca o gesto como um dos domínios do comportamento não-verbal que tem fornecido evidências para o argumento de que as metáforas são parte do pensamento, e não somente da linguagem verbal, e que a cognição possui uma base corporificada. Uma evidência disso é o fato de os gestos encenarem o Domínio-fonte de uma metáfora, enquanto a fala só é capaz de conter o Domínio-alvo. Um exemplo de gestos que encenam o Domínio-fonte de uma metáfora, fornecido por Miranda e Mendes (2015), pode ser visualizado na Figura 8:

Figura 8 - Representação multimodal da metáfora: “A VERDADE É UMA RETA”



“Então, eu acredito que a gente num pode ter duas caras, a gente tem que agir de maneira **honest**a”

Fonte: Miranda e Mendes, 2015, p. 354.

Nesse exemplo, de acordo com os autores, a candidata Dilma Rousseff acusa seu oponente, José Serra, utilizando uma metáfora relacionada à mentira: “MENTIR É TER MIL CARAS”. Posteriormente, apesar de não utilizar nenhuma expressão metafórica, a candidata realiza um gesto vertical para baixo que caracteriza o Domínio-alvo da “VERDADE”, encenado na fala, por meio do domínio-fonte da “LINHA RETA”, encenada nos gestos. Nesse sentido, os autores apontam que as palavras e gestos podem expressar diferentes funções ao mesmo tempo: a palavra “honesta” esclarece o domínio-alvo da metáfora (“VERDADE”), enquanto o gesto (“LINHA RETA”) demonstra um modo de visualizarmos esse alvo, encenado corporalmente pelo Domínio-fonte.

Do ponto de vista metodológico, de acordo com Cienki (2016), a partir do momento em que vídeos de fala espontânea são analisados como *corpus*, especialmente vídeos nos quais há interação de fala, torna-se difícil voltar a utilizar exemplos baseados na intuição introspectiva, tal como proposto originalmente na Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), uma vez que é muito difícil encontrar esses exemplos na língua falada. O

autor aponta que os exemplos produzidos por meio da introspecção podem ser imaginados (por quem os produziu) como uma modalidade “neutra” (com potencial para serem encontrados em textos escritos e no discurso oral), mas, na verdade, tais exemplos fabricados não são produzidos da mesma forma na conversação.

Cienki (2016) também ressalta que, no processo da realização da transcrição, pode-se perceber como é fácil cair na armadilha de seguir as convenções da forma escrita de uma língua falada, “corrigindo” o que os falantes dizem, às vezes, sem nenhuma restrição. Para o autor, o assunto torna-se mais complexo quando levamos um *corpus* de vídeo em conta. O mesmo tipo de “hipercorreção” pode entrar em jogo na análise gestual. Por exemplo:

quando é citada uma forma gestual que já tem sido produzida em um *corpus* de vídeo, os pesquisadores por vezes tornam-se conscientes de possuir uma esquematização ou, de algum modo, normatização da forma gestual que veem(CIENKI, 2016, p. 607).⁴⁷

A tentativa de esquematização da forma gestual pode envolver, como aponta Cienki (2016), uma realização mais exagerada do movimento, visando exemplificá-lo para alguém, tal como ocorre no exemplo fornecido pelo autor: “‘ele balançou o braço assim’ enquanto balança seu próprio braço em um arco muito maior do que o envolvido no gesto original do falante” (CIENKI, 2016, p. 608)⁴⁸. Além disso, às vezes, a esquematização envolve a influência da semântica das palavras que acompanham o gesto (ex: “reproduzir um gesto que segue as palavras *pull out* (puxar) com um formato da mão mais prototípico do que aquele que foi utilizado pelo falante-gesticulador no *corpus* de vídeo”) (CIENKI, 2016, p. 608).⁴⁹ Em suma, para ele, olhar para a língua falada em uma situação real de uso pode revelar que o objeto de investigação não é o que poderia ser previsto com base na intuição.

De acordo com Cienki (2016), engajar-se na pesquisa sobre gestos envolve videografar os falantes ou, pelo menos, assistir às gravações deles, para se estabelecer o *corpus* de pesquisa. As inúmeras decisões a serem tomadas confrontam o linguista a partir do momento em que ele precisa estabelecer um padrão, dentre vários, para a transcrição dos dados orais do vídeo em *corpus* de fala. Porém, se o ponto de partida a ser levado em consideração é o gesto, o número de questões torna-se muito maior, ao considerarmos a informação visual que nos é

⁴⁷When citing a gesture form that one has seen produced in video data, gesture researchers sometimes become aware of having schematized or somehow “normalized” the gesture form that they saw

⁴⁸he swung his arm like this” while swinging one’s own arm in an arc that was much bigger than the speaker’s original gesture

⁴⁹reproducing a gesture that went with the words “pull out” with a more prototypical hand shape than that used by the original speaker-gesturer in the video data).

disponibilizada. É exatamente esse ponto que pretendemos analisar neste trabalho: como o dêitico “aqui” emerge em dados orais e em dados multimodais? A partir de uma análise-piloto, pudemos identificar que: os dados multimodais instanciam metáforas não-instanciadas nos dados orais; os dados multimodais requerem procedimentos de análise específicos, que levem em consideração, tanto a descrição, quanto a análise dos gestos (c. f. capítulo 3).

Cienki (2016) afirma que uma primeira questão, direcionada ao pesquisador, pode ser: que tipo de movimentos o pesquisador deseja incluir na análise? Pois, teoricamente, “o ‘gesto’ pode englobar qualquer tipo de movimento/esforço corporal visível”⁵⁰ (KENDON, 2004 p. 7). No entanto, normalmente, os estudos específicos estão focalizados em partes específicas do corpo, definidas a partir dos objetivos do pesquisador. Mãos, cabeça e/ou movimentos oculares têm se tornado os objetos de estudo mais comuns entre os linguistas que pesquisam sobre os gestos no discurso. Segundo Cienki (2016), as mãos têm um *status* especial, devido às formas e movimentos que elas podem produzir. Essas formas e movimentos permitem a elas desempenharem uma vasta gama de funções comunicativas. Em particular, os gestos manuais podem representar ideias no espaço de um modo menos viável às outras articulações do corpo.

Como disserta Cienki (2016), o uso da língua ocorre em diversos contextos, em diferentes registros e em diferentes gêneros. Ele assevera que, se levarmos a sério o mote da Linguística Cognitiva de que a língua é baseada no uso, percebemos que o contexto de língua em uso deve ser prioridade nos estudos linguísticos. Esse mote constitui o que Clark (1973) denominou como “encontro canônico”:

Este é o encontro no qual pessoas se encaram face-a-face, em uma distância curta, e dessa forma são o ‘campo perceptual positivo’ um do outro, para a percepção tanto das mensagens verbais, quanto não verbais de cada um, se eles tiverem uma visão e uma audição típicas (CLARK, 1973 apud CIENKI, 2016, p. 605).⁵¹

Considerando as configurações da linguagem face-a-face, Cienki (2016) levanta uma questão fundamental para as pesquisas em comunicação multimodal: o que conta como linguagem? Para responder a essa última questão, Langacker (2008) propõe que a gama de expressões que integra um evento de uso é muito ampla. De acordo com Langacker (2008, p.

⁵⁰ “gesture” can encompass any kind of visible, effortful, bodily movement

⁵¹ This is one in which people are facing each other a short distance apart, and thus are in each other’s “positive perceptual field” for the perception of both verbal and nonverbal messages from each other if they have typical vision and hearing

457), o evento de uso “inclui todos os detalhes fonéticos de uma sentença, como também qualquer outro tipo de signo, tais como os gestos e a linguagem corporal (considerando até mesmo os ferormônios)”⁵². Para Cienki (2016), fica claro que o que Langacker (2008) apresenta é um quadro teórico que não é meramente linguístico, mas que engloba um amplo escopo semiótico.

Nesse sentido, o autor (2016) afirma que os “eventos de uso comunicativo baseados no encontro canônico face-a-face, mesmo que sejam por meio de material audiovisual, são diferentes daqueles nos quais o interlocutor não é coapresentado e não pode ser visto ou ouvido” (CIENKI, 2016, p. 606).⁵³ Dessa forma, para o autor, a comunicação baseada na oralidade e a comunicação baseada na escrita são fundamentalmente diferentes em vários parâmetros (perceptuais, temporais, espaciais etc), sendo também diferentes os comportamentos que podem se tornar convencionalizados e entrincheirados.

Consequentemente, em linha com as pesquisas que indicam a natureza prototípica das categorias linguísticas em diferentes níveis (tais como as dos fonemas, morfemas palavras e construções sintáticas), Cienki (2016) propõe que a língua pode ser considerada, por ela mesma, uma categoria prototípica, com itens léxico-gramaticais que funcionam como os exemplares centrais, correlacionados a outros sistemas semióticos – como, por exemplo, os contornos entoacionais na ausência de palavras, os diferentes tipos de gestos etc. Esses outros sistemas semióticos constituem categorias que podem se sobrepor ao sistema semiótico da língua em graus variáveis, de maneira dinâmica, ao longo de várias escalas temporais. Para o autor, essa abordagem se aplicaria tanto às línguas faladas individualmente, quanto à ampla categoria do que constitui a linguagem.

Considerando ainda sistemas semióticos que vão para além da língua falada, o autor também ressalta semelhanças entre os Estudos de Gesto e a Linguística da Língua de Sinais. A combinação de parâmetros como formato das mãos, orientação das palmas, movimento e posição espacial são normativamente aceitos como um sinal em dada língua de sinais e podem ser usados para descrições gestuais que coocorrem com a língua oral – essa descrição gestual que leva em conta os quatro parâmetros supracitados será realizada na seção 5.2 do Capítulo 5. Para ilustrar essa relação entre língua de sinais e os gestos espontâneos, Kendon (1989a

⁵²it includes the full phonetic detail of an utterance, as well as any other kinds of signals, such as gestures and body language (conceivably even pheromones)

⁵³Communicative usage events based on the canonical face-to-face encounter, even if they are digitally mediated audio-visually, are different in nature and in substance from those when the interlocutor is not co-present and cannot be seen or heard

apud MCNEILL, 2005) propõe um *continuum*, que apresenta, em um extremo, o sinal (da língua de sinais) e, em outro, os gestos espontâneos, como pode ser ilustrado na figura 9:

Figura 9 - Continuum de Kendon



Fonte: McNeill, 2005, p.07 (tradução nossa)

Na verdade, cada categoria do *continuum* constitui uma “nuvem” de comportamentos, que podem ser sobrepostos em graus e momentos variados. De acordo com Cienki (2013), o foco das pesquisas sobre gestos é em gestos espontâneos utilizados durante a fala, concentrando-se, principalmente, nos gestos manuais. Os gestos são categorizados pelo autor (2013) como “movimentos espontâneos das mãos e braços acompanhados pela fala” (MCNEILL, 2005 apud CIENKI, 2013, p. 184)⁵⁴, os quais, no *continuum* de Kendon (2004), são denominados como “gesticulação”. Kendon (2004), por sua vez, define o gesto como uma ação corporal visível que possui um papel em unidades de ação. No entanto, o autor focaliza seus estudos nos gestos manuais.

De acordo com Kendon (2004), um gesto manual prototípico passa por três fases: preparação, golpe, retração. Porém, é a fase do golpe que é considerada para que se constitua, minimamente, um gesto. Essa fase é definida por McNeill (1992 apud CIENKI, 2008, p.06) como “a fase desempenhada com a qualidade de ‘esforço’, um conceito desenvolvido para a notação de dança”⁵⁵. Cienki (2008) afirma que a fase do golpe gestual é, portanto, o núcleo de um gesto em termos sinestésicos. Além disso, o golpe é também a fase gestual que é primordial para determinar a função do gesto como um todo. Portanto, o golpe “é, semanticamente, a parte do gesto que carrega o conteúdo” (MCNEILL, 1992 apud CIENKI, 2008, p. 6)⁵⁶

⁵⁴ spontaneous movements of the hands and arms accompanying speech

⁵⁵ the phase carried out with the quality of ‘effort,’ a concept developed for dance notation

⁵⁶ Semantically, it is the content-bearing part of the gesture.

Ancorando-se no *continuum* de Kendon, Cienki (2008) afirma que os gestos diferem entre si em graus de convencionalidade de suas formas e funções. O autor aponta a existência de uma gradiência para os gestos, que compreende desde aqueles que têm sentidos fixos na cultura na qual são utilizados, tal como os emblemas, até aqueles que são produzidos espontaneamente e, na maior parte das vezes, involuntariamente, sendo que o sentido posterior dependerá, então, amplamente do contexto. Como afirma Cienki (2008), os tipos de gestos formadores, estereotipados, são chamados de “emblemas” (“o termo que foi proposto primeiramente por Efron (1941) e desenvolvido em um sentido amplamente aceito por Ekman e Friesen (1969).” (CIENKI, 2008, p.6)⁵⁷. Os emblemas constituem a primeira categoria presente no *continuum* de Kendon. Como exemplos de emblemas, o autor fornece os seguintes: o gesto de “OK” americano, feito a partir da junção do polegar com a ponta do dedo indicador, formando um contorno de anel; ou o gesto de “polegar para cima”, indicando uma avaliação positiva, realizado com o polegar estendido para cima, na direção vertical e os demais dedos dobrados. A respeito dos gestos espontâneos, o autor (2008) afirma que, como não possuem sentidos predeterminados, podem fornecer *insights* nos processos de formulação do pensamento enquanto a linguagem é produzida. Após apresentarmos a definição de gesto e, especificamente, de “golpe gestual”, discorreremos, especificamente, a respeito dos gestos metafóricos. Para tanto, abordaremos, mais detalhadamente, a inter-relação entre Metáfora e Estudos de Gesto, já esboçada na presente seção.

3.1.1 A inter-relação entre a Metáfora e os Estudos de Gesto

Tal como abordado no capítulo 2 (subseção 2.2.2), as metáforas verbais são exploradas como expressões linguísticas de mapeamentos unidirecionais entre Domínios (o Domínio-fonte e o Domínio-alvo). Exemplos de mapeamentos desse tipo (c.f. Figura 3 da subseção 2.2.2, que exemplifica a metáfora conceptual “ATIVIDADES INTENCIONAIS SÃO JORNADAS”) seguem a lógica das primeiras formulações acerca da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), na qual as metáforas conceptuais poderiam expressar não somente as palavras faladas ou escritas (isto é: a conceptualização linguística), mas também outras formas de conceptualização humanas. Porém, na primeira fase da teoria, os autores, Lakoff e Johnson (1980), tratavam apenas de expressões linguísticas.

⁵⁷The term first proposed by Efron (1941) and developed into its currently accepted sense in Ekman and Friesen (1969)

Segundo Cienki e Müller (2008), o primeiro estudioso que levou em conta que os gestos poderiam ser utilizados metaforicamente foi o fisiologista e psicólogo Wilhelm Wundt (1832–1920). Na obra *Völkerpsychologie* (1922), Wundt (1922 *apud* CIENKI; MÜLLER, 2008) lança uma discussão a respeito dos “gestos simbólicos”, os quais transfeririam os conceitos expressos a partir da perspectiva de um domínio para outro. De acordo com Cienki e Müller (2008), nessa obra, Wundt (1922) cita exemplos de tempo como espaço e da transferência do abstrato para o perceptual. No entanto, conforme afirmam Cienki e Müller (2008), a inter-relação entre os tópicos “Metáfora e Estudos de Gesto” só recebeu uma atenção maior no final do século XX, após o início dos estudos sobre a Metáfora Conceptual no início dos anos 80, e a expansão dos Estudos de Gesto, que aconteceu, efetivamente, a partir dos anos 90.

A formulação da Metáfora como um fenômeno conceptual amplo ganhou reconhecimento empírico a partir de pesquisas como a de gestos, realizada por McNeill (1992, 2005). Segundo o autor, os gestos metafóricos são incluídos como um dos quatro tipos de gestos espontâneos que coocorrem com a fala. Esses quatro tipos são:

Rítmicos (gestos rítmicos que marcam as palavras e as frases como significantes para o seu conteúdo discursivo/pragmático), dêiticos (apontam para entidades concretas ou espaços particulares), icônicos (descrevem a forma ou movimento de entidades físicas, ou a relação física entre eles), e metafóricos (aqueles que o conteúdo pictórico apresenta uma ideia abstrata). (CIENKI, 2008, p. 7)⁵⁸

Cienki (2008) discorre sobre outra classificação para os gestos metafóricos, em uma perspectiva diferente da proposta por McNeill. O autor argumenta que os gestos icônicos e metafóricos descritos por McNeill (1992) são, na verdade, signos icônicos iguais, porém, o que os distingue é se eles estão descrevendo um referente em si (uma referência concreta a uma entidade, ação ou relação) ou se o referente é uma outra entidade ação ou relação cujo tópico está sendo caracterizado (nesse caso, afirma o autor, temos uma referência abstrata). A classificação adotada por Cienki (2008) foi, na verdade, proposta por Müller (1998 *apud* CIENKI, 2008), conforme a seguinte descrição:

⁵⁸beats (rhythmic gestures which mark words or phrases as significant for their discourse/pragmatic content), deictics (point at concrete entities or at particular spaces), iconics (depictive of the form or movement of physical entities, or the physical relation between them), and metaphoric (whose pictorial content presents an abstract idea).

Gestos discursivos, os quais estruturam uma sentença (tais como realizar batidas para enfatizar, ou contar os pontos lógicos, que são feitos com os dedos de uma mão), gestos performativos, os quais encenam atos de fala (tais como descartar ou oferecer uma ideia em um movimento radial, ou demandar algo com a mão aberta, palma para cima), e gestos referenciais, os quais podem se referir a algo concreto ou abstrato. (CIENKI, 2008, p. 08)⁵⁹

Em outro trabalho, Cienki (2013) salienta que a distinção entre referência concreta e abstrata implica uma descrição dos gestos em termos de modo de representação gestual – esses modos de representação estão descritos com mais detalhes na seção 3.2 do presente Capítulo. Para o autor, o ponto central é que a descrição de um gesto como metafórico envolve a interpretação do mapeamento entre dois Domínios. Conforme Cienki (2013), existem diversos caminhos por meio dos quais a metáfora na língua falada e nos gestos podem se relacionar. A primeira possibilidade é quando uma mesma imagem aparece, tanto nas palavras, quanto nos gestos, ao mesmo tempo. Isso pode ser observado por meio do exemplo a seguir fornecido por Miranda (2013):

Figura 10 - Metáfora correspondente nas palavras e nos gestos



Aí se trata de ser coerente, de num ter duas caras,

Uma hora uma [cara],

Movimento pendular do corpo para o lado esquerdo com o rosto posicionado deste lado.



Outra ora, outra [cara].

Movimento pendular do corpo para o lado direito, com o rosto posicionado deste lado.

Fonte: Miranda, 2013, p.88

Neste exemplo, podemos observar que o candidato à presidência à época, José Serra, realiza gestos com o corpo (cabeça), mostrando ambas as faces, após pronunciar a expressão

⁵⁹discourse gestures, which structure an utterance (such as making beats for emphasis, or counting out the logical points one is making on the fingers of one hand), performative gestures, which enact speech acts (such as dismissing an offer or idea with a motion sweeping away, or requesting something with a hand held out open, palm up), and referential gestures, which can refer to something concrete or to the abstract.

metafórica “duas caras”. Quando diz, conforme Figura 10, “**Uma hora uma** [cara]”, movimenta o corpo (rosto) para o lado esquerdo e quando diz **Outra ora, outra** [cara] movimenta o corpo (rosto) para o lado direito. Para Cienki (2013), expressões como essa, que possuem o mesmo Domínio-alvo nas palavras e nos gestos, não precisam, necessariamente, ocorrer simultaneamente em ambas as modalidades, podendo, assim, ocorrer consecutivamente ou parcialmente sobrepostas no tempo. Além disso, dado o fato de que os gestos, às vezes, precedem ligeiramente as sentenças verbais que os acompanham, a imagem do conceito do Domínio-fonte pode ser produzida ligeiramente antes no gesto e, posteriormente, ser expressa nas palavras, como Domínio-alvo.

A segunda possibilidade de o Domínio-fonte ser encenado nos gestos e o Domínio-alvo, nas palavras, foi exemplificada na seção 3.1 do presente capítulo (Figura 8), em que Dilma apresenta metaforicamente a “VERDADE” (Domínio-fonte), expressa nas palavras, como uma “LINHA RETA” (Domínio-alvo), expressa nos gestos. Segundo Müller e Cienki (2009), esse fenômeno pode fornecer suporte ao argumento de que as metáforas constituem um fenômeno cognitivo amplo. Sendo assim, as metáforas podem ocorrer em várias modalidades e sucessivamente no tempo.

Portanto, em vez de abordarmos a Metáfora como um fenômeno estático, abordamos a Metaforicidade, como uma propriedade dinâmica dos itens linguísticos. Assim, conforme afirmam os autores, “quanto mais pistas que direcionam a atenção dos interlocutores à qualidade metafórica da expressão verbal metafórica, mais alto o grau de ativação cognitiva da metaforicidade no falante (e também potencialmente no destinatário)” (CIENKI; MÜLLER, 2008, p. 497)⁶⁰.

Baseado em Müller (2004), Cienki (2008) elenca três parâmetros importantes quando se considera metáforas conceptuais e expressões metafóricas. São eles:

O grau de convencionalidade de uma metáfora conceptual em uma dada cultura (do convencional para o novo); o grau de convencionalidade de uma expressão metafórica em uma dada cultura (do convencional para o novo); o grau no qual uma expressão metafórica é destacada em uma dada instância de uso (do convencional para o novo). (CIENKI, 2008, p. 09).⁶¹

⁶⁰the more cues that direct the attention of the interlocutors to the metaphoric quality of a verbal metaphoric expression, the higher the degree of cognitive activation of metaphoricity in the speaker (and also potentially the addressee).

⁶¹the degree of conventionality of a conceptual metaphor in the given culture (from conventional to novel); the degree of conventionality of a metaphoric expression in the given culture (from conventional to novel); the degree to which a metaphoric expression is highlighted in a given instance of use (making it cognitively less or more salient).

Nesse sentido, segundo Cienki (2008), no estudo da linguagem, uma questão que pode surgir é o que significa dizer que uma expressão é metafórica. Primeiro, podemos notar que as metáforas conceptuais podem ser categorizadas ao longo de uma escala, que vai da convencionalidade para criatividade. Para demonstrar essa questão, o autor apresenta o seguinte exemplo: a partir das pesquisas existentes em línguas dominantes na Europa e América, pode-se concluir que, em termos culturais, é muito mais convencional conceptualizar a “VIDA COMO UMA VIAGEM”⁶² do que a “VIDA COMO UMA BANANA”⁶³. Metáforas conceptuais inovadoras necessariamente requerem expressões inovadoras. Para mapeamentos mais convencionais, por outro lado, existe uma escala que parte das formas de expressão mais convencionais até as mais inovadoras.

Cienki (2008) argumenta, então, que o potencial de ativação da metaforicidade é escalar, de maneira que as metáforas conceptuais subjacentes às expressões metafóricas podem ser mais ou menos congeladas ou descongeladas, ou, mais ou menos adormecidas ou acordadas.

Cienki (2008) afirma que a mesma escala de convencionalidade utilizada para expressões metafóricas se aplica aos gestos espontâneos realizados com o discurso. Essas variações compreendem desde o uso de uma metáfora convencional juntamente com uma expressão verbal convencionalizada, até o uso de novas expressões, utilizadas somente uma vez em um dado contexto, e, em alguns casos, jamais utilizadas novamente. E assim como o uso das expressões metafóricas nas palavras (convencionais e novas) pode ser destacado no contexto, tornando-as metaforicamente mais salientes, o mesmo processo de saliência pode ocorrer com as expressões metafóricas nos gestos. Dessa forma, para o autor, apesar dessa saliência ser esperada no uso criativo do gesto, ela também pode ocorrer potencialmente com o uso de uma forma gestual mais convencional. Para esse caso, o autor utiliza um exemplo gerado a partir da METÁFORA DO CONDUTO.

Essa metáfora, muitas vezes, é corporificada na forma de uma mão frouxamente côncava, com a palma para cima, sendo utilizada quando o falante está apresentando uma nova ideia para o ouvinte. Mesmo esse tipo de gesto, altamente convencional, pode ser destacado pelo direcionamento do gesto do falante, ou pelo uso de marcação prosódica (acento enfático, alongamento ou contorno extremo do *pitch*) no discurso acompanhado pelo gesto. Além disso, como aponta Cienki (2008), a expressão de um mesmo Domínio-fonte para

⁶² LIFE AS A JOURNEY

⁶³ LIFE AS A BANANA

um mesmo Domínio-alvo, tanto nas palavras como nos gestos, pode destacar o mapeamento metafórico entre esses domínios

Em suma, do ponto de vista gestual, a Metáfora é vista tanto em termos conceituais, quanto semióticos. Segundo Cienki e Müller (2008), a metáfora pode ser discutida em termos de mapeamentos entre domínios (*cross-domain mappings*), como é característico dos trabalhos que utilizam a Teoria da Metáfora Conceptual. Mas a Metáfora também está relacionada a modos de pensar idiossincráticos, imagéticos, que podem, às vezes, ser refletidos no gesto. A análise semiótica, por exemplo, focaliza o uso metafórico a partir de diferentes formas icônicas produzidas por meio do gesto. Já o gesto, como argumentam Cienki e Muller (2008), assim como a metáfora:

é analisado a partir de diferentes pontos de vista. Por um lado, o gesto é estudado como uma janela para os processos de pensamento do falante/gesticulador. Argumenta-se que o gesto pode revelar o pensamento metafórico e acontecer na presença ou na ausência de um discurso que o acompanhe. Por outro lado, observamos como o gesto pode ser usado como uma ferramenta para o falante/observador com construir o conteúdo pretendido pelo falante. (CIENKI e MÜLLER, 2008, p.1)⁶⁴

As discussões empreendidas nesta subseção serão aplicadas, especificamente, a ocorrências verbais, gestuais e verbo-gestuais do dêitico “aqui”, em dados de natureza multimodal. Pretendemos observar o grau de convencionalidade/prototipicidade em dados dessa natureza.

3.1.2 A inter-relação entre a Metonímia e os Estudos de Gesto

Feitas as considerações sobre Metáfora e sua relação com os Estudos de Gesto, discutiremos a inter-relação entre a Metonímia e os Estudos de Gesto. Essa discussão foi empreendida por Lakoff e Johnson (1980) em sua obra seminal “*Metaphors We Live By*”, ainda que de maneira mais tangencial. Nessa obra, há proposições como: “conceitos metonímicos nos permitem conceptualizar uma coisa por meio da sua relação com outra” (LAKOFF; JOHNSON, 1980). As pesquisas subsequentes em Metonímia na Linguística

⁶⁴analyzed from different points of view. On one side, gesture is studied as a window onto the thought processes of the speaker/gesturer. It is argued that gesture can reveal metaphoric thinking, which may be taking place with or without accompanying speech. On the other side, we see how gesture can be used as a tool by the hearer/viewer in order to construct the speaker’s intended meaning.

Cognitiva têm, em sua maior parte, mantido essa abordagem ampla sobre o que constitui a Metonímia.⁶⁵

Em uma perspectiva contemporânea dentro a LC, segundo Radden e Kovecses (1999), a metonímia pode ser definida como um processo cognitivo no qual uma entidade conceptual, o veículo, estabelece acesso a outra entidade conceptual, o alvo, no interior de um mesmo modelo cognitivo. Essa definição pode ser indiferentemente aplicada a diferentes tipos de expressão ou entidades conceptuais, tais como: verbais, gestuais ou de outros tipos. No entanto, para Cienki (2013), fica claro, a partir das pesquisas existentes, que a metonímia expressa em palavras e expressa em gestos funcionam de formas bem diferentes.

Cienki e Müller (2006) estabelecem que a metonímia é um bloco constituído por gestos de apontar e gestos representacionais. Dessa forma, o “apontar demonstrativo” não indica um referente completo por si só: o “apontar” funciona como um índice localizável para esse referente (CIENKI, 2013). Conforme ressalta Cienki (2013), isso se aplica tanto a referências de entidades concretas, quanto para a dêixis abstrata (MCNEILL; CASSELL; LEVY, 1993). Na dêixis abstrata (c. f. subseção 2.4.1 do Capítulo 2), falantes apontam para um espaço vazio quando, na verdade, se referem a uma nova ideia que está sendo apresentada ou a um referente prévio, já introduzido anteriormente para o interlocutor. Em suma, o falante aponta para uma entidade física (referência concreta) ou um espaço que é metonimicamente associado a uma ideia (referência abstrata).

Cienki (2013) apresenta o seguinte exemplo para ilustrar ocorrências desse tipo: “[a metonímia emerge] se você apontar para o espaço onde alguém estava recentemente quando mencionou alguma coisa que ele/ela tenha pronunciado”⁶⁶. O autor destaca que o “apontar metonímico” para o referente abstrato também envolve a metáfora, pois a “IDEIA” é possivelmente imaginada como um “OBJETO” invisível. Esse postulado de Cienki (2013) é de essencial importância para a nossa pesquisa sobre o dêitico “aqui”, especificamente em dados multimodais, uma vez que, por meio da análise das Amostras e da aplicação das teorias, os gestos que coocorrem com esse dêitico podem criar uma transposição mental do espaço do

⁶⁵O crescente papel da Metonímia Conceptual como tópico de estudo em LC tem dado origem a trabalhos como os de Barcelona 2000; Dirven e Parings, 2002; Panther e Radden, 1999, citados por Cienki (2013). Já a publicação de trabalhos que estabelecem a conexão entre metonímia e o estudo de gestos a partir de uma abordagem cognitiva explícita está apenas começando. Para essa área, Cienki (2013) cita os trabalhos de Cienki 2007; Cienki e Müller, 2006; Mittelberg 2006, 2008; Mittelberg e Waugh, 2009.

⁶⁶if you point to a space where someone recently stood when mentioning something that s/he had uttered

objeto no espaço abstrato, além de marcar metonimicamente o índice localizável de uma ideia no espaço.

Além dos gestos de apontar, os gestos representacionais também envolvem, inerentemente, a metonímia. Para Cienki (2013), todos os quatro Modos de Representação (“encenar”, “corporificar”, “moldar” (3D) e “desenhar” (2D)), que serão abordados em maior detalhe na seção 3.2 do presente Capítulo) representam somente parte de alguma ação ou entidade. Isso se aplica independentemente de os gestos representacionais serem utilizados para se referirem a uma entidade concreta ou abstrata/metafórica⁶⁷. Por exemplo: “a encenação gestual de ‘escrever à mão no ar’ não envolve nenhum instrumento de escrita ou papel: mas, via metonímia, a ação mostra partes de um todo de uma ‘cena de escrita’”⁶⁸(CIENKI, 2013, p. 189). Isso leva Mittelberg e Waugh (2009^{apud} CIENKI, 2013) a argumentarem que o mapeamento metonímico é, semioticamente e cognitivamente, um pré-requisito para o mapeamento metafórico em gestos metafóricos.

Um último fato que Cienki (2013) destaca com relação à metonímia é o de que as metonímias, em palavras e em gestos, diferem no modo como se realiza a referência, em termos quantitativos. Dada a ubiquidade da metonímia nos gestos referenciais, mas não em todas as palavras referenciais, existe uma diferença quantitativa na expressão na metonímia: ela é menor nas palavras do que nos gestos. Por fim, o autor aponta a seguinte conclusão: “um gesto disponibiliza, potencialmente, uma rica fonte de dados para pesquisas em como os humanos empregam a metonímia conceptual em suas expressões e cognitivamente durante uma interação face a face” (CIENKI, 2013, p. 189).⁶⁹Abordaremos essa questão da metonímia no dêitico “aqui”, atrelada aos gestos de “apontar” e de “representar”, em nosso capítulo de análise (Capítulo 5).

3.1.3 A inter-relação entre os Esquemas Imagéticos e os Estudos de Gesto

A terceira inter-relação que discutiremos será entre os Esquemas Imagéticos e os Estudos de Gesto. Para Cienki (2013), a importância da esquematicidade, em relação a como a linguagem representa o significado, tem sido reconhecida desde os estudos iniciais no

⁶⁷Como reiteram os trabalhos de Cienki, 2007; Cienki e Müller, 2006. Essas referências encontram-se no texto original de Cienki (2013)

⁶⁸the gestural re-enactment of writing by hand in the air actually involves no writing instrument or paper: but via metonymy the action shows parts of a whole "writing scene."

⁶⁹gesture provides a potentially rich source of data for research on how humans employ conceptual metonymy both in their expressions and cognitively during face-to-face interaction.

campo da Linguística Cognitiva. Tal como discutimos no Capítulo 2 (subseção 2.4.1), os trabalhos de Lakoff (1987) e Johnson (1987) articulam os Esquemas Imagéticos como padrões básicos da nossa experiência física (tais como os esquemas de: “CAMINHO”, “CONTAINER”, “EQUILÍBRIO”, “CENTRO-PERIFERIA”) que estabelecem a base para compreender Domínios mais abstratos. Além disso, na Gramática Cognitiva de Langacker (1987), também discutida no Capítulo 2 (subseção 2.3.1.), é discutida a esquematicidade, em vários níveis.

Baseando-se nessas obras⁷⁰, Cienki (2013) afirma que os Esquemas Imagéticos constituem uma ferramenta importante que utilizamos para conceptualizar, reter informações e reconhecer aspectos físicos do mundo que percebemos, permitindo-nos utilizar, posteriormente, essa informação para o pensamento abstrato. Especificamente em relação aos trabalhos sobre Esquemas Imagéticos e sua conexão com os Estudos de Gesto, Cienki (2013) esclarece que os EI’s têm sido focalizados em diferentes perspectivas: alguns trabalhos consideram a recepção, respondendo à pergunta sobre “como os esquemas imagéticos são padrões nos quais observadores podem facilmente acessar a interpretação dos gestos dos falantes”⁷¹ (CIENKI, 2005, p. 423).

Outros trabalhos, por sua vez, consideram a produção, tendo em foco a questão de “como os esquemas imagéticos podem fornecer motivação estrutural para as formas encontradas nos gestos espontâneos”⁷²(CIENKI, 2013, p.190). No entanto, como afirma o autor (2013), os Esquemas Imagéticos não são somente tipos esquemáticos de imagens encontradas nos gestos, uma vez que os gestos também envolvem a esquematização de outros tipos de imagem, como, por exemplo, padrões geométricos. Esses padrões são instanciados, sobretudo, quando são motivados por representações icônicas de referentes que são objetos físicos; ou quando os gestos representam Domínios-fonte concretos de referentes metafóricos abstratos, tais como os conceitos gramaticais, tipicamente explicados de forma diagramática⁷³. Cienki (2013) também ressalta que algumas famílias gestuais têm sido interpretadas como uma esquematização de ações. Pesquisas⁷⁴ têm considerado que famílias gestuais como “mão aberta, palma para cima” (*Palm-up open-hand-PUOH*) estão na origem do ato de apresentar,

⁷⁰O autor também se baseia em outras obras relevantes, como a de Talmy (1983), que centra-se na natureza esquemática do significado das classes fechadas de palavras. A referência encontra-se no texto original de Cienki (2013)

⁷¹ how image schemas are patterns which observers can easily access to interpret speakers' gestures

⁷² how

image schemas may provide structural motivation for the forms found in many spontaneous gestures

⁷³Essa diagramação gestual geométrica de conceitos gramaticais é atestada no trabalho de Mittleberg (2010), citado por Cienki (2013)

⁷⁴Kendon, 2004; Müller, 2004; Streeck, 1994, Müller et al, 2013 Essas referências encontram-se no texto original de Cienki, 2013

metaforicamente, alguma ideia para um destinatário. Outras pesquisas⁷⁵ consideram a família gestual de negação: gestos de mão estendida, com a palma para baixo, movida horizontalmente para fora, de forma tensa; ou gestos com a palma vertical, movida descendentemente, à frente ou ao lado do torso, de forma rápida, podem, esquemática e metonimicamente, corporificar uma faca ou o movimento de “cortar”.

Em suma, ancorando-se nas pesquisas sobre famílias gestuais, Cienki (2013) afirma que a esquematização de ações nos gestos estabelece um tipo de estrutura que pode ser aplicada em contextos com sentidos ou funções mais abstratas/metafóricas: por exemplo, um gesto de “mão aberta, palma para cima” pode significar a oferta ou a apresentação de argumentos, assim como o gesto de “cortar” pode acompanhar uma fala sobre um processo de interrupção. Para o autor (2013), esses gestos esquemáticos desempenham uma função discursiva/pragmática⁷⁶, ou mesmo performativa, tal como ocorre nos atos de fala.⁷⁷

De forma geral, a inter-relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos demonstra o modo pelo qual podemos visualizar a estrutura imago-esquemática de muitos gestos. Verificaremos, em nossas análises do dêitico “aqui”, como essas estruturas são instanciadas, tanto na fala, quanto nos gestos.

3.1.4 A inter-relação entre Construal e Perspectiva e os Estudos de Gesto

Nesta subseção, trataremos da inter-relação entre o *Construal*, mais especificamente, a *Perspectiva*, e os Estudos de Gesto. Tal como visto no Capítulo 2 (subseção 2.3.1), o conceito de *Construal* chancela a ideia de que a conceptualização é realizada por indivíduos específicos, sempre a partir de uma certa *Perspectiva*. Conforme postulada por Langacker (1987), a *Perspectiva* corresponde, especificamente, à habilidade de conceber e retratar a mesma situação em modos alternativos. Esses conceitos (*Construal* e *Perspectiva*) alinham-se à abordagem baseada no uso, que, como verificamos no início deste capítulo (seção 3.1), é adotada pela Linguística Cognitiva.

Para Cienki (2013), a metáfora é inerente à palavra “*Perspectiva*”, isto é, “enxergar um ponto a partir de um ponto de particular”. Do ponto de vista multimodal, os gestos representacionais e os gestos de apontar mostram algo (concreto, ou abstrato via metáfora) a

⁷⁵Calbris, 2003; Müller et al, 2013. Essas referências encontram-se no texto original de Cienki (2013).

⁷⁶Müller, 2004; Streeck e Hartge, 1992. Essas referências encontram-se no texto original de Cienki (2013).

⁷⁷Müller, 1995b; Müller e Haferland, 1997. Essas referências encontram-se no texto original de Cienki (2013).

partir de uma perspectiva física. Um fator que interfere diretamente nos gestos realizados pelo falante, é, por exemplo, se ele narra uma história do ponto de vista do personagem ou do observador. Como exemplo, o autor retoma o clássico trabalho de McNeill (1992 *apud* CIENKI, 2013), no qual é feita uma descrição de como os falantes gesticulam quando contam uma história após assistirem uma cena de desenho animado na qual um gato (o Frajola) se balança, em umacorda, de um prédio para outro.

Nessa simulação, alguns falantes narram o evento enquanto agarram as duas mãos e as movem em direção do ombro, de um lado para o outro horizontalmente, como se segurassem uma corda e se balançassem (ponto de vista do personagem). Outros falantes suspendem as mãos, movendo-as de um lado para o outro, descrevendo as oscilações do gato (ponto de vista do observador da ação). A diferença aparece nos enunciados, mas apenas de forma sutil. Um grupo, a partir do ponto de vista do personagem, diz: “e ele tenta se balançar a partir...”⁷⁸, ressaltando a falta de sucesso do gato. Enquanto outro grupo, a partir do ponto de vista do observador, diz: “e você o vê se balançando...”⁷⁹ – colocando o narrador “dentro do mundo fictivo”⁸⁰ (MCNEILL, 1992 *apud* CIENKI, 2013) da história que está sendo contada. Cienki (2013) aponta que, em experimento realizado com essas narrativas, a diferença entre as perspectivas torna-se muito mais clara para o grupo experimental que ouve a história e visualiza os gestos, do que para o grupo experimental que tem acesso apenas às transcrições das narrativas.

Entretanto, Cienki (2013) argumenta que o ponto de vista nem sempre está relacionado à perspectiva da cena. Segundo o autor, outro fenômeno construcional discutido na Linguística Cognitiva é a descrição de cenas estáticas em termos de processos dinâmicos. Esse fenômeno foi denominado por Talmy (1996 *apud* CIENKI, 2013) de “movimento fictivo”⁸¹. Por exemplo: em sentenças como: “Essa estrada sai de Vitória da Conquista e vai para o Rio de Janeiro”, é usado um verbo de movimento para caracterizar uma cena estática que reflete a dinâmica de escaneamento mental do movimento, a partir de um ponto de vista particular.

De acordo com o autor (2013), evidências desse escaneamento mental do movimento fictivo têm sido coletadas também nos Estudos de Gesto⁸². É discutido, por exemplo, como os matemáticos produzem gestos que representam, metaforicamente, certos conceitos, em termos

⁷⁸ and he tries to swing from ...

⁷⁹ you see him swinging

⁸⁰ inside the fictive world

⁸¹ fictive motion

⁸² McNeill, 1992; Núñez, 2008. Essas referências encontram-se no texto original de Cienki (2013)

de eventos de movimento: os gestos possuem uma dinamicidade que não é inerente às definições formais dos axiomas matemáticos. A partir de exemplos como esse, Cienki (2013) afirma que os gestos podem fornecer evidências de como a conceptualização ocorre em termos de movimentos fictivos, mesmo quando o movimento fictivo não é evidente nas expressões convencionais, verbais ou escritas. Aplicaremos esses conceitos de *Construal*, Perspectiva e movimento fictivo à nossa análise de dados.

3.2 A inter-relação entre Metáfora, Dêixis e os Estudos de Gesto

Retomando algumas considerações de Marmaridou (2000), sobre o MCI da Dêixis, em consonância com algumas considerações feitas por Kendon (2004), sobre os gestos de apontar, definimos esse gesto como o gesto prototípico da Dêixis. Cienki (2013) elenca dois modos de gesticular: “apontar” e “representar”. Por “apontar”, o autor refere-se ao movimento de uma parte do corpo “a qual parece ter sido focalizada em uma direção definida e clara, como se fosse direcionada a um alvo específico”⁸³ O foco estabelecido por Cienki (2013) envolve, sobretudo, os gestos manuais. Estendendo essa relação para outras partes do corpo (tais como cabeça e lábios, por exemplo), Kendon (2004, p. 200) define os “gestos de apontar” como “indicadores de um objeto, localização ou direção, que são descobertas pela projeção de uma linha reta do ponto mais distante da parte do corpo que está sendo estendida para fora, no espaço que se estende além do falante”.⁸⁴ A definição de Kendon (2004) assemelha-se, em muitos aspectos, à descrição do EI “CENTRO-PERIFERIA”, realizada por Johnson (1987), na qual o autor assume a base experiencial e corporal desse esquema. Segundo ele, o centro muda conforme os movimentamos no espaço. Assim, um novo centro perceptual pode ser estabelecido, estabelecendo novos horizontes que não estavam ao nosso alcance.

Entretanto, em contextos de uso menos prototípico do dêitico, a fala pode ser acompanhada por outro modo de gesticular diferente do “apontar” – como no exemplo apresentado no Capítulo 2, do “Escuta aqui”, acompanhado por um gesto de “moldar um objeto redondo”. Dessa forma, segundo Cienki (2013), outro modo proeminente de gesticular envolve o ato de “representar”, sendo que a representação gestual pode ser realizada de

⁸³ referring to the movement of a body part "which appears to be aimed in a clearly defined direction as if toward some specific target

⁸⁴As indicating an object, a location, or a direction, which is discovered by projecting a straight line from the furthest point of the body that has been extended outward, into the space that extends beyond the speaker

diferentes maneiras. De acordo com Cienki (2013), os Modos de Representação podem envolver:

(i) Reencenar uma ação a qual se poderia normalmente fazer com a as mãos, tal como: segurar a mão e movimentá-la horizontalmente como se segurasse uma caneta e escrevesse; (ii) utilizar a(s) mão(s) para representar uma entidade pela substituição dela e, assim, corporificando-a, como quando alguém segura a mão próxima ao ouvido com os três dedos médios curvados, o polegar estendido para cima, e o dedo mindinho para baixo, com o objetivo de representar um aparelho telefônico; (iii) colocar as mãos ou os dedos de um modo como se segurasse ou ficasse próximo a duas ou três formas dimensionais (representação adjacente), tal como se um observador pudesse inferir o formato das suas mãos ou das mãos de alguém a partir do contorno (LEYTON, 1992, p.121), ex: como se levantasse uma tigela no ar; (iv) movimentar as mãos traçando uma forma, mesmo de forma bidimensional com a ponta do dedo, ou tridimensional com maior parte da mão, especialmente incluindo a palma, essencialmente desenhada no ar; desse modo, um observador pode recuperar o formato a partir do movimento da representação (CIENKI, 2013, p. 185).⁸⁵

Esses diferentes modos de gesticulação correspondem, respectivamente a “encenar”, “corporificar”, “moldar” (3D) e “desenhar” (2D) e podem ser utilizados em prol de diferentes funções, que, de acordo com o autor (2013), podem desempenhar duas funções principais: a referência e a relação com o próprio discurso do falante. Sendo assim, a referência pode ser apontada, em um ato prototípico de indicação dêitica, ou representada, por meio dos Modos de Representação descritos anteriormente. Do mesmo modo, os gestos relacionados ao discurso podem envolver o “apontar”, como quando o falante aponta para o espaço que, na verdade, está relacionado à estrutura do discurso em andamento ou a um referente que não se encontra no espaço físico imediato da interação. A isso McNeill, Cassell, and Levy (1993) nomearam como “dêixis abstrata”. (c. f. subseção 2.4.1 do Capítulo 2). Os gestos relacionados ao discurso, podem, também, representar alguém ou algo, como, por exemplo, quando o gesto é realizado com a função de “OBJETO”, ao co-ocorrer com um marcador discursivo como o “escuta aqui”, instanciando a “METÁFORA DO CONDUTO”, tal como ilustrado na Figura 8 do

⁸⁵ (i) by re-enactment of an action which one would normally do with the hand(s), such as gripping the hand and moving it horizontally as if holding a pen and writing; (ii) by using the hand(s) to stand for an entity by substituting for it and thus embodying it, as when holding one's hand next to one's ear with the three middle fingers curled, the thumb extended up, and the pinkie extended down, in order to represent a telephone handset; (iii) by putting the hands or fingers in a way as if holding or next to a two- or threedimensional form (adjacent representation), such that a viewer could infer shape from the hand's/hands' contour (Ley ton 1992: 121), e.g., as if holding a bowl upright in the air; (iv) or by moving in such a way that the hand(s) trace(s) a form, either two-dimensionally with a fingertip, or three-dimensionally with more of the hand shape, especially including the palm, essentially drawing in the air; in this way a viewer could recover the shape from the motion of the depiction (Ley ton 1992: 145).

Capítulo 2, retomada na seção 3.1.1 do presente Capítulo. Abordaremos, mais detalhadamente, as considerações feitas, nos Estudos de Gesto, sobre os gestos de apontar e os Modos de Representação, uma vez que, do ponto de vista qualitativo, estas são as categorias que utilizaremos para descrever e analisar os gestos presentes em nossas Amostras de análise.

3.2.1. Os Gestos de Apontar e os Modos de Representação Gestual

Os gestos de apontar, segundo Kendon (2004), são comumente realizados com as mãos, mas também podem ser realizados com a cabeça, por certos movimentos dos olhos, lábios, ombros, ou, em alguns casos, até mesmo pelo pé. Na mesma linha de Kendon, Clark (2003, p. 251)⁸⁶ afirma que “O apontar é frequentemente tomado como uma classe por si. Ele pode variar, convencionalmente, de acordo com a parte do corpo utilizada (dedo indicador, polegar ou lábios), a distância dos objetos ou o tipo de objeto indicado”.

Conforme Kendon (2004), todas essas formas de apontar têm em comum um padrão de movimento característico, no qual a parte do corpo encarregada de apontar é movida em uma trajetória bem definida e a dinâmica do movimento ocorre de tal maneira que a trajetória, mesmo que apenas o final do movimento, é linear. Nos gestos de apontar, com exceção de quando um objeto em movimento está sendo acompanhado, o movimento com o qual o gesto coocorre, conseqüentemente, um movimento que parece ser voltado para uma direção claramente definida, “como se” estivesse sendo realizado em direção a algum alvo específico.

Kendon (2004) afirma que os gestos de apontar são interpretados como indicadores de um objeto, de uma localização, ou de uma direção, que são visualizados a partir da projeção de uma linha reta, traçada até o ponto mais distante da parte do corpo que está sendo projetada para fora, no espaço que se estende para além do falante, considerado como centro dêitico. O autor explica que esse espaço pode ser um espaço físico que os participantes partilham. Nesse caso, o objeto do apontar é um objeto ou localização real, que existe em algum lugar no mundo real, mas que não pode ser visto, como quando alguém aponta na direção de objetos que estão além de muro da casa de outra pessoa, por exemplo. Por outro lado, o espaço para o qual o falante aponta pode ser estruturado pelas ações do próprio falante. Nesses casos, os falantes criam, por meio de uma combinação de palavras e gestos dêiticos, um modo de relacionar o espaço no qual o apontar é realizado a uma espécie de “mapa invisível” (que

⁸⁶Pointing is often assumed to be in a class by itself. It may vary conventionally with the body part used (forefinger, thumb, or lips), the distance of the objects, or the type of object indicated.

pode ser tridimensional). Para Kendon (2004), esse pode ser um mapa no qual as localizações relativas dos personagens e dos objetos de uma história estão dispostas (espaço narrativo⁸⁷) ou pode ser um mapa no qual estão compreendidos os componentes do discurso do falante, tais como posições lógicas de contraste, a partir de localizações espaciais específicas. É como se esses componentes fossem tratados como objetos físicos que ocupam posições no espaço para as quais os gestos dos falantes são direcionados⁸⁸. Isso ocorre, por exemplo, quando o referente para o qual se aponta é abstrato e não se encontra no contexto imediato de interação, como veremos em diversas ocorrências analisadas no Capítulo 5.

Ainda no que concerne aos gestos de apontar, Clark (2003, p. 246, grifos do autor) argumenta que “indicar um objeto no espaço também leva os participantes a *focalizar a atenção* no objeto.”⁸⁹ De acordo com Clark, quando, por exemplo, alguém aponta o dedo para um carro, está tentando designar o carro como objeto e também direcionar a atenção do interlocutor para uma localização específica. Tanto a focalização de atenção quanto a designação do objeto, são, para o autor, pré-requisitos para tornar um ato de indicação efetivo – ao menos para objetos no espaço. Cada indicação deve estabelecer uma conexão entre o ato e o objeto. Essa conexão deve focalizar a atenção do destinatário no objeto, e nesse objeto a partir de uma descrição específica. Nesse sentido, para Clark (2003), com o direcionar, “os falantes criam um local de indexação com relação ao referente” (CLARK, 2003, p.249).⁹⁰

Os gestos de apontar são descritos, especificamente, conforme Kendon (2004), em sete tipos de gestos manuais, distintos em termos de formato de mãos em combinação com a posição rotacional do antebraço. Esses tipos de gestos de apontar foram observados pelo autor em uma coleção de gravações, que envolviam falantes de Northant e de Campania, na Itália, e estão diagramados na Figura 11:

⁸⁷Haviland, 1993. Essa referência encontra-se no texto original de Kendon (2004)

⁸⁸ (McNeill, Cassell e Levy, 2003)

⁸⁹ Indicating an object in space must also lead the participants to focus attention on that object

⁹⁰speakers create the indexing site with respect to the referent.

Figura 11 - Os sete tipos de Gestos de Apontar



Fonte: Kendon, 2004, p. 206

Os gestos de apontar, ilustrados na Figura 11, são os seguintes:

Dedo Indicador Estendido Neutro (palma vertical). B. Dedo Indicador Estendido Pronado (palma para baixo). C. Polegar. D. Mão Aberta Neutra (palma vertical). E. Mão Aberta Supinada (palma para cima). F. Mão Aberta Oblíqua (palma oblíqua). G. Mão Aberta Pronada (palma para fora). (KENDON, 2004, p.206).⁹¹

Em consonância com as propostas de Kendon (2004), Clark (2003) argumenta que o “direcionar-para” – que corresponde ao “apontar” proposto por Kendon – possui as seguintes vantagens: é simples indicar objetos que são difíceis, impossíveis ou inapropriados para o falante mover ou posicionar – tais como casas, carros, estradas, árvores e outras pessoas; é simples indicar objetos que estão dispersos em uma área ampla; com o “direcionar-para”, os falantes podem indicar uma direção, como a direção tomada por um carro, por exemplo; é possível apontar para um recipiente de *shampoo* e referir-se, metonimicamente, à P&G, por exemplo (a empresa que produziu o *shampoo*); muitas indicações dependem da precisão temporal, que envolve o ritmo do gesto ou a sincronização da voz para ativá-la, por exemplo,

⁹¹ A. Index Finger Extended Neutral (palm vertical). B. Index Finger Extended Prone (palm down). C. Thumb. D. Open Hand Neutral (palm vertical). E. Open Hand Supine (palm up). F. Open Hand Oblique (palm oblique). G. Open Hand Prone (palm away)

como ilustra Clark (2003): “se eu digo à vendedora, ‘eu quero, isso, isso e aquilo, mas não aquilo outro’, eu devo marcar meu apontar para coincidir com o ‘isso’ (a que quero me referir)]”⁹² (CLARK, 2003, p.263, adaptação nossa).

A seguir, descreveremos brevemente, de acordo com Kendon (2004, p. 205-222), cada um dos sete tipos de gestos de apontar elencados por ele:

Dedo Indicador Estendido: o Dedo Indicador Estendido é mais utilizado quando o falante aponta para um objeto individual específico. Com esse tipo de gesto, é muito comum que o falante utilize uma palavra dêitica específica, tal como: “aqui”, “lá”, “esse”, “aquele” ou ‘qui’, ‘lá’, ‘questo’, ‘quelo’.

- A. Dedo indicador estendido neutro (palma vertical): esse Gesto de Apontar, ilustrado na Figura A, ocorre, por exemplo, quando o falante diz: “*quelo era um nostromo*” (‘aquele homem costumava ser um contramestre’)⁹³ (KENDON, 2004, p.205) e indica, conforme o autor, um indivíduo específico. Nesse gesto, o falante mantém seu braço completamente estendido com o Dedo Indicador Estendido na direção do indivíduo.
- B. Dedo Indicador Estendido Pronado (palma para baixo): esse Gesto de Apontar, ilustrado na Figura B, ocorre em um exemplo no qual o falante dirige a atenção de seu público para uma estátua na igreja, e diz: “ali está Gil Crestwood” (KENDON, 2004, p.207). Ao dizer isso, ele direciona seu braço completamente estendido, com o dedo indicador estendido, em direção à estátua.
- C. Polegar: em todos os exemplos de apontar com o polegar examinados por Kendon (2004), os objetos apontados estavam ao lado ou atrás do falante. A Figura C ilustra um exemplo desse tipo. Nesses casos, o autor (2004, p.218) destaca que o polegar é utilizado para apontar em contextos em que não é importante estabelecer uma localização precisa ou identificar o que está sendo apontado.
- D. Mão Aberta Neutra (palma vertical): Em contraste com os casos de uso do Dedo Indicador Estendido, em todos os casos analisados por Kendon (2004), nos quais há mão aberta, incluindo o apontar com a Mão Aberta Neutra (palma vertical), o objeto que está sendo indicado não é o tópico ou foco do discurso, mas é algo que aconteceu anteriormente e está relacionado, de certa maneira, ao tópico principal.

⁹² If I tell the baker, “I want that, that, and that, but not that,” I must time my pointing to coincide with the right that’s.

⁹³ “quelo era um nostromo” (‘that man used to be a boatswain’)

- E. Mão Aberta Supinada (palma para cima): esse formato de mão, categorizado por Kendon (2004) como um Gesto de Apontar, ilustrado na Figura E, é um entre os muitos usos que são unidos pelos temas semânticos comuns de “apresentar” e “estar pronto para receber”. Ao utilizar a Mão Aberta Supinada (palma para cima) para apontar, o falante está tipicamente apontando para algum objeto, como se estivesse “apresentando” ao interlocutor algo que deveria ser olhado ou inspecionado.
- F. Mão Aberta Oblíqua (palma oblíqua): esse formato de mão, ilustrado na Figura F, também categorizado por Kendon (2004) como um Gesto de Apontar, é geralmente utilizado quando alguém indica um objeto, ao mesmo tempo em que um comentário está sendo feito ou a respeito do objeto em questão ou, em alguns casos, a respeito da relação entre o interlocutor e o objeto. Frequentemente, o objeto indicado é uma pessoa e o comentário que está sendo feito é negativo.
- G. Mão Aberta Pronada (palma para fora): nesse gesto, também categorizado por Kendon (2004) como “gesto de apontar”, a mão aberta ocorre com o antebraço pronado, mas o pulso está estendido. Dessa forma, a palma está orientada para fora do corpo do falante, como pode ser observado em G. Essa forma é utilizada quando o falante está se referindo a um objeto, considerando-se o aspecto “extensão espacial” ou quando vários objetos juntos são considerados como pertencentes a um mesmo conjunto.

Em suma, ao categorizar os sete tipos diferentes de “gestos de apontar”, Kendon (2004) afirma que a forma do Gesto de Apontar não diz respeito somente a uma questão de escolha idiossincrática do falante, nem correspondem a uma variação não-relacionada a coisas aleatórias que o falante está fazendo. Para ele, parece mais apropriado afirmar que a configuração da mão que o falante utiliza no apontar constitui um componente padronizado de um conjunto sentencial. Ou seja: é como se o falante utilizasse diferentes formas de apontar, que variam de acordo com o modo como o objeto referenciado está sendo utilizado no discurso.

Apesar do grande valor metodológico das considerações de Kendon (2004), o autor não define claramente, de um ponto de vista teórico ou semiótico, o que sejam os “gestos de apontar”. No que se refere a esses gestos, Goodwin (2003) afirma que o “ato de apontar” envolve uma situação que contenha ao menos dois participantes, sendo que um deles é responsável por estabelecer um espaço específico com foco compartilhado para organização

da cognição e ação. Considerando-se esse escopo, o “apontar” é construído semioticamente como um ato significativo por meio da contextualização de uma variedade de recursos incluindo, pelo menos: (a) um corpo realizando visivelmente um ato de apontar; b) a fala que elabora e é elaborada pelo ato de apontar; c) as propriedades do espaço que são o alvo do apontar; d) a orientação dos respectivos participantes, um em direção ao outro, e o espaço, isto é, o local do apontar; e) a grande atividade dentro da qual o apontar é incorporado.

Ao tratar dos gestos de apontar, Goodwin(2003) faz uma crítica à proposta de McNeill –anterior à proposta de Kendon (2004), e amplamente aceita e utilizada naquele momento–, argumentando que “gestos icônicos” e “gestos dêiticos” eram tratados como tipos de gestos separados. Segundo Goodwin(2003), essa proposição não parece estar correta. Para o autor, “gestos de apontar” podem traçar o formato do que está sendo apontado, e, dessa forma, pode haver uma sobreposição de uma manifestação icônica a um apontar dêitico, em um único gesto. Ao invés de utilizar essa distinção para separar gestos em duas classes distintas, o autor propõe que parece ser mais proveitoso focalizar a análise em um componente lexical ou em um componente icônico de um gesto, sendo que um componente ou ambos podem contribuir para a organização de um gesto específico.

Nesse sentido, conforme propõe o autor, por meio de um fenômeno como, por exemplo, o “traçar”, uma representação icônica é sobreposta à orientação indexical do apontar. É importante notar que a semelhança entre o gesto e o referente que constitui a iconicidade, pode ser especificada em termos de relações entre os gestos e dois campos semióticos distintos: a) a estrutura semântica da fala, e b) o fenômeno visível no domínio do local que está sendo apontado. Portanto, quando, por exemplo, alguém traça um movimento na areia, este movimento possui uma ligação icônica tanto com o fluxo da fala quanto com o padrão que o dedo que está sendo movimentado traça na areia. Goodwin (2003) assevera que trabalhos anteriores estavam focalizados nas ligações entre os gestos e somente um desses campos: fala ou padrão de movimento. Por exemplo: McNeill (1992 *apud* GOODWIN, 2003, p.230) afirma que “um gesto é icônico se carregar uma ligação formal próxima com o conteúdo semântico da fala”⁹⁴. Dessa forma, McNeill reconhece a importância de olhar não somente para o discurso, mas, também para a cena que está sendo descrita. No entanto, porque a cena não estava realmente presente nas análises propostas por McNeill, um fenômeno como “o traçar” não estava disponível para análise.

⁹⁴a gesture is iconic if it bears a close formal relationship to the semantic content of the speech.

Segundo Goodwin (2003), um fenômeno como “o traçar” tem inúmeras consequências. Primeiro, o dedo que está se movendo e o alvo do apontar são trazidos em uma relação dinâmica na qual um é utilizado para entender o outro. A atividade de apontar continua após a referência por si ter sido concluída. Segundo, “traçar” estabelece um meio de indicar a informação precisa que está sendo apontada, tal como o formato exato de uma mancha colorida na areia, a qual seria difícil de especificar somente por meio da língua. Terceiro, tipologias gestuais têm quase que ignorado completamente aqueles que possuem uma organização distinta do modo pelo qual o “corpo gesticulador” interage com outros fenômenos dentro do domínio de análise, tais como traçar, tocar etc.

Na esteira das críticas às proposições de Kendon e McNeill, Müller (2014) afirma que é importante ressaltar que o “apontar”, definido por Kendon (2004), não é, especificamente, um modo de representação icônico. A autora assume que os modos de representação são responsáveis por motivações gestuais mais genéricas (incluindo gestos icônicos, metafóricos, representacionais e pragmáticos). A autora faz uma crítica ao trabalho de Kendon (2004), na medida em que, segundo ela, o autor aplica as técnicas de representação somente para criação de gestos representacionais, pois a análise realizada por Kendon sobre gestos pragmáticos e famílias gestuais apoia-se na ideia de que gestos pragmáticos são derivações de ações manuais, como de capturar (Grappolo), pegar (Anel), segurar, apresentar (Mão aberta supinada, palma apresentando) (KENDON, 2004). A autora acredita que há razão suficiente para argumentar que os falantes, ao produzirem gestos referenciais, assim como gestos pragmáticos, fazem uso de um dos quatro Modos de Representação : representar, corporificar, desenhar e segurar/moldar – apresentados brevemente na seção anterior e descritos mais detalhadamente a seguir.

De acordo com Müller (2014), o termo “representação” é uma tradução do alemão *Darstellung*⁹⁵, empregado para os modos de representação artística. É importante notar, além do mais, que o termo alemão *Darstellung* não implica uma ideia de re-presentação. O mesmo se aplica para a sistemática dos quatro Modos básicos de Representação Gestual: esses modos não pressupõem uma realidade pré-existente que está sendo re-(a)presentada. Ao contrário, buscam uma resposta para a pergunta de como as mãos são usadas na criação dos gestos, ou, mais especificamente, ao que elas estão fazendo quando ilustram (representam)ações, objetos, propriedades, relações espaço-temporais, ou quando encenam atos de fala e/ou sentidos modais de verbos.

⁹⁵ Gombrich (1978). Essa referência encontra-se no texto original de Müller (2014)

Os quatro Modos básicos de Representação Gestual, definidos por Müller (1998a, b, 2009 apud MÜLLER, 2014), são os seguintes: encenar, moldar, desenhar e representar. No modo “representar”, as mãos são usadas para imitar ou encenar atividades manuais reais, tais como: agarrar, segurar, dar, receber, abrir uma janela, desligar um aquecedor, ou arrastar um antigo câmbio manual; no modo “moldar”, as mãos moldam ou desenhavam uma escultura em 3D, tal como uma moldura de um quadro ou uma tigela; no modo “desenhar”, as mãos delineiam o contorno ou a forma dos objetos e a trajetória de movimentos no espaço; e no modo “representar”, a mão corporifica um objeto como um todo, um tipo de “escultura” manual, quando, por exemplo, uma mão aberta supinada representa um pedaço de papel e o dedo indicador estendido representa um lápis utilizado para fazer notas nesse papel. Esse modo corresponderia ao que Cienki (2013) categoriza como “corporificar”.

A Figura 12, fornecida por Müller (2014), fornece exemplos dos quatro modos de representação nos quais os falantes, representados na Figura, estão respectivamente: arrastando um câmbio manual em um carro de modelo antigo, moldando o formato de um quadro (quadro imperial em 3D), desenhando (delineando) o formato de um quadro (em 2D), e representando um pedaço de papel e um lápis (como duas esculturas “móveis”).

Figura 12 - Quatro modos de representação como técnicas básicas de “imagem”



Fonte: Müller, 2014, p.1692 (tradução nossa)

No texto de 2014, Müller propõe reduzir esses quatro modos básicos de representação a apenas dois: “encenar” e “representar”. Segundo a autora, no modo “encenar”, a(s) mão(s) (re)encenam qualquer tipo de ação ou qualquer tipo de movimento manual. No modo

“representar”, a(s) mão(s) transformam-se em uma escultura manual de um objeto. Em outras palavras, no modo “atuar”, as mãos imitam a si mesmas e no modo representar, elas imitam outras entidades. Essa proposição de Müller (2014) faz parte de uma sistemática cognitivo-semântica relativas *aconstruals* dos gestos. Com essa sistemática, sintetizada no Quadro 5, um esforço é feito para concretizar as conceptualizações específicas que estão relacionadas ao emprego de diferentes modos de representação:

Quadro 5 - Atuar e representar: uma sistemática cognitivo-semântica de *construal* de sentido nos gestos

Modos de Representação			
Uma semântica cognitiva do sentido de <i>construal</i> nos gestos			
Atuar/encenar (como-se...)		(Como-se...) Representar	
(RE)ENCENAÇÃO AÇÕES	(RE)ENCENAÇÃO MOVIMENTO.	REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS	REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS EM MOVIMENTO
SOMENTE AÇÃO	SOMENTE MOVIMENTO	SOMENTE OBJETO	OBJETO E MOVIMENTO
AÇÃO COM OBJETO ESPECÍFICO	MOVIMENTO E CAMINHO	OBJETO(S) LOCALIZADO(S)	OBJETO, MOVIMENTO E MODO DE MOVIMENTO
AÇÃO COM OBJETO NAO- ESPECÍFICO	MOVIMENTO E MODO DE MOVIMENTO	OBJETO(S) DIRECIONADO(S)	OBJETO, MOVIMENTO, MODO DE MOVIMENTO E LOCALIZAÇÃO OU CAMINHO
	MOVIMENTO, CAMINHO E MODO DE MOVIMENTO	OBJETOS EM RELAÇÃO ESPACIAL	OBJETO, MOVIMENTO E CAMINHO

Fonte: Müller, 2014, p.1699 (tradução nossa)

Apesar de termos ciência dessa proposição recente de Müller (2014), que reduz os Modos de Representação Gestual a apenas dois, decidimos, por razões metodológicas de dificuldade para separar, por exemplo, “reencenação de movimento” e “representação de

objeto em movimento” em usos dêiticos, utilizar os quatro Modos de Representação Gestual explicitados anteriormente (c.f. esta seção e seção 3.2. do capítulo 3).

3.2.2 A inter-relação entre os Dêiticos Locativos e os Gestos de Apontar

Nesta subseção, discutiremos, especificamente, a inter-relação entre Gestos e Dêixis locativa, uma vez que nosso objeto de estudo é o dêitico locativo “aqui”. Nesse sentido, apresentaremos alguns dados analisados por Avelar e Ferrari (2017). No que se refere aos gestos de apontar, relativos aos dêiticos locativos “aqui” e “lá”, as autoras estabelecem que o gesto de “apontar para baixo” prenuncia o uso prototípico do dêitico “aqui”, enquanto o gesto de “apontar para fora” prenuncia o uso prototípico do dêitico “lá”. Ambos os gestos são descritos e ilustrados conforme Figura 13:

Figura 13 - Ocorrência multimodal prototípica do dêitico “aqui”



Dedo indicador esticado, demais dedos dobrados, palma da mão voltada para dentro, pulso dobrado, cotovelo na vertical ou na diagonal, antebraço a cerca de 45 graus, movimento

Fonte: Avelar e Ferrari, 2017, p.83

Quanto ao gesto de “apontar para fora”, ele possui duas descrições prototípicas, conforme ilustrado nas Figuras dispostas em 14:

Figura 14 - Ocorrências multimodais prototípicas do dêitico “lá”



Dedo indicador esticado, demais dedos dobrados, palma da mão voltada para fora, pulso, antebraço e braços esticados, movimento ascendente ou reto, para fora do corpo

Fonte: Avelar e Ferrari, 2017, p.83



Dedo indicador esticado, demais dedos dobrados, palma da mão voltada para fora, pulso levemente tombado, cotovelo na vertical ou, antebraço a cerca de 75 graus, movimento para fora do corpo

Fonte: Avelar e Ferrari, 2017, p.84

No entanto, conforme afirma Cienki (2013), dado que os gestos são produzidos no espaço físico, mesmo as referências gestuais que ocorrem em contextos menos prototípicos, ou seja, na conceptualização abstrata/metafórica, são fundamentadas por meio de formas gestuais físicas, relativas ao movimento e à localização espacial nos quais os gestos são produzidos. Em outras palavras, mesmo as referências abstratas são fundamentadas com gestos produzidos no espaço físico concreto. No caso específico da dêixis locativa, exemplos ilustrativos do papel abstrato/discursivo/metaforizado dos “gestos de apontar” são apresentados em amostras analisadas por Avelar e Ferrari (2017), tais como o exemplo em 15:

Figura 15 - Congruência aparente entre gestos e fala na dêixis locativa



“Que **essa casa** (1) **aqui** (2), **os senhores** (1) **aqui** (2)”.

Mão direita apontando para baixo.

Fonte: Avelar e Ferrari, 2017, p.85

Ao analisar as amostras como a apresentada, Avelar e Ferrari (2017) afirmam que, embora se observe uma congruência entre o gesto de apontar para baixo, estabelecido como prototípico para o uso do dêitico aqui, e o “aqui” veiculado na fala, deve-se considerar que a ocorrência multimodal do dêitico, em amostras como essas, parece ser redundante, uma vez que outro dêitico locativo já faz parte do sintagma nominal “essa casa”. Além disso, para as autoras, tanto a repetição do gesto, quanto o movimento repetitivo ao realizar o golpe gestual, demonstram que a marcação dêitica multimodal funciona mais como sinalizadora de tópico discursivo do que como marcadora de espaço físico. Esse argumento de que o gesto funciona, de maneira metaforizada, como sinalizador de tópico discursivo, pode ser reforçado por meio

da análise de outros dados apresentados pelas autoras, em que há uma aparente incongruência entre o dêitico enunciado e o gesto analisado:

Figura 16 - Incongruências aparentes entre gestos e fala na dêixis locativa



a) “**É lá** na família que o ser humano aprende respeito”.

Mão direita apontando repetidamente para baixo



b) “Pra ele não receber a punição **aqui fora**”.

Mão direita apontando para fora

Fonte: Avelar e Ferrari, 2017, p.84

Na Figura 16a, conforme as autoras, o falante enuncia o dêitico lá (“é lá na família que”), mas realiza o gesto de “apontar para baixo” prototípico do dêitico “aqui”, caracterizando, dessa forma, uma incongruência entre o dêitico enunciado e o gesto realizado. Já na Figura 16b, também há incongruência, pois o locutor enuncia o dêitico “aqui” (“pra ele não receber a punição aqui fora”), mas utiliza o gesto de “apontar para fora”, que caracteriza o uso prototípico do dêitico “lá”.

Avelar e Ferrari (2017) apontam que, do ponto de vista multimodal, haveria, nessas duas amostras, uma incongruência entre o locativo e o enunciado do gesto. Para as autoras, essa incongruência seria desfeita mediante a observação de que os dêiticos “aqui” e “lá” não funcionam como locativo: ao invés disso são usados para marcar metaforicamente o espaço discursivo.

Na conclusão do estudo, as autoras argumentam que os usos do “aqui” e do “lá” se afastam do significado locativo básico associado aos dêiticos e assumem caráter discursivo, a partir de mapeamentos metafóricos. Esses usos podem indicar tanto incongruência quanto congruência aparente entre elementos dêiticos e gestos.

Em suma, as discussões empreendidas neste capítulo buscaram demonstrar a inter-relação entre a Linguística Cognitiva e o Estudo de Gestos, explorando, especificamente, as inter-relações entre os Estudos de Gesto e a Metáfora, a Metonímia, os Esquemas Imagéticos e o *Costrual* (mais especificamente, a Perspectiva). Com relação às questões

metodológicasenvolvendo pesquisas com dados multimodais, foi explorada a seguinte questão: quais são os movimentos que devem ser incluídos na análise (se são gestos de mão, cabeça, ou movimentos oculares)? No caso da nossa pesquisa, escolhemos analisar os gestos manuais, os quais são analisados de acordo com quatro parâmetros (formato das mãos, orientação das palmas, direção do movimento e posição espacial), advindos da Linguística da Língua de Sinais, que serão explorados com maior detalhe no próximo capítulo.

Posteriormente, exploramos, mais especificamente, a inter-relação entre Metáfora, Dêixis e o Estudo de Gestos, focalizando a inter-relação entre os dêiticos locativos e os gestos de apontar, uma vez que o dêitico locativo “aqui” é o objeto de análise da nossa pesquisa. Ao explorarmos essa inter-relação, apresentamos exemplos, discutidos por Avelar e Ferrari (2017), de como os gestos realizados se correlacionam com a enunciação verbal dos dêiticos “lá” e “aqui”. No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicosadotados por nós para análise do dêitico “aqui” em dados orais e multimodais, junto a uma análise piloto, a fim de demonstrar como pretendemos realizar nossas análises empíricas, que pretendem aliar aspectos teóricos da Linguística Cognitiva a aspectos metodológicos dos Estudos de Gesto.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, detalhamos os procedimentos de coleta e análise de multimodais. Em um primeiro momento, descreveremos ambos os *corpora* que pretendemos utilizar em nossas análises. Em um segundo momento, abordaremos questões específicas concernentes à análise de dados multimodais, considerando, sobretudo, os gestos manuais. Apresentaremos o Sistema Linguístico de Notação Gestual (*Linguistic Annotation System for Gesture - LASG*), em que são descritos, detalhadamente os quatro parâmetros de análise da forma gestual: formato das mãos e dedos; orientação das mãos e das palmas; direção, tipo e qualidade de movimento; e posição espacial. Por fim, realizamos a descrição e aplicação das Orientações para a Análise de Metáforas nos Gestos (MIG-G). Na verdade, essas orientações englobam o Sistema Linguístico de Notação Gestual (LASG) e servem para descrever e analisar, tanto ocorrências metafóricas, quanto não-metafóricas. A fim de demonstrarmos as possíveis aplicações dessas orientações, selecionamos três Amostras, nas quais pretendemos analisar as ocorrências do dêitico “aqui”. Descreveremos os procedimentos para coleta de dados e as Amostras escolhidas a seguir.

4.1 Procedimentos de coleta de dados

Para realizarmos a análise de dados multimodais, em que pretendemos comparar as ocorrências mais prototípicas e menos prototípicas do dêitico “aqui”, considerando a unidade verbo-gestual, selecionamos 24 (vinte e quatro) ocorrências provenientes de três Amostras diferentes, contendo 8 (oito) ocorrências cada. A primeira Amostra provém do *Distributed Little Red Hen Lab*, a segunda Amostra de uma Palestra TEDx, intitulada “Felicidade é aqui e agora” e a terceira do Depoimento do ex-presidente Lula ao Juiz Federal Sérgio Moro.

Como critério para seleção das Amostras, acreditamos ser crucial a questão do contexto de produção das ocorrências, que, por sua vez, envolve o gênero ao qual pertence cada uma delas. Nesse sentido, escolhemos comparar Amostras de gêneros diferentes, por acreditar que a variabilidade dos gêneros influenciará na produção das ocorrências do dêitico “aqui”. Dessa forma, escolhemos Amostras pertencentes ao gênero Telejornal (disponíveis no *Distributed Little Red Hen Lab*), ao gênero Palestra Motivacional/Autoajuda (Palestra TEDx) e ao gênero Depoimento Oral (depoimento de Lula a Moro). Discorreremos, especificamente, a respeito de cada Amostra nas próximas subseções.

4.1.1. Amostra 1: ocorrências do *Distributed Little Red Hen Lab*

A Amostra 1 é composta por 8 (oito) ocorrências do dêitico “aqui”, coletadas no *Distributed Little Red Hen Lab*: as três primeiras ocorrências estão em um trecho do Jornal da Record, exibido no dia 18/11/16; a quarta ocorrência está em um trecho do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, exibido no dia 30/05/17; a quinta ocorrência está, também, em um trecho do Jornal Nacional, exibido no dia 14/06/17; a sexta ocorrência está em um trecho do Jornal da Record, exibido no dia 29/06/17; a sétima ocorrência está em um trecho do Jornal da Band, exibido no dia 07/08/17, e, por fim, a oitava ocorrência está em um trecho do Jornal da Band, exibido no dia 08/08/17. Elencadas as ocorrências do dêitico “aqui”, descrevemos, a seguir, no que consiste e como funciona a base de dados do *Distributed Little Red Hen Lab*:

Figura 17 - The Distributed Little Red Hen Lab



A base de dados do *Red Hen* consiste em numa Biblioteca de Notícias Internacionais, hospedada e mantida, de forma segura, pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O banco de dados possui, aproximadamente, 200 mil horas de notícias transmitidas

pela internet, num vasto número de línguas. Esse *corpus* revela a criatividade e variedade cultural da rede de notícias em todo o mundo. Ele inclui, em média, um bilhão de palavras em textos legendados, com marcação de data e hora, além de, em média, um bilhão de palavras transcritas.

O *Red Hen* também adiciona, diariamente, milhares de horas em notícias. No Brasil, o *Red Hen* é coordenado por Maíra Avelar (UESB), Lilian Ferrari (UFRJ) e Gustavo Guedes (CEFET-RJ). Para ter acesso aos dados, é necessário pedir permissão, via coordenação nacional de cada Laboratório, aos diretores do *Red Hen*, Mark Turner (Case Western Reserve University) e Francis Steen (UCLA), por meio da apresentação de um projeto e de contrapartidas de pesquisa específicos, por exemplo: devolução de dados anotados, desenvolvimento de ferramentas de anotação etc.

No nosso caso, enviamos nossa proposta teórico-metodológica de dados multimodais e oferecemos, em contrapartida, a devolução dos vídeos anotados, ou seja: com a categorização gestual realizada. Em junho deste ano, houve a primeira grande reunião dos coordenadores nacionais do *Red Hen*, provenientes de vários países, na Universidade de Osnabrück (Alemanha), na “*International Conference on Multimodal Communication: developing new theories and methods*” (ICMC 2017), em que tivemos a oportunidade de apresentar nosso projeto inicial de pesquisa com dados multimodais.

O *Red Hen* tem desenvolvido códigos para inserir transcrições com registro de marcação de tempo e legenda, alinhados ao material audiovisual, além de extrair textos na tela com reconhecimento visual e explorar maneiras de implementar transcrições textual-discursivas para transmissões que não possuem legenda. Fundado há quatro anos, o *Red Hen* conta, especialmente, com o trabalho de graduandos em Estatística, Ciências da Computação, Ciências da Informação, Comunicação e Ciências Políticas na Universidade da Califórnia, em Los Angeles e na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign (UIUC) para desenvolver técnicas de segmentação automática, hierarquia de tópicos, reconhecimento nominal de entidades, identificação do falante e marcação geoespacial. Estudantes de comunicação visual trabalham na detecção de pessoas, no reconhecimento facial e na caracterização de recursos visuais nas expressões faciais, vestimentas e posturas.

Marcadores, construtores, veículos, objetos e símbolos também são etiquetados, de modo a permitir uma descrição mais ampla das possibilidades do ambiente e do uso sistemático na comunicação visual. Estudiosos de análises de áudio examinam o conjunto para emoções, características vocais e padrões de uso musical; estudantes de Ciências da Informação desenvolvem novas formas interativas de visualização de *corpus*, promovendo

uma colaboração transdisciplinar. Em suma, o *corpus* do *Red Hen* é amplamente multimodal, pois inclui fala, textos na tela, gestos, outros movimentos corporais, música, efeitos sonoros, Gráficos, e inúmeras outras expressões audiovisuais. Esse *corpus* é ecologicamente válido: os seres humanos encontram notícias de TV, com ampla durabilidade, em todas as culturas e em boa parte das línguas comumente estudadas. Além disso, o banco de dados é transmitido diariamente a milhões de pessoas ao redor do mundo.

As Amostras que selecionamos para análise correspondem a trechos de vídeo em que há a co-ocorrência da fala com algum (ou mais de um) gesto realizado. Portanto, também foram excluídas amostras em que o “aqui” era dito por algum sujeito falante, mas desacompanhado de gesto, ou mesmo amostras em que o sujeito enunciava o dêitico, mas a câmera mostrava outra cena (uma casa, por exemplo) em que o sujeito falante não estava presente. Critérios como a alta performatividade dos sujeitos, utilizados na seleção das demais amostras, não foram utilizados no caso desta Amostra, que é mais heterogênea, pois quase nunca corresponde a sequências do mesmo vídeo e, em sua maioria, corresponde até mesmo a sequências de diferentes jornais, de diferentes emissoras, exibidos em diferentes dias.

4.1.2 Amostra 2: ocorrências da Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora”

A Amostra 2 é composta por 8 (oito) ocorrências do dêitico “aqui”, selecionadas a partir de um total de 19 ocorrências do dêitico no *corpus* em questão. As ocorrências foram coletadas de uma Palestra TEDx, disponibilizada em vídeo e armazenada no YouTube. Essa Palestra possui um total de 16 minutos e 36 segundos e é intitulada: “Felicidade é aqui e agora”. Como o próprio título já contém o dêitico pelo qual estamos buscando, selecionamos a Palestra em questão. Ao escolhermos 8 (oito) ocorrências, decidimos selecionar 3 ocorrências no início, 3 no meio e 2 ao final do vídeo. Como critério de exclusão, decidimos eliminar as ocorrências similares – ocorrências, principalmente prototípicas, que possuíssem o mesmo padrão nos gestos de apontar, por exemplo.

As Palestras TED (acrônimo para *Technology, Entertainment, Design*; em português Tecnologia, Entretenimento, Planejamento) são realizadas em vários países ao redor do mundo, dentre eles o Brasil, pela organização norte-americana sem fins lucrativos Sapling. As palestras são amplamente divulgadas na internet, por meio do YouTube, e possuem duração máxima de 18 minutos. Elas são destinadas à disseminação de ideias. Segundo o slogan da própria organização: “ideias que merecem ser disseminadas”.

Já as Palestras TEDx seguem o mesmo modelo das TED. No entanto, fazem parte de um evento menor, organizado de forma independente, sob uma licença gratuita concedida pelo TED. Esse evento pode ser realizado em determinada cidade, com conversas e conexões em nível regional. Todas as Palestras TEDx também são disponibilizadas no YouTube. Com relação ao critério de seleção dos participantes, são selecionados aqueles que apresentarem uma ideia inovadora. Os selecionados não precisam ser pesquisadores de renome; pessoas de diversas áreas já participaram do TEDx, como, por exemplo: artistas, professores, médicos, *digital influencers*, jornalistas etc.

Para a análise multimodal que realizamos, escolhemos a Palestra TEDx que foi proferida em um TEDx realizado em São Paulo, em 2016, pelo Professor Clóvis Barros Filho. O professor é jornalista e livre-docente na área de ética da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Também é coordenador do programa de mestrado da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Barros Filho publicou o livro “Ética na Comunicação” (1995) e organizou a obra “Comunicação na Polis” (2002). No que se refere à Palestra, trata-se de uma Palestra Motivacional, cujo principal tópico de discussão consiste na definição de felicidade, de acordo com proposições filosóficas, e na necessidade de viver e ser feliz no momento presente. O professor inicia a fala, argumentando sobre a natureza do desejo. Segundo Barros Filho, o desejo sempre encontra na falta a sua grande motivação, porém, quando objeto do desejo é alcançado, deixa de ser almejado. Para ele, “o desejo é assassinado pela presença”. Em seguida, ele discorre a respeito da eterna busca pela felicidade, e sobre o fato de que sempre planejamos encontrar a felicidade no futuro. Ao discorrer sobre esse tópico, o professor utiliza diversos exemplos, pessoais e genéricos, utilizando recursos como o discurso direto e a emulação de diálogos. E, por fim, ele destaca que, se de algum modo, podemos alcançar a felicidade, ela irá ser encontrada no “aqui” e “agora”, por meio dos pequenos acontecimentos cotidianos.

Ao assistirmos ao vídeo, consideramos o falante como um sujeito viável para as nossas análises, uma vez que pudemos notar, já em um primeiro olhar, um discurso enfático e acompanhado por uma grande quantidade de gestos, facilmente identificáveis.

4.1.3 Amostra 3: ocorrências do Depoimento de Lula a Moro

A Amostra 3 é composta por 8 (oito) ocorrências do dêitico “aqui”, selecionadas a partir de um total de 79 ocorrências proferidas por Lula. Essas ocorrências foram coletadas do Depoimento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Juiz Federal Sérgio Moro. Esse

depoimento foi disponibilizado em vídeo, no YouTube. Também tivemos acesso à transcrição oficial do depoimento, que foi divulgada na internet pela Justiça Federal e acessada por meio do site Poder 360⁹⁶ em formato PDF. Seguindo o mesmo procedimento realizado na Amostra 2, selecionamos 3 ocorrências no início, 3 no meio e 2 ao final do vídeo e utilizamos, como critério de exclusão, as ocorrências similares, como, por exemplo, ocorrências mais prototípicas que apresentavam o mesmo tipo de Gesto de Apontar (PDSIF⁹⁷ – palma supinada para baixo dedo indicador). O depoimento em questão ocorreu no dia 10/05/2017 e possui duração de 4 horas 28 minutos e 43 segundos. Nele, o ex-presidente Lula responde às acusações de ter recebido propina da empreiteira OAS por meio da reserva de uma compra e da reforma de um tríplice em um edifício no Guarujá (litoral de São Paulo).

Decidimos escolher esse depoimento pela grande repercussão que obteve na mídia, uma vez que envolve duas figuras públicas de destaque no Brasil. O depoimento evoca posições político-ideológicas distintas na sociedade. Essas posições distintas implicam uma polarização: de um lado, teríamos os apoiadores de Lula e, do outro, teríamos os apoiadores do Juiz Sérgio Moro. Para os apoiadores de Lula, o ex-presidente teria sido vítima de abuso político. Já para os apoiadores do Juiz, o ex-presidente seria culpado das acusações feitas pelo Ministério Público, personificado na figura do Juiz. Para ilustrar a polarização que citamos entre essas duas figuras públicas, recorreremos ao trabalho de Benevides (2017). Nesse trabalho, o autor analisa as metáforas multimodais, envolvendo a polarização entre o Juiz e o ex-presidente, em duas capas de revistas brasileiras. A primeira capa, retirada da revista IstoÉ, está disposta na Figura 18:

Figura 18 - Capa da Revista IstoÉ



Fonte: Benevides (2017)

⁹⁶<https://www.poder360.com.br/lava-jato/leia-transcricao-do-interrogatorio-de-lula-a-moro-liberada-pela-justica/>

⁹⁷ Palm down supined index finger

De acordo com o autor, essa capa, disposta em 18, ilustra o ex-presidente Lula e o Juiz Federal Sérgio Moro se confrontando em um Ringue de Boxe, estendendo as luvas e exibindo os troncos musculosos em uma montagem, com os espectadores ao fundo, como se estivessem assistindo a uma luta de Boxe. Além disso, o autor ressalta que as cores de roupas que os dois estão vestindo, azul e amarelo, por Moro, e vermelho, por Lula, remetem a posições político-ideológicas distintas, representando o PT (Partido dos Trabalhadores) *Versus* PSDB (Partido Social Democrático Brasileiro). Benevides (2017) explica que, na situação comunicativa discutida, o depoimento de Lula a Moro, o editor da revista IstoÉ, utiliza recursos visuais e linguísticos para se referir ao depoimento e, dessa forma, o depoimento é metaforicamente apresentado como uma luta, um combate físico.

Já a segunda capa, retirada da revista Veja, está disposta na Figura 19:

Figura 19 - Capa da Revista Veja



Fonte: Benevides (2017)

Essa capa, disposta em 19, de acordo com o autor, apresenta os mesmos indivíduos Moro e Lula, representados como personagens: “um herói” contra “seu arqui-inimigo” respectivamente, os dois personagens estão confrontando-se “cara a cara”, utilizando máscaras de super-heróis de colorações distintas, novamente, as cores azul e amarelo para Moro e vermelho para Lula. Nesse caso, da capa da Revista Veja, Benevides (2017) afirma que a capa instancia a Metáfora Conceptual “A VIDA É UMA LUTA”, linguisticamente desdobrada em: “DEPOIMENTO JUDICIAL É CONFRONTO”. E novamente, como no caso da primeira capa, o editor teve a intenção de ressaltar, para a audiência pretendida, a oposição político-ideológica entre Moro e Lula, representada metonimicamente pela cor dos partidos

políticos, vermelho para PT (Partido dos Trabalhadores) e amarelo/azul para PSDB (Partido Social Democrático Brasileiro). Considerando toda esta polêmica midiática criada em torno do caso, o depoimento de Lula a Moro foi alvo de grande interesse por parte da opinião pública. Além disso, Lula é bastante conhecido pela performatividade de seus discursos. Por essa razão, consideramos que encontraríamos muitos gestos realizados por este falante específico.

4.2 Procedimentos metodológicos de análise gestual: o Sistema Linguístico de Notação Gestual (LASG)

A seguir, apresentaremos o Sistema Linguístico de Notação Gestual (*Linguistic Annotation System for Gestures*, doravante, LASG), proposto por Bressemer e colaboradoras (2013), o qual focaliza, unicamente, num primeiro momento, a forma física dos gestos, focalizando uma categorização detalhada. Conforme as autoras, o sistema está baseado em uma abordagem semiótica para os gestos, assumindo uma separação heurística entre forma, sentido e função gestual no processo analítico. Bressemer e colaboradoras (2013, p. 1080) afirmam que o sistema proposto por elas se diferencia de outros sistemas existentes em três aspectos essenciais, pois esse sistema: “(i) concentra-se [num primeiro momento] unicamente na descrição da forma dos gestos; (ii) propõe uma descrição de forma independente da fala. (iii) evita descrições de forma que incluem paráfrases de sentido” (BRESSEMER et al., 2013, p.1080)⁹⁸.

Além disso, o sistema atende à notação da forma gestual, no que diz respeito à forma física, que inclui os quatro parâmetros de descrição gestual, também utilizados pela Linguística da Língua de Sinais, citados brevemente no Capítulo anterior (subseção 3.2): formato das mãos, orientação das mãos e palmas, padrões, direção e qualidade de movimento e posição do gesto no espaço. De forma similar à Língua de Sinais, na qual a modificação de um dos parâmetros pode ser decisivo na diferenciação entre um sinal e outro, a abordagem gestual linguístico-semiótica proposta pelas autoras (2013) assume uma significância potencial de todos esses quatro parâmetros para a criação e modificação do sentido gestual.

De acordo com Bressemer e colaboradoras (2013), o sistema notacional proposto por elas é baseado numa abordagem linguístico-semiótica para os gestos, na qual fala e gestos são

⁹⁸ (i) It concentrates solely on a form description of gestures; (ii) It proposes a form description independent of speech (iii) It avoids gestural form description including paraphrases of meaning

entendidos como inseparavelmente conectados, e a língua é entendida como inerentemente multimodal⁹⁹ As autoras afirmam que

a fala e o gesto são dois sistemas distintos, embora compartilhem propriedades comuns. A análise linguística dos gestos visa a descobrir semelhanças e características sobrepostas, assim como diferenças e especificidades das duas modalidades (BRESSEM; LADEWIG *apud* BRESSEM *et al.*, 2013, p. 1081).¹⁰⁰

Além disso, essa abordagem linguístico-semiótica trata dos processos de estruturação e significação dos gestos, e, portanto, estabelece uma descrição da “gramática” do gesto. As autoras, baseando-se em trabalhos anteriores publicados por elas (FRICKE, 2012, LADEWIG, 2012), apontam que, na integração gesto-fala, a língua pode ser compreendida como multimodal. Nesse sentido, assim como o sistema linguístico:

(a) os gestos podem ser segmentados e classificados (b) os gestos demonstram regularidades no nível da forma, sentido e sintagma (c) os gestos possuem o potencial para estruturas combinatórias e hierárquicas e (d) os gestos demonstram relações paradigmáticas e sintagmáticas. (BRESSEM *apud* BRESSEM *et al.*, 2013, p. 1081).¹⁰¹

Para as autoras, os estudos que possuem essa abordagem (linguístico-semiótica), apresentam um procedimento metodológico particular, baseado na separação do gesto e fala em partes do processo analítico. Os gestos são investigados, primeiramente, independente da fala e, apenas posteriormente, são analisados junto à fala. Dessa forma, leva-se em conta a investigação da forma, sentido e função dos gestos, sozinhos, e, posteriormente, em correlação com discurso em que co-ocorrem. Sendo assim, de acordo com Müller (2013 *apud* BRESSEM *et al.*, 2013), há quatro blocos para a realização de uma análise linguístico-semiótica dos gestos, que são: “forma, estrutura sequencial, contexto de uso (local) e distribuição por meio da qual a construção do sentido gestual e a interação do discurso com os

⁹⁹Bressem, 2012; Bressem e Ladewig, 2011; Fricke, 2007, 2012; Ladewig, 2012; Muller, 2009, 2010 etc(essas referências encontram-se no texto original de Bressem (2013)).

¹⁰⁰Speech and gesture are two distinct systems while sharing common properties, linguistic analyses of gesture aim at discovering commonalities and overlapping characteristics as well as differences and specificities of the two modalities

¹⁰¹ (a) gestures can be segmented and classified, b) gestures show regularities and structures on the level of form, meaning and syntagmatics, c) gestures have the potential for combinatorics and hierarchical structures, and (d) gestures show paradigmatic as well as syntagmatic relations

gestos é analisada”. (MÜLLER *apud* BRESSEM *et. al*, 2013, p. 1081)¹⁰². É possível notar que esses quatro blocos correspondem aos passos do Guia de Identificação de Metáforas nos Gestos (*Metaphor Identification Guidelines for Gestures – MIG-G*) apresentado por Cienki (2017), muito embora possam ser aplicados a contextos mais amplos do que o de análise de metáforas. O MIG-G será descrito em maiores detalhes na subseção 5.3.

Para Bressem e colaboradoras (2013), ao contrário de outros sistemas de notação ou codificação, os quais visam às representações das formas gestuais incluindo apenas as partes mais comuns ou mais significativas, o sistema proposto por elas adota uma perspectiva “fonética” na notação das formas gestuais, pois objetiva descrever as representações articulatórias das formas gestuais. No entanto, semelhante à transcrição fonética da fala, a qual não indica os detalhes fonéticos à exaustão, o sistema notacional de gestos parte de uma descrição restrita, deixando de lado alguns detalhes particulares da articulação. Portanto, segundo as autoras (2013), uma perspectiva fonética de notação das formas gestuais assume certo grau de abstração. Contudo, a abstração não é tão desenvolvida a ponto de incorporar a função das formas gestuais.

Bressem e colaboradoras (2013) apontam que o sistema notacional foi desenvolvido visando a uma descrição gestual baseada na forma e focada, principalmente, no uso, distribuição e correferência dos parâmetros de realização nos falantes de alemão. Assim, conforme as autoras, o sistema notacional foi criado e sistematizado a partir de um extenso *corpus* de vídeo, com falantes de Alemão interagindo em diversas situações e em diversos graus de formalidade. Descreveremos, nas próximas subseções, os quatro parâmetros de descrição gestual

4.2.1 Primeiro parâmetro de notação gestual: formato das mãos

O sistema se inicia, então, com orientações para notação de formatos de mão. O formato de mão é considerado como a característica de forma mais proeminente dos gestos. Bressem e colaboradoras (2013) assumem, em consonância com os postulados de Wrobel (2007), que:

a identificação perceptual do formato de mão relativamente estável no fluxo de movimento de sinais simples é muito mais fácil do que a identificação e

¹⁰² (i) forma, sequential structure, context of use (local) and distribution by which gestural meaning construction and the interplay of speech and gesture are analyzed

nomeação do movimento, lugar de articulação ou orientação da mão (WROBEL, 2007 apud BRESSEM *et al.*, 2013, p. 1083).¹⁰³

Bressem e colaboradoras (2013) argumentam que, para a descrição do parâmetro “formato de mão”, foi retomada a diferenciação feita pelo HamNoSys sistema de codificação para a Língua Alemã de Sinais (PRILLWITZ, 1989 apud BRESSEM *et al.*, 2013). Esse sistema de notação permite descrever vários formatos de mão, a partir de quatro categorias básicas. São elas: “(i) punho (ii) mão estendida (iii) dedos individuais, e combinação de dedos” (BRESSEM *et al.*, 2013, p.1084)¹⁰⁴. Essas categorias podem ser observadas na Figura 20 a seguir:

Figura 20 - Categorias básicas da configuração de mão



Fonte: Bressem e colaboradoras, 2013, p. 1085

Portanto, para as autoras, a descrição do formato das mãos baseia-se na avaliação das formas mais proeminentes das características das mãos e em questões tais como se:

(i) a mão está formando um soco, (ii) a palma é a propriedade mais proeminente da configuração (iii) os dedos individuais determinam sua configuração ou (iv) combinações de dedos sozinhos ou em associação com a palma dominam o formato da mão (BRESSEM *et al.*, 2013, p.1085)¹⁰⁵

Para o formato das mãos atribuído para a categoria “dedos individuais”, “combinação de dedos” e “formato de mãos envolvendo as duas mãos”, a configuração da mão é especificada posteriormente e envolve o número e o formato dos dedos. Com objetivo de diferenciar os dedos da mão, eles são numerados de 1 (polegar) a 5 (dedo mindinho). Depois de identificar e numerar os dedos, a forma de cada um deve ser especificada. Os seis

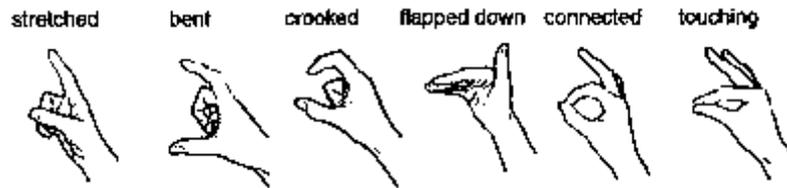
¹⁰³ Perceptual identification of a relatively stable hand shape in the flow of movement of single signs is much easier than the identification e nomination of a movement, place of articulation or an orientation of the hand

¹⁰⁴(i)Fist, (ii) flat hand, (iii)single fingers, e (iv)combinations of fingers

¹⁰⁵ (i) the hand is formed to a fist, (ii) the palm is the most prominent feature of the configuration, (iii) single fingers determine its configuration or (iv) combinations of fingers alone or in association with the palm dominate the shape of the hand

diferentes formatos de dedos estão exemplificados a seguir. De acordo com Bresseem e colaboradoras (2013, p.1085), o dedo pode estar: “(i) esticado, (ii) flexionado, (iii) torto (iv) flexionado para baixo (v) conectado ou (vi) tocando” (BRESSEM *et al.*, 2013, p.1085)¹⁰⁶. Essas diferentes configurações de dedos pode ser observado na Figura 21:

Figura 21 - Configurações dos seis formatos de dedos



Fonte: BRESSEM *et al.*, 2013, p. 1085

Em suma, como apontam Bresseem e colaboradoras (2013), a notação do parâmetro “formato de mão” envolve três passos: “(i) atribuir o formato das mãos dentre uma das quatro categorias ou classificá-la como uma configuração envolvendo as duas mãos (ii) numerar cada dedo; (iii) especificar o formato do dedo”. (BRESSEM *et al.*, 2013, p.1086).¹⁰⁷

A síntese do primeiro parâmetro de notação gestual pode ser observada por meio do Quadro6:

Quadro 6 - Quadro síntese do parâmetro formato das mãos (*synthesis table of the parameter hand shape*)

Quatro categorias básicas da configuração de mão	For basic categories of hand configuration
Punho	Fist
Mão estendida	Flat hand
Dedos individuais	Single fingers
Combinação de dedos	Combinations of fingers
Configurações dos seis formatos de dedos	Configuration of the six shapes of the digits
Esticado	Stretched
Flexionado	Bent
Torto	Crooked
Flexionado para baixo	Flapped down
Conectado	Connected
Tocando	Touching

Fonte: Criado pela autora com dados extraídos de BRESSEM *et al.*(2013, p.1084-1086)

¹⁰⁶ (i) stretched, (ii) bent, (iii) crooked, (iv) flapped down (v) connected, or (vi) touching

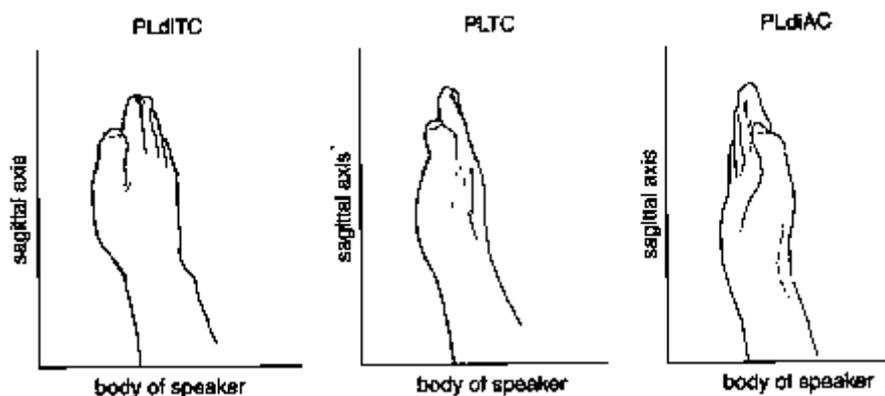
¹⁰⁷ Assigning the hand shape to one of the four categories or classifying it as a configuration involving both hands; (ii) Numbering of each finger; (iii) specifying the shape of the digit

4.2.2 Segundo parâmetro de notação gestual: orientação das mãos e palmas

Já o segundo lugar no Sistema Linguístico de Notação Gestual, de acordo com as autoras (2013), é ocupado pelo parâmetro “orientação”, devido à forte conexão que esse parâmetro possui com o formato das mãos. Ao contrário de outras propostas¹⁰⁸ de notação e codificação gestual, que argumentam em prol da inseparabilidade entre o formato de mão e a orientação, devido à conexão próxima desses dois parâmetros, o presente sistema, baseado em McNeill (1992 *apud* BRESSEM *et al.*, 2013), fornece uma orientação separada para a orientação das mãos e palmas, que depende: da orientação da palma e do espaço gestual. Conseqüentemente, a descrição da orientação envolve um procedimento composto por duas partes, que necessitam ser distinguidos no espaço gestual: primeiramente, a orientação das palmas e, em um segundo momento, a orientação das mãos.

Na caracterização da orientação das palmas, Bresse e colaboradoras (2013) consideram quatro ângulos básicos, são eles: “(i) palma para cima, (ii) palma para baixo (iii) palma lateral, e palma vertical” (MCNEILL *apud* BRESSEM, 2013, p.1087).¹⁰⁹ As autoras acrescentam a esses quatro ângulos o marcador “diagonal”, que é utilizado posteriormente, para diferenciar os quatro ângulos básicos, e também para marcar uma orientação intermediária entre os ângulos. Enquanto no caso “da palma lateral”, a mão está paralela à linha sagital do centro do corpo, o marcador “diagonal” indica um ângulo de 45 graus em relação à linha sagital do centro do corpo, como pode ser observado nas Figuras 22 e 23, fornecidas por Bresse e colaboradoras (2013):

Figura 22 - Orientação diagonal PLdiTC, PLdiAC

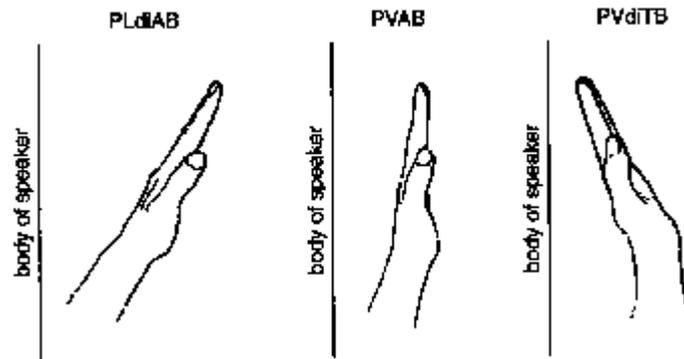


Fonte: Bresse e colaboradoras, 2013, p. 1087

¹⁰⁸Gut et al. 2002; Kendon, 2004, cujas referências encontram-se no texto original de Bresse e colaboradoras (2013)

¹⁰⁹(i) palm up (ii) palm down (iii) palm lateral, and palm vertical.

Figura 23 - Orientação diagonal PVdiAB, PVdiTB



Fonte: Bressemer e colaboradoras, 2013, p. 1087

Segundo as autoras, as orientações “palma lateral”, “palma vertical” e qualquer outra orientação marcada de forma adicional pelo ‘marcador diagonal’ são diferenciadas posteriormente, considerando espaço gestual. Nesse sentido, as autoras distinguem quatro tipos de orientação: “(i) em direção ao centro (ii) para fora corpo (iii) em direção ao corpo, e (iv) distante do corpo” (MCNEILL *apud* BRESSEMER *et al.*, 2013, p.1088)¹¹⁰. Em suma, Bressemer e colaboradoras (2013) apontam que a descrição do parâmetro “orientação” envolve quatro passos: “(i) descrever a orientação básica da mão; (ii) se necessário, especificar a orientação marcando ‘diagonal’; (iii) caracterizar a orientação das mãos em relação ao espaço gestual e, se necessário, (iv) especificar a orientação dos dedos.” (BRESSEMER *et al.*, 2013, p.1088)¹¹¹

A síntese do segundo parâmetro de notação gestual pode ser observada por meio do Quadro7:

¹¹⁰ (i) towards center, (ii) away center, towards body, and away body

¹¹¹ (i) Depict the basis orientation of the hand; (ii) se necessary, specify the orientation by marking “diagonal”. (iii) Characterize the hands orientation in relation to the gesture space. (iv) And if necessary, specify the finger’s orientation

Quadro 7 - Quadro síntese do parâmetro orientação das mãos e palmas (*synthesis table of the parameter hand's and palm's orientation*)

Quatro ângulos básicos da orientação das palmas	Four basic angles of the palm's orientation
Palma para cima	Palm up
Palma para baixo	Palm down
Palma lateral	Palm lateral
Palma vertical	Palm vertical
Quatro tipos de orientação considerando o espaço gestual	For types of orientation considering the gesture space
Em direção ao centro	Towards center
Para fora do corpo	Away Center
Em direção ao corpo	Towards body
Distante do corpo	Away body

Fonte: Criado pela autora com dados extraídos de BRESSEM et al. (2013, p.1086-1088)

4.2.3 Terceiro parâmetro de notação gestual: movimento

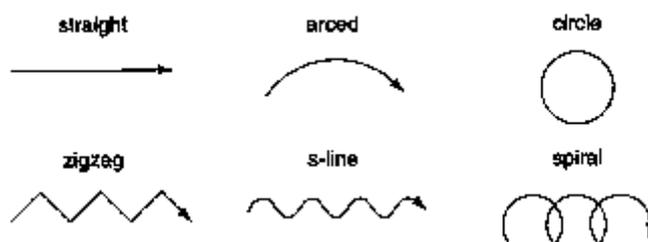
O terceiro parâmetro do Sistema Linguístico de Notação Gestual é ocupado pelo parâmetro “movimento”, Segundo Bresseem e colaboradoras (2013), a pesquisa em língua de Sinais, por exemplo, é capaz de demonstrar que a “percepção do movimento do sinal parece ser crucialmente diferente dos parâmetros estáticos, como formato de mão e localização, portanto, o movimento parece ser central para a produção e percepção de sinais [...]” (SCHEMBRI *apud* BRESSEM *et al.*, 2013, p.1083)¹¹². Além das pesquisas em Língua de Sinais, as pesquisas em Estudos de Gesto¹¹³ também têm demonstrado que o parâmetro “movimento” pode ser a característica central para o estabelecimento e diferenciação do sentido gestual. De acordo com Bresseem e colaboradoras (2013), esse parâmetro é o mais complexo, pois envolve: (a) tipo de movimento, (b) direção do movimento e (c) qualidade do movimento.

Quanto aos tipos de movimento, as autoras distinguem os tipos de movimentos básicos em: “(i) movimento reto, (ii) movimento arqueado, (iii) círculo, (iv) espiral, (v) zigzag e (vi) linha-s” (BRESSEM *et al.*, 2013, p.1088)¹¹⁴, como pode ser observado na Figura24:

¹¹² Perception of sign movement appears to be crucially different from that of the static parameters, such as hand shape and location. Thus movement appears to be central to sign production and perception

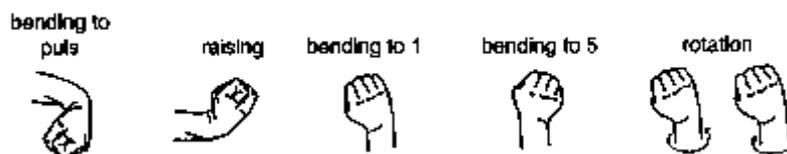
¹¹³ Calbris, 1990; Fricke, 2012; Harrison, 2009, 2010; Ladewing, 2010, 2011; Mittelberg, 2006, 2010; Muller, 2000, 2004; Tebendorf, 2005 (essas referências encontram-se no texto original de Bresseem (2013))

¹¹⁴ (i) Straight movement, (ii) arced movement, (iii) circle (iv) spiral (v) zigzag, and (vi) s-line

Figura 24 - Tipos básicos de movimento

Fonte: Bresse e colaboradoras, 2013, p. 1088

Já para os movimentos executados com o pulso, o sistema notacional distingue três tipos possíveis: “flexionado”, “levantado” e “rotacional”, como pode ser observado por meio da Figura 25:

Figura 25 - Tipos de movimento do pulso

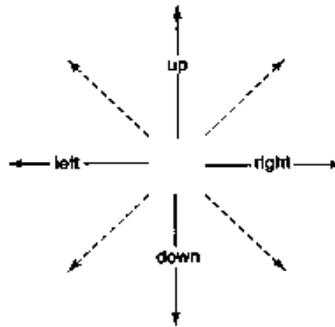
Fonte: Bresse e colaboradoras, 2013, p. 1089

Por fim, o terceiro tipo de movimento, estabelecido por Bresse e colaboradoras (2013), é o movimento dos dedos individuais, descrito de acordo com os tipos de movimento básico “reto”, “arqueado” e “circular”. Além disso, a descrição dos movimentos executados por todos os dedos da mão simultaneamente é diferenciada como: “batidas de dedos”, “dobrado para baixo”, “movimento de pegar” e “dedos fechados”.

Segundo Bresse e colaboradoras (2013), após a descrição do tipo de movimento, os padrões de movimento precisam ser especificados conforme a direção que apresentam. Com relação aos movimentos do braço e ombro e também dos dedos, três direções principais têm que ser distinguidas: “(i) movimentos ao longo do eixo horizontal (esquerda e direita, conforme a perspectiva do gesticulador); (ii) movimentos ao longo do eixo vertical (para cima e para baixo), (iii) movimentos ao longo do eixo sagital (em direção ao corpo e para fora do

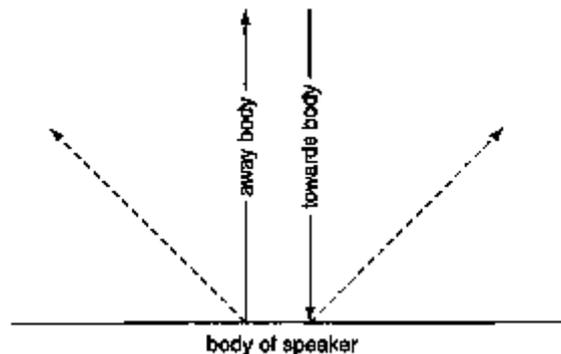
corpo)” (BRESSEM et al., 2013, p.1089) ¹¹⁵. Além disso, como dissertam as autoras, a direção do movimento pode ser diferenciada posteriormente por meio do eixo “diagonal”, por exemplo, “diagonal em cima à direita”. Nesses casos, a suplementar “diagonal” combina as direções do movimento, mencionadas anteriormente, e forma uma classe separada, como pode ser observado nas Figuras 26 e 27, fornecidas por Bressem e colaboradoras (2013):

Figura 26 - Direção do movimento ao longo dos eixos vertical, horizontal e diagonal



Fonte: Bressem e colaboradoras, 2013, p. 1089

Figura 27 - Direção do movimento ao longo do eixo sagital



Fonte: Bressem e colaboradoras, 2013, p. 1090

Bressem e colaboradoras (2013) apontam que, além da descrição das direções de movimento já descritas, deve-se considerar um aspecto adicional: o aspecto dos movimentos circulares e espirais. Esses movimentos são distinguidos, considerando-se se a direção está no sentido horário ou anti-horário. Enquanto os movimentos circulares são caracterizados somente de acordo com essa distinção, os movimentos espirais são descritos de acordo com a

¹¹⁵ (i) movements along the horizontal axis (right and left, regarded from the perspective of the gesturer), (ii) movements along the vertical axis (up and down), and (iii) movements along the sagittal axis (away from body and towards body).

direção do movimento em um dos quatro eixos. Portanto, segundo afirmam as autoras, a categorização do movimento espiral pode, por exemplo, ser “para a direita, no sentido horário” e as direções mencionadas acima podem ser utilizadas também na descrição os movimentos dos dedos individuais.

Conforme Bresse e colaboradoras (2013), o aspecto “qualidade de movimento” capta aspectos adicionais dos padrões de movimento: “(i) tamanho (reduzido ou expandido) (ii) velocidade (desacelerada, acelerada) e (iii) fluxo do movimento (fraco ou acentuado)”. (BRESSE, 2013 *et al.*, p.1090)¹¹⁶. Para as autoras, os termos introduzidos para a descrição do caráter do movimento podem, frequentemente, necessitar de uma combinação com outros. Dessa forma, é possível caracterizar um movimento como “expandido” e “acentuado”.

Elas afirmam que o aspecto “qualidade do movimento” aborda a marcação dos movimentos. Um movimento é marcado, se estiver em destaque com relação aos outros movimentos, devido a uma saliência particular, ligada a uma das propriedades qualitativas. Por exemplo, em um “movimento acentuado”, o ponto final do movimento é marcado, pois o movimento é realizado com mais força. Essa expansão da forma leva a uma acentuação de intensidade ao fim da execução do movimento.

Bresse e colaboradoras (2013) dissertam que, de forma similar ao acento na língua falada, na qual o acento é utilizado para enfatizar segmentos particulares da fala, tais como as sílabas, por exemplo, a acentuação nos gestos pode ser utilizada para enfatizar um segmento gestual particular do padrão de movimento. Em síntese, as autoras resumem os quatro passos que envolvem a notação dos parâmetros de movimento. Esses passos consistem em:

- (i) descrever o tipo básico de movimento, ex.: se é executado pelo braço, ombros, pulso ou dedos
- (ii) caracterizar o formato do movimento correspondente
- (iii) descrever a direção, dependendo do tipo de movimento
- (iv) especificar o movimento de acordo com a qualidade. (BRESSE *et al.*, 2013, p.1090-1091)¹¹⁷

A síntese do terceiro parâmetro de notação gestual pode ser observada por meio do Quadro 8:

¹¹⁶ (i) size (reduced or enlarged) (ii) speed (decelerated, accelerated), and (iii) flow of movement (accentuated)

¹¹⁷ (i) Depict the basic type of movement i.e., whether it is executed by the arm or shoulder, the wrist or the finger (ii) characterize the shape of the movement accordingly (iii) note the direction depending on the type of movement. (iv) specify the movement according to its quality.

Quadro 8 - Quadro síntese do parâmetro movimento (*synthesis table of the parameter movement*)

Tipos de movimento	Movements types
Tipos básicos de movimento	Basic movements types
Movimento reto	Straight movement
Movimento arqueado	Arced movement
Círculo	Circle
Espiral	Spiral
<i>Zigzag</i>	<i>Zigzag</i>
Linha-s	S-line
Tipos de movimento de pulso	Types of movement for wrist
Flexionado	Bending to pulls
Levantado	Raising
Flexionado para 1	Bending to 1
Flexionado para 5	Bending to 5
Rotacional	Rotation
Direção do movimento	Direction of movement
Movimentos ao longo do eixo horizontal (esquerda e direita, conforme a perspectiva do gesticulador)	movements along the horizontal axis (right and left, regarded from the perspective of the gesticurer)
Movimentos ao longo do eixo vertical (para cima e para baixo)	Movements along the vertical axis (up and down)
Movimentos ao longo do eixo sagital (em direção ao corpo e para fora do corpo)	Movements along the sagittal axis (away from body and towards body)
Suplementar diagonal (combina as direções de movimento mencionadas anteriormente)	Additional diagonal (combine the direction of movement already mentioned)
Qualidade do movimento	Quality of movement
Tamanho (reduzido ou expandido)	Size (reduced or enlarged)
Velocidade (desacelerada, acelerada)	Speed (decelerated, accelerated)
Fluxo do movimento (fraco ou acentuado)	Flow of movement (accentuated)

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de BRESSEM et al. (2013, p.1088-1091)

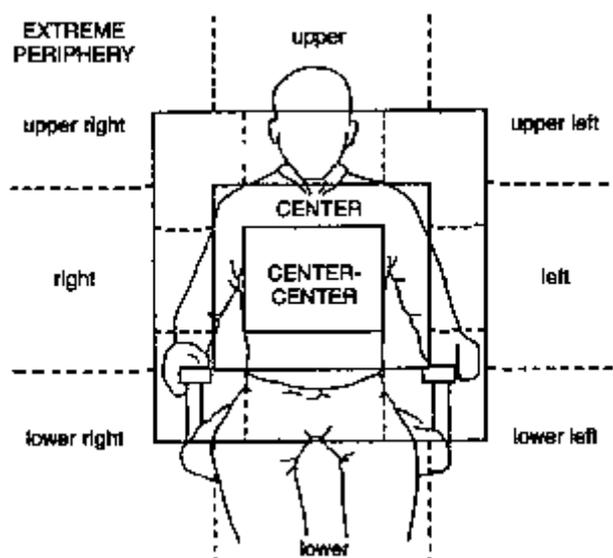
4.2.4. Quarto parâmetro denotação gestual: posição espacial

Por fim, as autoras apresentam o último parâmetro do Sistema Linguístico de Notação Gestual, ocupado pelo parâmetro posição. Apesar de ser claro que a posição no espaço gestual pode ser um fator central para a distinção entre forma e função gestual, ou que pode ser explorado para a criação de unidades gestuais maiores, o parâmetro “posição” parece ser, de maneira geral, menos central com relação à percepção dos gestos. Somente em casos como, por exemplo, o de gestos muito amplos, a posição do espaço gestual é perceptualmente saliente, ou quando a posição é utilizada para indicar informação dêitica, tal como o local em que um objeto está posicionado, ou para estabelecer relações entre os objetos.

Como argumentam Bressemer e colaboradoras (2013), no que se refere ao parâmetro “posição”, o sistema de notação baseia-se no conceito de espaço gestual, introduzido por

McNeill (1992), a partir da divisão do espaço “em setores, utilizando um sistema de quadrados concêntricos” (MCNEILL apud BRESSEM *et al.*, 2013, p. 1091).¹¹⁸ Dessa forma, 4 setores básicos são distinguidos pelo autor: “centro-centro”, “centro”, “periferia” e “periferias extremas”, os quais são diferenciados, posteriormente, de acordo com as propriedades “em cima”, “embaixo”, “à esquerda”, “à direita”, como pode ser observado da Figura 28, fornecida por Bresse e colaboradoras (2013):

Figura 28 - Espaço gestual



Fonte: McNeill, 1992, citado por Bresse e colaboradoras, 2013, p. 1091

Para as autoras, essa descrição do espaço gestual é suficiente para uma categorização básica da posição das mãos e pode ser utilizada para uma primeira descrição no registro das formas gestuais. No entanto, se o pesquisador se interessar por uma descrição mais detalhada dos movimentos e posições no espaço, as autoras apresentam o modelo tridimensional do espaço gestual proposto por Fricke (2005, 2007 *apud* BRESSEM *et al.*, 2013). Nesse modelo, Fricke estabelece 4 dimensões para o espaço gestual, são elas: “(i) 0 = próprio corpo do falante, (ii) 1 = distância próxima do corpo, (iii) 2 = distância média do corpo, e (iv) 3 = distância longa do corpo” (FRICKE *apud* BRESSEM *et al.*, 2013, p. 1091).¹¹⁹ Essas dimensões, como apontam as autoras, podem ser atribuídas mesmo para capturar distância anterior e posterior do corpo do falante. Além disso, esse modelo tridimensional permite

¹¹⁸Into sectors using a system of concentric squares

¹¹⁹ (i) 0 = speaker’s own body, (ii) 1 = close distance to the body, (iii) 2 = middle distance from the body, and (iv) 3 = far distance from the body.

descrever o uso de áreas espaço-gestuais interativas e reconstruir trajetórias de movimento no espaço.

Em suma, para resumir a notação do parâmetro posição, as autoras afirmam que esse parâmetro envolve dois passos: “(i) retratar o setor [espacial] básico e definir suas características posteriores, (ii) se necessário, utilizar o modelo tridimensional, proposto por Fricke, para uma diferenciação posterior”.(BRESSEMet *al.*, 2013, p. 1092)¹²⁰.

A síntese do quarto parâmetro de notação gestual pode ser observada por meio do Quadro 9:

Quadro 9 - Quadro síntese do parâmetro posição espacial (*synthesis table of the parameter espacial position*)

Quatro setores básicos do espaço gestual (McNeill, 1992)	Four basic sectors of the gesture space (McNeill, 1992)
Centro-centro	Center-center
Centro	Center
Periferia	Periphery
Periferias externas	Extreme Periphery
Que são diferenciadas posteriormente de acordo com as propriedades: superior, inferior, esquerda e direita. (ex: periferia superior direita)	Which are further differentiate according the features: upper, lower, right and left (ex: periphery upper right)
Quatro dimensões do espaço gestual (Fricke, 2005, 2007)	Four dimensions for gesture space (Fricke, 2005, 2007)
0 = próprio corpo do falante	(i) 0 = speaker's own body
1 = distância próxima do corpo	1 = close distance to the body
2 = distância média do corpo	2 = middle distance from the body
3 = distância longa do corpo	3 = far distance from the body

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de BRESSEM *et al.*(2013, p.1091-1092)

Em conclusão, segundo as autoras, o sistema estabelece apenas orientações de notação para as mãos, e deixa de fora a descrição anatômica dos braços, outras partes do corpo e posturas corporais. Elas assumem que unicamente as mãos são de importância crucial para a notação das formas gestuais e posterior análise do sentido gestual. Esse sistema, como afirmam Bresse e colaboradoras (2013), foi projetado para permitir a notação dos gestos, a qual ajuda a sistematizar estruturas e padrões das formas e funções gestuais, e dessa forma, fornece uma base para a análise do sentido gestual. Segundo as autoras (2013), como resultado da perspectiva articulatória, as convenções foram projetadas para permitir extensão,

¹²⁰ (i) Depict the basic sector and define its further characteristics. (ii) If necessary, use Fricke's three-dimensional model for further differentiation.

especialmente com relação à incorporação de novas formas gestuais. Essa característica do sistema notacional é especialmente prevalente para o parâmetro “formato de mão”, uma vez que permite facilmente a incorporação de novos tipos de configurações. Portanto, conforme afirmam as autoras, o sistema foi projetado com o objetivo de ser replicável e expansível, caso necessário. Os termos devem, portanto, ser intuitivos e fáceis, pois, dessa forma, podem ser adotados por pesquisadores de diversas disciplinas. O objetivo das autoras foi sugerir termos que preservem as várias formas de aparência física dos gestos como parte dos nomes.

Para encerrar, as autoras argumentam que o sistema apresentado por elas estabelece um amplo e aplicável sistema de notação. Como os termos introduzidos no sistema são baseados somente nas características dos gestos, o sistema notacional está aberto a diferentes tipos de pesquisa, que podem partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas. As autoras também apontam que, dada a flexibilidade e a capacidade de expansão do sistema, pode ser ajustado de acordo com um número amplo de perguntas de pesquisa. Além do disso, o sistema notacional pode ser utilizado como um sistema modular na transcrição, codificação ou anotação dos gestos (e discurso). Por fim, as autoras destacam a importância de o sistema estabelecer uma ampla descrição das formas gestuais, a qual é central para qualquer modo gestual independente se está sendo focalizado nos aspectos cognitivos, semânticos, interativos ou outros aspectos dos gestos.

Apesar de toda a objetividade apresentada pelo Sistema Linguístico de Notação Gestual, de acordo com Cienki (2017), a observação dos comportamentos gestuais partem de um ato interpretativo do pesquisador. Isso significa que podemos analisar o comportamento gestual a partir das perspectivas de três diferentes tipos de interpretantes, pelo menos. Essas perspectivas são as seguintes:

- A do produtor do comportamento (o papel de primeira pessoa); - a do observador no contexto (se houver um); observadores também podem ser distinguidos em termos de diferentes papéis, como o do destinatário pretendido (o papel de segunda pessoa); ou - a do observador dos comportamentos de uma gravação de vídeo em um lugar diferente ou em um tempo diferente do que aquele no qual o vídeo foi produzido (papel de terceira pessoa). Esse papel pode ser subdividido em pesquisador de gestos, espectador do filme, espectador de um vídeo postado na internet, espectador de um vídeo em uma instalação de arte, etc. Um dos importantes fatores aqui é o modo por meio do qual o vídeo é visto: quantas vezes, com que tecnologia, com que nível de atenção, para que propósito, etc. (CIENKI, 2017, p. 135)¹²¹

¹²¹ that of the producer of the behaviour (the first-person role); • that of the observer in context (if there was one); observers can also be distinguished in terms of different roles, such as that of intended

Conforme afirma o autor, é importante e útil para o pesquisador deixar claro, para ele mesmo, qual desses papéis está desempenhando. Essa atitude pode ajudar a tornar o escopo de pesquisador mais claro e, desse modo, pode evitar interpretações equivocadas na análise. Além disso, conforme argumenta Cienki (2017), a análise também envolve tentar observar quando um gesto está sendo utilizado para representar o mapeamento de um conceito a partir de um domínio para outro domínio. Por fim, o autor enfatiza que o pesquisador pode observar e analisar os comportamentos, e fazer afirmações a partir de determinada perspectiva, mas também precisa elucidar como chegou a essa conclusão por meio do uso de métodos explícitos. Nesse sentido, descreveremos, a seguir, o método proposto pelo autor (2017) para a identificação de metáforas nos gestos. Na verdade, o método serve tanto para identificarmos gestos metafóricos (menos prototípicos), que possuem referentes abstratos e/ou ausentes da cena enunciativa imediata; quanto para identificarmos gestos (prototípicos) que possuem referentes concretos e/ou presentes na cena enunciativa imediata.

4.3. Orientações de Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G)

Cienki (2017) afirma que, atualmente, não há um procedimento replicável para identificação e análise de metáforas nos gestos. De acordo com ele, os métodos que estão publicados nas pesquisas sobre a categorização de gestos metafóricos variam bastante e, muitas vezes, não são sequer mencionados. De fato, muitos pesquisadores, particularmente na área de psicologia, seguindo a análise proposta por McNeill (1992 *apud* CIENKI, 2017), contabilizam como metafóricos somente os gestos que expressam a METÁFORA DO CONDUTO. No entanto, como muitos pesquisadores têm demonstrado, a METÁFORA DO CONDUTO não é a única que pode ser observada nos gestos: existem muitos modos por meio dos quais gestos são utilizados para representar ideias que são utilizadas como metafóricas¹²².

A seguir, apresentaremos as orientações propostas por Cienki (2017) para a identificação de metáforas nos gestos. O autor assevera que, ao aplicar essas orientações, deve-se estar consciente de que podem existir grandes diferenças em como as pessoas gesticulam em diferentes culturas, em diferentes contextos, e em diferentes gêneros de

addressee (the second-person role), eavesdropper, passer-by, etc. (Clark 1996); or • that of one viewing the video-recorded behaviour in a different place and at a later time than that in which it was produced (third-person role). This role can also be subdivided into gesture researcher, film viewer, viewer of a video posted on the internet, viewer of the video at an art installation, etc. One of several important factors here is the manner in which the video is viewed: how many times, with what technology, with what level of attention, for what purpose, ectcainer

¹²²Cienki (2017) cita Calbris, 1990; Cienki, 1998, 2013a; Cienki e Müller, 2008a, 2008b.

comunicação, e que também que podem existir diferenças consideráveis entre o estilo individual de comportamento. Além disso, o autor faz uma ressalva de que os dois primeiros passos, que serão descritos a seguir, são executados mais adequadamente com o som do vídeo desligado, com o intuito de ajudar o analista a manter o foco nas formas gestuais visíveis, sem nenhuma distração ou influência da fala associada. Essa mesma orientação, de observar as formas gestuais isoladamente, correspondem ao primeiro bloco de análise do LASG, descrito na seção anterior. As orientações para a identificação (ou não) de metáforas nos gestos são estruturadas da seguinte forma, de acordo com Cienki (2017):

1. Identificar os golpes gestuais.
2. Descrever as formas características de cada golpe.
3. Identificar se o gesto atende a alguma função referencial. Se sim,
4. Identificar o(s) modo(s) de representação.
5. Identificar o(s) referente(s) físico(s) retratados no(s) gesto(s) (o domínio fonte potencial).
6. Identificar o tópico contextual que está sendo referenciado (o potencial domínio alvo).
7. O tópico foi identificado por semelhança na experiência ao referente retratado por meio do gesto? Se sim, o gesto pode ser identificado como utilizado metaforicamente por meio de um mapeamento no qual o tópico (Domínio-alvo) está sendo conectado ao referente retratado (Domínio-fonte). (CIENKI, 2017, p.136)¹²³

Apresentaremos a explicação, fornecida por Cienki (2017), de cada um dos passos do procedimento nas próximas subseções.

4.3.1 Passo 1: Identificar os golpes gestuais

De acordo com Cienki (2017), o primeiro passo visa a identificar as unidades de análise gestual. Esse passo deve ser realizado visualizando o vídeo sem o som e em câmera lenta. Seguindo o que propõe Kendon (2004), o autor define o gesto manual prototípico como o movimento inicial da mão a partir da posição de descanso (preparação), a uma fase mais dinâmica de movimento e tensão na mão (golpe), para posterior manutenção da posição alcançada no fim do golpe (manutenção pós-golpe). Logo depois, as mãos retornam para a posição de descanso (retração) ou prosseguem, realizando um novo golpe gestual. Essas fases foram descritas na seção 3.1 do capítulo 3. Para Cienki (2017), a fase do golpe estabelece o

¹²³ 1. Identify the gesture strokes. 2. Describe the four form features of each stroke. 3. Identify if the gesture serves any referential function. If so, 4. Identify the mode(s) of representation. 5. Identify the physical referent(s) depicted in the gesture(s) (the potential Source domain). 6. Identify the contextual topic being referenced (the potential Target domain). 7. Is the topic being identified via a resemblance in experience to the referent depicted via the gesture? If so, the gesture can be identified as metaphorically used via the mapping that the topic [This Target Domain] is being likened to the referent depicted [This Source Domain].

foco de análise, pois é nessa fase que se exerce a maior quantidade de esforço, sendo considerada, então, como a fase mais significativa do gesto em termos de função em relação ao discurso. A Figura 29, retirada da nossa análise piloto, ilustra as três fases principais da unidade gestual: preparação, golpe e retração. Nesse caso, ilustrado na Figura, o falante está discorrendo a respeito de não lembrar uma data de um documento: o falante diz: “se eu falar aqui uma data, eu tô mentindo”

Figura 29 - Fases de preparação (1a), golpe (1b), e retração (1c) gestual:



Fonte: Depoimento de Lula a Moro

Mais exemplos serão analisados na seção 5.4, na qual buscamos alinhar o MIG-G (CIENKI, 2017) ao Sistema de Notação das Formas Gestuais (BRESSEM *et al.* 2013), analisando Amostras que contenham o dêitico aqui (nosso objeto de estudo nessa pesquisa).

4.3.2 Passo 2: Descrever as formas características de cada golpe

Cienki (2017) afirma que muitos estudiosos em gestos têm adotado o sistema desenvolvido na pesquisa em língua de sinais e descrito as formas gestuais envolvidas de acordo com um conjunto de parâmetros. Em suma, autor apresenta os seguintes parâmetros:

- Formato da mão (ex: mão plana, único dedo estendido, etc.), - orientação (orientação da palma [em direção ao próprio corpo do falante, para cima, etc.] e orientação das falanges da mão [lateral, vertical, diagonal]) – movimento (caminho, qualidade e direção) e –localização do gesto no espaço (central em frente ao torso, periférico acima dos ombros, etc.). (CIENKI, 2017, p. 137).¹²⁴

¹²⁴• hand shape (e.g., flat hand, single finger extended, etc.), • orientation (palm orientation [towards the speaker’s own body, upward, etc.] and orientation of the phalanges of the hand [lateral, vertical,

Esses parâmetros também estão em consonância com os parâmetros do LASG (BRESSEM, *et al.*, 2013), descritos na seção anterior. Para Cienki (2017), os detalhes de aplicação do procedimento podem se diferenciar, dependendo de quão refinada a escolha do sistema de descrição para determinado projeto de pesquisa. Na Figura 1b, apresentada acima para ilustrar a fase de golpe gestual, por exemplo, podemos afirmar que: o formato da mão esquerda é uma palma plana; as palmas estão orientadas para o espaço central, em frente ao falante e as falanges da mão são orientadas para lateral; a direção do movimento é lateral e da esquerda para a direita; e a localização está no espaço central, para fora do corpo. Cienki (2017) argumenta que descrever as formas características dos gestos envolve estabelecer um ponto de partida observável e verificável para interpretação.

4.3.3 Passo 3: Identificar se o gesto atende a alguma função referencial

Cienki (2017) aponta que, deste passo em diante, será necessário que o pesquisador ouça a fala que acompanha o gesto, para realizar a interpretação. Segundo o autor, muitos gestos podem servir a mais de uma função por vez. Eles podem se relacionar ao tópico que o falante está enunciando, também podem se relacionar ao próprio discurso e/ou podem ser orientados, de alguma forma, em direção ao destinatário. Porém, pode-se iniciar a identificação referencial a partir do que o pesquisador considera como a função primária de um dado gesto, no contexto de análise em questão. O autor considera três funções dos gestos, as quais podem ser interpretadas, considerando o envolvimento com algum tipo de referência: “(a) gestos primariamente referenciais, (b) gestos que destacam a estrutura de determinado discurso, e (c) gestos que obedecem a uma função pragmática” (CIENKI, 2017, p. 137)¹²⁵. Discorreremos, a seguir, a respeito de cada uma dessas funções, aplicando-as à descrição metafórica.

De acordo com Cienki (2017), os gestos podem representar alguma(s) característica(s) de um referente. O referente pode ser representado gestualmente como uma entidade física, relação, ou ação, sendo que o gesto geralmente corporifica algum tipo de representação icônica de alguma(s) propriedade(s) desse referente, também verbalizado na linguagem oral, ou verbalizado em termos de um Domínio-alvo abstrato (c.f. seção 3.1 do Capítulo 3). Em

diagonal]) • movement (path, quality and direction) and • location in gesture space (centrally in front of the torso, peripheral beyond the shoulders, etc.).

¹²⁵(a) primarily referential gestures, (b) gestures that highlight the structure of one’s discourse, and (c) gestures that serve a pragmatic function.

geral, os gestos precedem ligeiramente a verbalização dos conceitos aos quais estão relacionados. De acordo com o autor (2017), a representação do Domínio-alvo por meio de formas físicas gestuais (Domínio-fonte) é um modo muito comum por meio do qual a metáfora aparece nos gestos.

Além desses gestos representacionais, Cienki (2017) argumenta que a referência também pode ser acompanhada pelo gesto de “apontar”, isso é: por um gesto dêitico. Nesse sentido, o “apontar” para uma referência física pode ser acompanhado por um movimento em direção ao referente pretendido (de maneira mais precisa, na direção de onde se conceptualiza o referente físico) ou na direção do referente associado, de forma metonímica, a uma entidade ou objeto (por exemplo, apontar para uma cadeira vazia quando se faz referência a alguém que acabou de sentar na cadeira). Para o autor, apontar para o espaço vazio, na verdade, significa apontar para uma ideia abstrata (dêixis abstrata), conforme postulado por McNeill, Cassell e Levy (1993). Afinal, como postulam os autores (1993, p.17): “graças ao trabalho criativo do gesto, o espaço não é, de fato, vazio!”, já que o gesto encena, metaforicamente e metonimicamente, os referentes no espaço. Essas questões foram amplamente discutidas nas seções 3.1.1 e 3.1.2 do capítulo 3.

Cienki (2017) argumenta que os gestos também podem se referir à estrutura do próprio discurso enquanto está sendo proferido. Nesse caso, conforme o autor, os gestos podem cumprir uma “função gramatical” (KENDON apud CIENKI, 2017, p. 138)¹²⁶.

O autor aponta que os gestos rítmicos (*beats* – usualmente envolvem pequenos movimentos rítmicos para frente e para trás) também podem estruturar o discurso, geralmente por meio do uso coincidente com as sílabas enfatizadas prosodicamente. Esses gestos podem, também, ser interpretados como se envolvessem uma ênfase do discurso e, dessa forma, envolvem uma esquematicidade metafórica no nível discursivo. Por exemplo: na Figura 15, do artigo de Avelar e Ferrari (2017), abordado no capítulo 3, as autoras demonstram que a ocorrência verbo-gestual do “aqui”, conjuntamente com o gesto de “apontar para baixo”, embora seja congruente, a ocorrência do dêitico parece ser redundante. Sendo assim, o gesto funciona mais como um marcador de ênfase do que como um marcador locativo.

Porém, conforme Cienki (2017), há algumas indicações de que a estrutura das batidas pode também estar relacionada aos conceitos metafóricos, e potencialmente associada ao discurso correspondente. Casasanto (2008 *apud* CIENKI, 2017) relata gestos rítmicos na direção ascendente, co-ocorrendo com o acento ascendente, em níveis estaticamente

¹²⁶parsing function

significantes, quando sujeitos estavam falando a respeito de tópicos como o tempo tornando-se quente. Da mesma maneira, elas realizavam gestos rítmicos na direção descendente ou realizavam movimentos descendentes, quando estavam falando a respeito da compra de um carro barato, por exemplo, apesar de não estarem utilizando expressões metafóricas verbais relacionadas ao espaço (alto ou baixo). Nesse contexto, tais gestos rítmicos podem ser vistos como se envolvessem referências metafóricas de fundo para “TEMPERATURAS QUENTES” como “ALTAS” e “PREÇOS BARATOS” como “BAIXOS”.

Para Cienki (2017), alguns gestos atendem primordialmente a uma função pragmática, realizando uma força ilocucional ou contendo um efeito perlocucional em relação à fala associada. Por exemplo: a rejeição de uma ideia, ao se sacudir rapidamente a mão aberta com baixos dedos para cima (*palm away*); ou a interpelação direta de uma resposta do destinatário, por meio da extensão da mão aberta, palma para cima, orientada em direção ao destinatário. No entanto, como aponta o autor, certos aspectos dos usos gestuais podem ser construídos com uma referência implicada no discurso ou às ideias que estão sendo expressas. Por exemplo:

o gesto de “descartar”, rejeitando uma ideia, envolve um formato de mão e movimento que será utilizado [como se] descartando algo pequeno, e o gesto de rotação cíclica pode ser visto na relação com a conversa em curso, como o processo mecânico de uma roda ou de uma engrenagem girando. (CIENKI, 2017, p.138).¹²⁷

Dessa forma, os gestos explicitados nos exemplos podem envolver um tipo de fundo metafórico, conforme afirma Cienki (2017), mas que se referem a toda uma estrutura ou porção do discurso, e não a um referente específico.

4.3.4 Passo 4: Identificar o(s) modo(s) de representação gestual

De acordo com Cienki (2017), esse passo envolve: as formas manuais descritas no passo 2.2, considerando os gestos que atendem à função referencial descritos no passo 2.3, e a articulação de como eles referem-se iconicamente a algum referente e/ou ação, qualidade. O autor apresenta, baseado em Müller (1998a, 1998b, 2014), quatro modos de representação dos gestos manuais, já descritos na seção 3.1.2 do Capítulo 3: “encenar”, “corporificar”, “segurar/moldar” (3D) e “desenhar” (2D). Retomaremos, brevemente, a descrição de cada um

¹²⁷ the ‘throwing away’ gesture of rejecting an idea involves a hand shape and motion that would be used with throwing down something small, and the cyclic rotating gesture can be seen as relating the ongoing talk to the mechanical process of a wheel or gear rotating

desses modos de representação, conforme propostos mais recentemente por Cienki (2017, p.139):

Encenar (*enacting*): a mão ou as mãos movem-se como se representassem engajamento em uma ação. Frequentemente, as mãos estão envolvidas “como se” manipulassem algo. Por exemplo: como se abrissem a tampa de uma garrafa ou como se escrevessem com uma caneta, embora o falante não esteja segurando uma garrafa ou uma caneta.

Corporificar (*embodying*): a mão figura uma entidade que representa. Exemplos ocorrem quando alguém estende e move os dedos indicadores em alternância sobre uma superfície, simulando que eles são pernas de uma pessoa caminhando, ou quando alguém posiciona as duas mãos horizontalmente com as palmas pressionadas para representar dois pedaços de pão que fazem um sanduíche;

Segurar/tocar (*holding/moulding*):As palmas das mãos encontram-se como se fossem adjacentes e conformam-se a uma entidade imagética, como se segurassem alguma coisa no ar (as mãos curvadas, com as palmas voltadas uma para a outra, como se segurassem uma bola) ou movem-se como de contornassem a superfície de um objeto;

Desenhar (*drawing*): a mão ou as mãos se movem como se desenhasses uma forma, frequentemente com a ponta dos dedos constituindo a “zona ativa”, movendo-se como de delineassem um traçado imagético da forma descrita. Por exemplo: o desenho de um retângulo com os dedos, ao se descrever a moldura de um quadro.

Conforme Cienki (2017), a metonímia exerce um papel constitutivo na representação de todos esses modos mencionados acima. Para o autor, no “encenar”, por exemplo, representa uma ação correspondente à parte do todo de uma cena representada. Já no “corporificar”, a mão representa um objeto por uma ação ou processo. Por fim, no “segurar/moldar” e no “desenhar”, é representada somente a parte saliente da forma representada, respectivamente em 2D e em 3D.

A princípio, havíamos decidido criar uma trilha separada para o Gesto de Apontar e diferenciá-lo dos modos de representação seguindo as proposições das teorias de gestos atuais (Müller, 2013), pois conforme afirma Goodwin (2003), quando o falante diz, por exemplo: “parece que eles estavam indo por esse caminho”¹²⁸ (GOODWIN, 2003, p. 236), o gesto realizado, que torna visível a direção e o movimento do objeto, é bastante diferente dos demais gestos de apontar, pois, no caso dos gestos de apontar, o dedo indicador guia o olho do

¹²⁸ En it looks like they were goin this way.

destinatário para algo além do dedo: o local que está sendo apontado. Num caso como este, a mão que se move é, unicamente, o foco da visão. Sendo assim, o que está sendo referido e caracterizado não é o local ou algum objeto, mas o movimento do invisível objeto movendo-se ao longo de um determinado caminho.

Em consonância com o que é descrito por Goodwin (2003), os gestos de apontar, segundo estabelece Kendon (2004), têm em comum um padrão de movimento característico, no qual a parte do corpo encarregada de apontar, é movida em uma trajetória bem definida e a dinâmica do movimento ocorre de tal maneira que a trajetória, mesmo que apenas final do movimento, é linear. Nos gestos de apontar, com exceção de quando um objeto em movimento está sendo acompanhado, o movimento com o qual o gesto coocorre é voltado para uma direção claramente definida; em direção a algum alvo específico. Conforme descrevemos com maiores detalhes na subseção 3.2.1, os sete tipos de gestos, propostos por Kendon (2004), são, resumidamente, os seguintes: Dedo Indicador Estendido Neutro (palma vertical); Dedo Indicador Estendido Pronado (palma para baixo); Polegar; Mão Aberta Neutra; Mão Aberta Supinada (palma para cima); Mão Aberta Oblíqua (palma oblíqua); Mão Aberta Pronada (palma para fora).

Desses sete tipos, decidimos elencar quatro: Dedo indicador estendido neutro (palma vertical): PVIF; Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo): PDPIF; Polegar estendido (orientação de antebraço variável): THUMB e mão aberta, palma para fora: PAOH e acrescentar dois: dedo indicador estendido dobrado (PDSIF); dedo indicador estendido; palma para fora (PAIF). Sendo assim, criamos trilhas específicas para os gestos de apontar e para os Modos de Representação, utilizamos, em nossas análises, quatro dos sete tipos de gestos de apontar propostos por Kendon (2004) e acrescentamos mais dois (dedo indicador estendido dobrado (PDSIF); dedo indicador estendido; palma para fora (PAIF)), uma vez que foram estes os tipos de *pointing* encontrados em nossos dados empíricos. Contudo, no momento de discutir as análises, achamos mais produtivo apresentar os diferentes Modos de Representação juntamente com os diferentes gestos de apontar, pois, como os dados se referem a um número reduzido de ocorrências, Gráficos separados tiveram um poder muito reduzido de explicação, pois se aproximavam demasiadamente dos dados brutos. Essa apresentação dos dados será discutida com maiores detalhes no Capítulo 5.

4.3.5 Passo 5: Identificar o(s) referente(s) físico(s) retratado(s) no(s) gesto(s)

Cienki (2017) afirma que, para os gestos representacionais, deve-se estabelecer a entidade representada a partir do(s) modo(s) descritos no passo 2.4. Como já foi estabelecido pelo autor, este passo requer acompanhar o discurso associado, para realizar a interpretação referencial necessária. Já para o gestos de apontar, segundo o autor, deve-se utilizar as determinações do passo 3, “como se” um referente concreto ou abstrato estivesse envolvido. Em outras palavras, deve-se estabelecer o alvo do “apontar” (*pointing*): uma entidade física, presente no espaço imediato, ou um referente abstrato, criado no espaço apontado. Se o referente identificado neste passo for abstrato, o gesto representa um potencial Domínio-fonte (concreto) da metáfora.

4.3.6 Passo 6: Identificar o tópico contextual que está sendo referenciado

Cienki (2017) afirma que o referente contextual é, frequentemente, a ideia que está sendo referenciada no discurso verbal, que ocorre em proximidade temporal com o gesto. Para os gestos representacionais, conforme aponta o autor, deve-se estabelecer o que constitui o referente contextual, a partir da fala. Já para os gestos de apontar, se o referente no passo 2.6 não for físico, deve-se estabelecer qual é o referente contextual que está contido no discurso. Sendo assim, o tópico contextual referenciado, se abstrato ou ausente da cena enunciativa imediata, representa um Domínio-alvo potencial para a metáfora.

4.3.7 Passo 7: O tópico foi identificado (no passo 6) por meio da semelhança na experiência¹²⁹ ao referente retratado por meio do gesto?

Cienki (2017) argumenta que, se a resposta para essa pergunta for sim, o gesto pode ser identificado como sendo utilizado metaforicamente, por meio de um mapeamento no qual o tópico (Domínio-alvo), contido no discurso verbal, está sendo conectado ao referente retratado (Domínio-Fonte), representado ou apontado pelo gesto (c. f. Figura 10, da seção 3.1 do capítulo 3, em que a “VERDADE” (tópico discursivo/referente abstrato encenado na fala) é

¹²⁹“‘Resemblance in experience’ should be understood here as: similarity that one could conceive of, such as an abstract process being like something moving through space, or a concept itself being like an object one could hold in one’s hand.” (CIENKI, 2017, p.140)

representada pelo “desenhar” (modo de representação gestual) de uma “LINHA RETA” (Domínio-fonte).

Amostras ilustrativas da aplicação do procedimento aos nossos *corpora* de análise estão descritas na subseção 5.1.1.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Com o objetivo de realizar a análise dos multimodais, referentes às três Amostras selecionadas para análise – descritas na seção 4.2– criamos trilhas de análise no *software* ELAN, versão 4.8.1 (SLOETDJES, H.; WITTENBURGH, 2008), a partir das Orientações descritas no MIG-G (CIENKI, 2017). O conjunto de todas as trilhas e golpes gestuais pode ser visualizado no Anexo 1. Posteriormente, na subseção 5.1.1, apresentamos uma análise ilustrativa, aplicando as Orientações para Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G) em uma ocorrência ilustrativa mais prototípica e em outra ocorrência, menos prototípica do dêitico “aqui”, retiradas da Amostra 3, referente ao Depoimento de Lula a Moro. Na sequência, buscamos comparar o percentual relativo à Presença *versus* Ausência de Metáforas, considerando o conjunto das 3 Amostras, contendo 8 ocorrências do dêitico “aqui” cada, totalizando, portanto, 24 ocorrências. Também buscamos verificar a comparação entre a quantidade de Gestos de Apontar e a quantidade de Modos de Representação Gestual, sem especificar, num primeiro momento, a natureza dos gestos realizados, a fim de realizarmos uma discussão mais panorâmica dos resultados obtidos.

Posteriormente, realizamos uma descrição mais detalhada, na qual apresentamos análises quanti-qualitativas das ocorrências de cada Amostra. Para realização da análise quantitativa, apresentamos as porcentagens referentes a cada um dos Modos de Representação Gestual, bem como aos diferentes Gestos de Apontar verificados no conjunto das ocorrências de cada Amostra. A partir dos resultados obtidos, optamos por analisar as ocorrências em termos escalares, uma vez que, embora as Orientações determinem uma categorização de metáforas em termos variáveis categóricas, ou seja, de “presença (sim)” x “ausência (não)”, sustentamos, com base no princípio da Metaforicidade (CIENKI; MÜLLER, 2008) – descrito na subseção 3.1.1 –, a ideia de que a emergência de metáforas ocorre de maneira gradual, podendo ser mais ou menos ativadas no discurso em curso.

Propomos, então, representações em escalas radiais de prototipicidade, referentes às ocorrências de uso real dos compostos verbo-gestuais contendo o dêitico “aqui”, sendo que os exemplares mais centrais dos protótipos de cada Amostra correspondem àqueles em que os compostos verbo-gestuais se referem aos usos locativos do dêitico, e os mais periféricos, aos usos mais metafóricos – como, por exemplo, aqueles em que a metáfora “TEMPO É ESPAÇO” emerge. A partir dessas representações radiais, procedemos à análise qualitativa de ocorrências ilustrativas, que se apresentaram como desafios de análise em cada Amostra. Posteriormente, estabelecemos uma comparação geral entre as amostras, em

que apresentamos Gráficos com a porcentagem total das ocorrências dos diferentes Gestos de Apontar encontrados nas três Amostras simultaneamente, bem como a porcentagem total dos diferentes Modos de Representação Gestual encontrados conjuntamente nas três Amostras. Por fim, realizamos uma análise qualitativa do universo amostral, tecendo comentários mais gerais a respeito dos Modos de Representação Gestual, bem como dos Gestos de Apontar predominantes. A partir das discussões empreendidas, realizadas por meio da discussão de ocorrências ilustrativas, criamos uma representação radial de prototipicidade, considerando todas as funções desempenhadas pelo dêitico “aqui”, como também correlacionamos as Metáforas Conceptuais encontradas com os gestos realizados, considerando-se o conjunto das Amostras de Análise.

5.1 Criação das trilhas de análise

A fim de realizarmos a análise dos dados multimodais, criamos uma trilha de análise, retratada no Anexo 1, no *software* ELAN, versão 4.8.1 (SLOETDJES; WITTENBURGH, 2008), utilizado para esse tipo de análise, pois permite que sejam criadas trilhas de análise simultâneas. No caso da nossa análise, criamos as seguintes trilhas, a partir das Orientações descritas no MIG-G (CIENKI, 2017), conforme pode ser visualizado na Figura a seguir:

Figura 30 - Foto ilustrativa do *display* e trilha de análise criada no ELAN

The screenshot displays the ELAN software interface. At the top, there is a menu bar with options like 'Arquivo', 'Editar', 'Anotação', 'Trilha', 'Tipo', 'Buscar', 'Visualizar', 'Opções', 'Janela', and 'Ajudar'. Below the menu, a video player shows a scene with several people in a meeting room. The video player includes a volume control slider set to 100, a progress bar, and playback controls. Below the video player, there is a control bar with buttons for 'PS', 'S', and various navigation arrows, along with checkboxes for 'Modo de Seleção' and 'Modo de Repetição (Loop)'. The main area of the interface is a timeline with a time scale from 00:00:01.000 to 00:00:06.000. On the left side of the timeline, there are several colored layers for annotations, including 'Transcription', 'Translation', 'Handshape', 'Palm orientation', 'Movement direction', 'Movement quality', 'Spatial position', 'Gesture Mode of Represe', 'Pointing', 'Depicted physical referent', 'Referenced contextual top', and 'Presence of Metaphor'. On the right side, there is a list of annotations for the selected time segment, including 'depoimento', 'testimony', 'Closed hand', 'Palm down', 'Downwards', 'Sharp', 'Far distance from the', 'Enacting', 'Objeto', 'Aqui no depoimento', and 'Yes'.

Transcription	[1]
Translation	[1]
Handshape	[1]
Palm orientation	[1]
Movement direction	[1]
Movement quality	[1]
Spatial position	[1]
Gesture Mode of Represe	[1]
Pointing	[0]
Depicted physical referent	[1]
Referenced contextual top	[1]
Presence of Metaphor	[1]

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com a colaboração da orientadora

As trilhas, com os respectivos vocabulários controlados – palavras ou expressões que são previamente adicionadas pelo analista, e podem ser posteriormente selecionadas no momento das análises –, estão descritas a seguir:

Trilha 1: Transcrição

Trilha 2: Tradução

Trilha 3: Formato das mãos: Mão aberta, mão fechada, dedo indicador estendido; dedos fechados

Trilha 4: Orientação das palmas: para cima, para baixo, vertical, diagonal

Trilha 5: Direção do movimento: para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo, para fora do corpo, em direção ao corpo.

Trilha 6: Qualidade do movimento: preciso ou impreciso

Trilha 7: Posição espacial: distância próxima, distância média, distância periférica

Trilha 8: Apontar: Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo): PDPIF, dedo indicador estendido dobrado (PDSIF); dedo indicador estendido, palma para fora: PAIF; indicador estendido neutro (palma vertical): PVIF; Polegar estendido (orientação de antebraço variável): THUMB; mão aberta, palma para fora: PAOH.

Trilha 9: Modo de representação gestual: encenar, corporificar, segurar/moldar (3D), desenhar (2D)

Trilha 10: Referente físico retratado no gesto: Anotação descrição do referente apontado ou representado pelo gesto. No segundo caso, os referentes foram descritos como: Objeto 3D, Container, estabelecimento de barreiras, representação de parênteses, porção específica do discurso.

Trilha 11: Tópico contextual referenciado: Anotação da palavra/porção do discurso com a qual o gesto ocorre.

Trilha 12: Presença de metáfora: sim ou não

Tal como proposto nas Orientações (CIENKI, 2017), primeiramente, retiramos o som dos vídeos e reduzimos a velocidade da execução para 70%, de modo a podermos identificar e isolar os Golpes gestuais (*strokes*). Posteriormente, ainda com o som desligado, descrevamos os quatro parâmetros de notação gestual (BRESSEM, 2013): Formato das mãos (Trilha 3); Orientação das Palmas (Trilha 4); Movimento, desdobrado em duas subcategorias: Direção do movimento (Trilha 5) e Qualidade do movimento (Trilha 6); e Posição espacial (Trilha 7). Em seguida, analisamos se o gesto pertencia ou não à categoria “Apontar”, uma vez que se trata da categoria de gestos prototípica dos compostos verbo-gestuais contendo o “aqui” – c.f. explicação fornecida na subseção 3.2.2.

Em caso afirmativo, realizamos o preenchimento da Trilha 8; em caso negativo, realizamos o preenchimento da Trilha 9¹³⁰. Ambas as trilhas também foram preenchidas com o som do vídeo desligado. No caso da Trilha 9, houve alguns casos de dúvida, que foram discutidos e solucionados após o preenchimento da Trilha 10, em que, com o som do vídeo ligado, escrevemos a palavra ou porção do discurso com a qual o gesto co-ocorre. A partir do cruzamento dos dados presentes na Trilha 10, com os dados das Trilhas 9 ou 10, a depender do tipo de gesto realizado, preenchemos a Trilha 11, cuja anotação realizada foi resultante da correlação entre o gesto e o discurso proferido. Em ocorrências mais prototípicas, o referente físico retratado no gesto naturalmente correspondia ao “aqui”. Entretanto, em ocorrências menos prototípicas, em que os gestos correspondiam a Modos de Representação Gestual (ao invés dos Gestos de Apontar), o referente físico foi descrito de acordo com a interpretação

¹³⁰ Essa sugestão de separar as trilhas nos foi dada por Alan Cienki, após a apresentação do nosso trabalho no VI Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento, uma vez que o “apontar” não se constitui como um Modo de Representação, mas como o trajetor que tem como alvo objeto que se encontra para além do gesto realizado, ainda que seja um objeto criado no/pelo discurso, como no caso de ocorrências metafóricas.

icônica do gesto realizado (Objeto 3D, Container etc. Finalmente, preenchemos a Trilha 12 como “Sim”, em casos em que havia uma correspondência(*match*) do referente físico e/outópico contextual com a descrição gestual e “Não”, em casos de não-correspondência (*mismatch*) A aplicação do procedimento será ilustrada na subseção a seguir. Vale ressaltar que, apenas ao final, preenchemos a Trilha 1, com a transcrição ortográfica da fala contida em cada vídeo, e da Trilha 2, com a tradução o mais próxima possível da fala informal em inglês. Todas as trilhas preenchidas, assim como os *strokes* isolados em cada uma das ocorrências encontram-se detalhadamente descritos e retratados no Anexo 1.

5.1.1 Análise ilustrativa de aplicação das Orientações para Identificação de Metáforas (MIG-G): ocorrência mais prototípica e ocorrência menos prototípica

A fim de demonstrar a aplicação das Orientações para Identificação de Metáforas nos Gestos ou MIG-G (CIENKI, 2017), selecionamos duas ocorrências representativas do dêitico “aqui”: uma ocorrência mais prototípica e outra menos prototípica. As ocorrências foram retiradas da Amostra 3, Depoimento de Lula a Moro, e estão descritas nas Figuras 31 e 32. No caso da ocorrência mais prototípica, o presidente Lula diz: “Toda hora que o senhor cita a minha mulher, sem ela poder estar aqui pra se defender, é muito difícil”.

Figura 31 – Ocorrência ilustrativa mais prototípica do dêitico "aqui"



“Sem ela [Marisa] poder **tá aqui** (1) pra se defender”

Dedo indicador direito parcialmente estendido, demais dedos dobrados, palma para baixo, movimento descendente, à frente e para fora do corpo, distância média em relação ao corpo.

Fonte: Depoimento de Lula a Moro

Aplicando o procedimento de análise à ocorrência mais prototípica, temos o seguinte resultado:

Trilha 1: Formato das mãos: Dedo indicador parcialmente estendido, demais dedos dobrados

Trilha 2: Orientação das palmas: Palma para baixo

Trilha 3: Direção do movimento: Para baixo, para fora do corpo

Trilha 4: Qualidade do movimento: Impreciso

Trilha 5: Posição espacial: distância próxima, distância média, distância periférica

Trilha 6: Modo de representação gestual: apontar

Trilha 7: Referente físico retratado no gesto: “aqui”

Trilha 8: Tópico contextual referenciado: “tá aqui”

Trilha 9: Presença de metáfora: Não

Ao analisar o Golpe gestual que co-ocorre com o discurso, notamos que o falante realiza um Golpe complexo, no qual há várias repetições do mesmo movimento. O referente retratado no gesto (“apontar para o espaço físico imediato”) corresponde ao tópico contextual referenciado (“estar aqui neste espaço”), ou seja, ao espaço físico imediato em que ocorre o discurso. Sendo assim, é possível identificar um uso prototípico do dêitico, como locativo espacial, tanto na fala, quanto nos gestos. Trata-se, portanto, de uma ocorrência prototípica (não-metafórica), acompanhada do gesto prototípico do “aqui”, de “apontar para baixo”, conforme postulam Avelar e Ferrari (2017).

Já na ocorrência menos prototípica com o dêitico “aqui”, disposta na Figura 32, o ex-presidente Lula diz: “Eu ouvi aqui, não sei se eu ouvi direito, mas eu ouvi no depoimento”.

Figura 32- Ocorrência ilustrativa menos prototípica do dêitico "aqui"



“Eu ouvi **aqui** (1), não sei se ouvi direito [...] no depoimento”.

Mãos abertas, dedos esticados, palmas verticais, voltadas uma para outra, movimento para fora do corpo, distância média em relação ao corpo.

Fonte: Depoimento de Lula a Moro

Aplicando o procedimento de análise à ocorrência menos prototípica, temos o seguinte resultado:

Trilha 1: Formato das mãos: Mão aberta

Trilha 2: Orientação das palmas: Vertical

Trilha 3: Direção do movimento: Para fora do corpo

Trilha 4: Qualidade do movimento: Preciso

Trilha 5: Posição espacial: Distância média

Trilha 6: Modo de representação gestual: Segurar/moldar (3D)

Trilha 7: Referente físico retratado no gesto: Fronteira sendo delimitada (“Container”)

Trilha 8: Tópico contextual referenciado: “aqui no depoimento”

Trilha 9: Presença de metáfora: Sim

Ao analisar o Golpe gestual que co-ocorre com a fala, observamos que o falante realiza um Golpe simples, pois é realizado um único movimento, de maneira precisa. O referente retratado nos gestos instancia o Modo de Representação Gestual “Segurar/Moldar” e, conseqüentemente, o Esquema Imagético “CONTAINER”. Entretanto, a referência verbal é abstrata: “aqui, neste depoimento”. Sendo assim, uma entidade abstrata (o depoimento) é representada por um gesto concreto “delimitar fronteiras” que contém um objeto. Assim, é instanciada a Metáfora Conceptual: “IDEIAS/ENTIDADES SÃO OBJETOS” (MCNEILL; CASELL; LEVY, 1993), em que o “aqui nesse depoimento” (Domínio-alvo) é o próprio é representado gestualmente como delimitado dentro de um “CONTAINER”. Esse exemplo caracteriza uma ocorrência menos prototípica do “aqui”, que possui uma função de marcador discursivo, delimitador de uma porção específica do discurso.

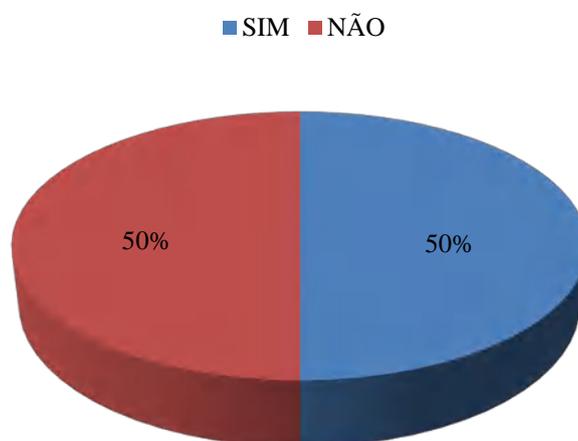
Na próxima subseção, referente à análise de dados, apresentaremos uma descrição quali-quantitativa, com ocorrências ilustrativas referentes às três Amostras de Análise: a Amostra 1, com 8 (oito) ocorrências coletadas do *Red Hen Lab*; a Amostra 2, com 8 (oito) ocorrências coletada da Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora”; e a Amostra 3, com 8 (oito) ocorrências coletadas do discurso de Lula, no Depoimento de Lula a Moro.

5.2 Análise das Amostras

A fim de realizarmos a análise das Amostras, num primeiro momento, buscamos comparar o percentual relativo à Presença x Ausência de Metáfora em todas as Amostras, consideradas simultaneamente— 3 (três) Amostras, contendo 8 (oito) ocorrências do dêitico “aqui” cada, totalizando, portanto, 24 (vinte e quatro) ocorrências—, pois acreditamos que, apesar de as Orientações para Identificação de Metáforas no Gestos (CIENKI, 2017) visem a identificar ocorrências metafóricas multimodais, elas também permitem que identifiquemos

ocorrências multimodais não-metafóricas. Sendo assim, a identificação, muito embora categórica, de ocorrências que contêm metáfora x ocorrências que não contêm, constitui-se como preponderante no estabelecimento de quais ocorrências multimodais do dêitico “aqui”, nas respectivas Amostras, são consideradas mais prototípicas – casos em que há correspondência entre referentes retratados na fala e nos gestos referentes ao contexto físico imediato – ou menos prototípicas – casos em que os referentes físicos retratados nos gestos correspondem a um objeto ou porção abstrata do discurso. Esse percentual comparativo de Presença x Ausência de Metáforas está descrito no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 - Presença x Ausência de Metáforas - Total das ocorrências



Fonte: Dados de análise

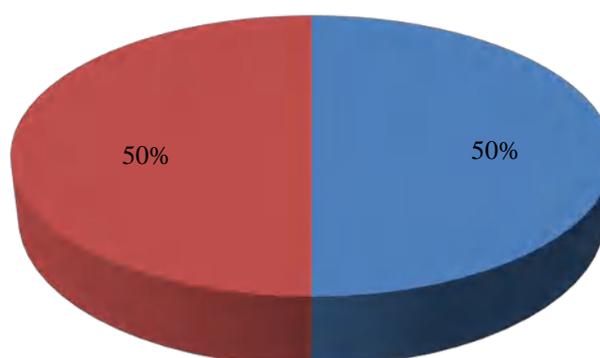
Conforme é possível visualizar no Gráfico 1, considerando o total dos dados, 50%, das ocorrências foram categorizadas como sendo metafóricas – índice percentual correspondente a 12 ocorrências do dêitico “aqui”– e os outros 50%, – índice percentual correspondente às outras 12 ocorrências do dêitico “aqui”– foram categorizadas como sendo não-metafóricas. É relevante lembrar que essa categorização se deu conforme a aplicação do MIG-G a cada uma das ocorrências. Ou seja: quando houve uma correspondência entre o “aqui”, referindo-se ao contexto locativo imediato, e, portanto, o gesto realizado referia-se ao espaço físico, as ocorrências foram consideradas como não-metafóricas. Por outro lado, quando o dêitico veiculado não correspondia ao uso locativo e o gesto realizado, então, se referia a um objeto ou a uma porção abstrata do discurso, as ocorrências foram categorizadas como metafóricas – c.f. exemplificado na subseção 5.1.1. Nas subseções seguintes, decidimos explorar, de maneira descritiva, as especificidades de cada Amostra, uma vez que nos interessa a discussão,

não apenas descritiva, mas também qualitativa, dos gestos realizados pelos falantes ao proferirem o “aqui” em contextos mais prototípicos ou menos metafóricos, e menos prototípicos ou mais metafóricos.

Antes de procedermos a essa descrição mais detalhada de cada Amostra, decidimos verificar a comparação entre a quantidade de Gestos de Apontar realizados, independentemente de quais deles foram realizados x a quantidade de Modos de Representação Gestual realizados, independente dos modos específicos realizados. Conforme pode ser observado no Gráfico2, o resultado foi o mesmo encontrado no Gráfico anterior:

Gráfico 2 - Modos de Representação Gestual e Gestos de Apontar - Total das ocorrências

■ Modos de Representação ■ Gestos de apontar



Fonte: Dados de análise

Sendo assim, considerando o total dos dados, no que se refere à comparação dos Modos de Representação Gestual com os Gestos de Apontar, a visualização do Gráfico permite afirmar que a metade das ocorrências (50%) apresentou Gestos de Apontar, enquanto a outra metade (50%) ilustraram, nos gestos, modos de representação icônicos. Esse resultado poderia levar à interpretação categórica de que, quando as ocorrências verbais são menos metafóricas ou mais prototípicas, co-ocorreriam com elas os Gestos de Apontar, considerados como os mais prototípicos nessa situação. Da mesma maneira, seria possível afirmar que, quando as ocorrências verbais veiculam referentes menos prototípicos, abstratos, co-

ocorrerem com elas os gestos relativos a Modos de Representação Gestual icônicos diferentes dos Gestos de Apontar.

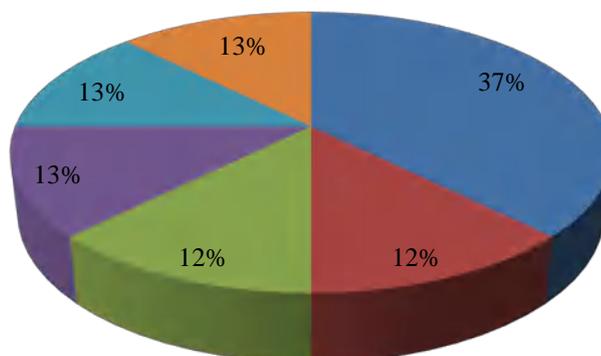
No entanto, acreditamos que, embora o fato de a mesma porcentagem encontrada nos Gráficos possa revelar uma tendência mais geral, é necessário discutirmos, de maneira mais detalhada, “como” os falantes apontam e representam referentes nos gestos, pois, qualitativamente, interessa-nos discutir, em última análise, “o que os falantes realizam com as mãos” quando estão veiculando verbalmente o dêitico “aqui”. Nesse sentido, apenas uma análise mais detida sobre os resultados de cada Amostra nos revelaria se, de fato, a tendência mais geral demonstrada na correlação entre “ausência de metáforas” e “realização de gestos de apontar” x “presença de metáforas” e “realização dos Modos de Representação” pode ser confirmada, de fato, nos dados. Como os dados de cada Amostra se referem a um número relativamente reduzido de ocorrências— 8 ocorrências por Amostra—, decidimos gerar gráficos em que fosse possível visualizar os diferentes Gestos de Apontar conjuntamente com os diferentes Modos de Representação Gestual, pois a geração de gráficos separados se aproximava demasiadamente dos dados brutos, possuindo pouco poder explicativo dos dados.

5.2.1 Ocorrências da Amostra 1: Dados do Red Hen

O Gráfico 3, conforme pode ser visualizado a seguir, apresenta as porcentagens referentes aos Modos de Representação Gestual e aos Gestos de Apontar presentes no total de ocorrências da Amostra 1 (dados do *Red Hen*). Os Modos de Representação Gestual encontrados na referida Amostra foram os seguintes: *Holding/Molding* (Segurar/Moldar) e *Embodying* (Corporificar). Já os gestos apontar encontrados foram: PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado, Palma Para Baixo; PAIF ou dedo indicador estendido, palma para fora; PVIF ou Dedo Indicador Estendido, Palma Vertical; e THUMB ou Polegar estendido, orientação de antebraço variável.

Gráfico 3 - Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual - Amostra 1

■ PDPIF ■ PVIF ■ THUMB ■ PAIF ■ Holding/Moulding (3D) ■ Embodying



Fonte: Dados de análise

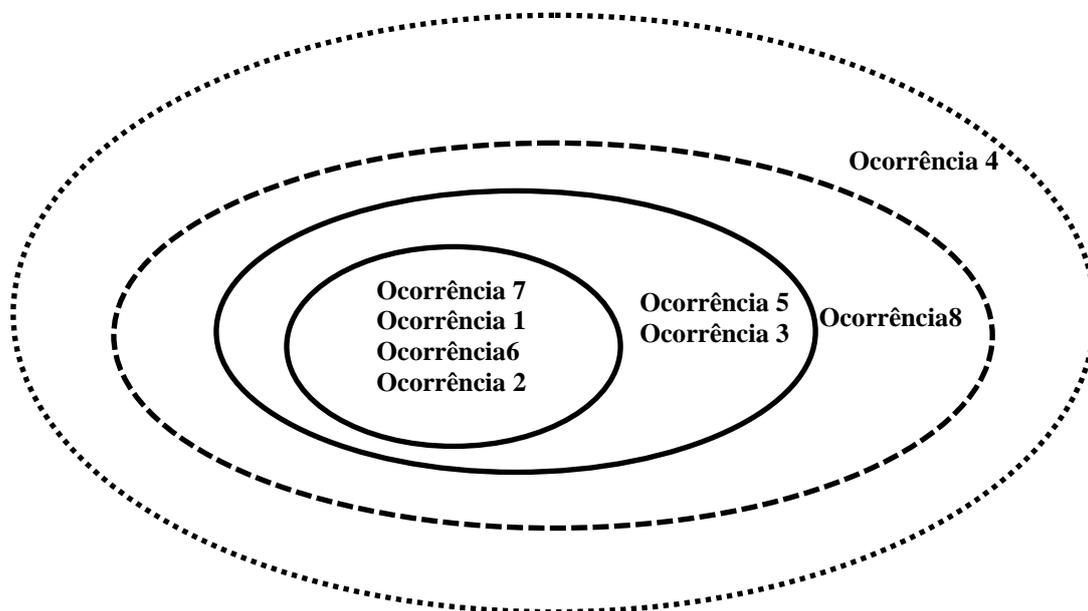
Conforme é possível visualizar no Gráfico, o maior índice percentual encontrado, considerando o total de ocorrências referentes à Amostra 1, foi o do modo de representação *Holding/Molding* (Segurar/Moldar): 37% das ocorrências apresentaram esse Modo de Representação icônico. Enquanto que, nas ocorrências que apresentaram Gestos de Apontar, não houve um índice percentual predominante, pois há o mesmo índice percentual (13%) para 3 (três) dos 5 (cinco) Gestos de Apontar e um índice muito similar (13%) para cada um dos 2 (dois) outros Gestos de Apontar. Sendo assim, no geral, não houve uma porcentagem predominante para as ocorrências em que são realizados Gestos de Apontar. No entanto, é importante ressaltar que, ao somar as porcentagens relativas a todos os tipos de Gestos de Apontar, esses gestos apresentaram um percentual predominante, totalizando um índice de 67% nessa Amostra.

No que se refere à análise qualitativa dos dados, apesar de as Orientações para Identificação de Metáforas nos Gestos trabalharem com variáveis categoriais no que se refere ao uso de metáforas, consideramos que esse uso, na verdade, faz parte de uma categorização contínua. Não se trata, portanto, de unidades discretas, que podem ser classificadas em termos de “Sim” ou “Não”, apenas. Optamos, então, por discutir, em cada Amostra, ocorrências que, apesar de categoricamente categorizadas como metafóricas ou não-metáfóricas, no nosso entendimento, constituem-se, na verdade, como exemplares intermediários entre usos metafóricos e usos não-metáfóricos, sobretudo quando correlacionamos a veiculação do

“aqui”, na fala, aos gestos realizados pelos falantes. Optamos também por realizar representações radiais de prototipicidade, primeiramente considerando as 8 (oito) ocorrências de cada uma das Amostras e, posteriormente, considerando o conjunto das ocorrências. Apesar de algumas ocorrências serem similares do ponto de vista verbal e, muitas vezes, instanciarem as mesmas Metáforas Multimodais, os gestos que co-ocorrem com a fala também foram levados em consideração. Nesse sentido, quando foram realizados gestos de apontar, as ocorrências foram consideradas mais prototípicas do que quando outros tipos de gestos ocorreram, como por exemplo, o gesto de Segurar/Moldar.

No caso da Amostra 1, propomos, na Figura 33, a seguir, a seguinte representação radial de prototipicidade, referente às ocorrências de uso real dos compostos verbo-gestuais contendo o dêitico “aqui” – detalhadas no Anexo 1, que contém a fotografia dos Golpes gestuais (*strokes*), seguido das trilhas de análise preenchidas para as 8 (oito) ocorrências de cada Amostra:

Figura 33 - Representação radial de prototipicidade com as ocorrências do dêitico "aqui" - Amostra 1



Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Conforme pode ser observado na Figura 33, as ocorrências que categorizamos como menos prototípicas ou mais metafóricas estão dispostas nos círculos pontilhados, mais distantes do centro prototípico. As ocorrências intermediárias ocupam o segundo círculo,

desenhado com linha contínua. E, por fim, as ocorrências que classificamos como mais prototípicas ou menos metafóricas estão ocupando o círculo central, também desenhado com linha contínua. Elegemos como critério de utilização de linhas pontilhadas e contínuas a representação radial de “AVE”, apresentada por Ferrari (2011) – diagramada na subseção 2.2.1. A partir da representação radial de prototipicidade criada, optamos por analisar, mais detidamente, duas ocorrências intermediárias da Amostra 1, como ocorrências representativas de ocorrências que possuem um grau de ativação de Metaforicidade intermediário, uma vez que, nesta Amostra, estes foram os tipos de ocorrência que se apresentaram como desafios de análise, pelo fato de, na verdade, não representarem ocorrências totalmente metafóricas ou totalmente não-metafóricas.

Em outras palavras, foram categorizadas como “intermediárias” as ocorrências que não corresponderam totalmente à descrição de um dos Modos de Representação Gestual ou de um dos Gestos de Apontar. Selecionamos, então, as ocorrências 3 e 5 para discussão e análise qualitativa. As ocorrências escolhidas estão descritas a seguir, nas Figuras 34 e 35, por meio de uma representação multimodal contendo: a fotografia do Golpe gestual; a transcrição, com o trecho em que ocorre o Golpe gestual negrito; e a descrição dos quatro parâmetros de notação gestual (BRESSEM, 2013, correspondente aos passos de 1 e 2 do MIG-G – CIENKI 2017): formato das mãos, orientação das palmas, direção e qualidade do movimento e posição espacial. Na Figura 34, apresentamos a representação multimodal da ocorrência 3:

Figura 34 - Representação multimodal da ocorrência 3



“Essa aqui quer aumentar o peito, **essa aqui tirou o peito**”.

Dedo indicador esquerdo estendido, demais dedos esticados, palma para baixo, movimento descendente, impreciso, distância longa em relação ao corpo.

Fonte: Amostra 1 – Dados do Red Hen

Na análise do Golpe gestual que co-ocorre com o discurso, conforme ilustrado na Figura 34, isolamos o Golpe gestual que co-ocorre com a segunda ocorrência verbal do dêitico “aqui” no trecho de vídeo em questão, pois a primeira ocorrência do dêitico teve que ser descartada, pelo fato de a repórter segurara interlocutora, não havendo, portanto, a realização

de gesto. Já na ocorrência escolhida, notamos que a falante realiza um Golpe que foi categorizado como um Gesto de Apontar, com Dedo Indicador Pronado, Palma Para Baixo (PDPIF). O referente físico retratado no gesto, nesta ocorrência, é o dêitico “aqui” e corresponde ao tópico contextual referenciado “Essa aqui tirou o peito”. Sendo assim, trata-se, de uma ocorrência mais prototípica ou menos metafórica, referente ao contexto locativo imediato, referindo-se a uma pessoa específica, para a qual a repórter aponta, presente no espaço físico imediato. Entretanto, o gesto realizado não corresponde a uma ocorrência prototípica do gesto em questão, pois, apesar de separar o dedo indicador dos demais dedos, apontando para a interlocutora, a falante também realiza um gesto de PDOH ou “Mão Aberta, Palma Para Baixo”, uma vez que os demais dedos da mão encontram-se abertos. Por essa razão, descrevemos o Gesto de Apontar realizado como uma ocorrência intermediária entre os Gestos de Apontar e os Modos de Representação Gestual, pois o gesto realizado, na verdade, pode ser categorizado como estando entre representações prototípicas do PDPIF e do PDOH.

Já a Figura 35, disposta a seguir, apresenta a representação multimodal da ocorrência 5, que também consideramos como ocorrência representativa na Amostra 1 (dados do Red Hen), por apresentar um Modo de Representação Gestual intermediário:

Figura 35 - Representação multimodal da ocorrência 5



O terraço do apartamento onde ele morava, com vista **aqui pro bairro** de São Conrado.

Mão esquerda aberta, palma para baixo, movimento para a esquerda, impreciso, com distância média em relação ao corpo.

Fonte: Amostra 1 – Dados do Red Hen

Na análise do Golpe gestual que co-ocorre com o discurso nesta ocorrência do dêitico “aqui”, categorizamos o modo de representação icônico retratado no gesto como Modo de Representação “ *Holding/Molding* (Segurar/Moldar –3D)”. Porém, consideramos que o gesto retrata um modo de representação intermediário entre dois modos distintos, pois representa também o desenho (*Drawing*) de uma superfície. Assim, a falante, na verdade, estaria “desenhando”, por meio do gesto, uma “superfície em 3D”. No entanto, como a classificação para Modos de Representação Gestual, proposta por Müller (2013)– descritos nas subseções

3.2 e 3.2.1–, não prevê o “Desenhar(*Drawing*)em 3D, mas apenas em 2D, categorizamos a ocorrência como “Segurar/Moldar- 3D (*Holding/Moulding- 3D*)”. O referente físico retratado no gesto, na ocorrência em questão,corresponde ao dêitico “aqui”; mais especificamente, ao tópico contextual referenciado “aqui pro bairro”. Sendo assim, categorizamos a ocorrência como mais prototípica ou menos metafórica, na qual o gesto retrataria o contexto locativo imediato, referente ao espaço físico. Apesar disso, consideramos-la como uma ocorrência intermediária, já que o tópico contextual referenciado é “aqui pro bairro” e, dessa forma, designa o espaço físico imediato mais amplo (todo o bairro), instanciado pelo Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, em que a localização dêitica é desenhada numa superfície que parte de um ponto e chega a outro, “como se” as mãos representassem um caminho em 3D.

Também optamos por analisar a ocorrência relativa ao Modo de Representação Gestual “Corporificar (*Embodying*)”, uma vez que julgamos necessário demonstrar, do ponto de vista qualitativo, os critérios de categorização desta ocorrência. Sendo assim, na Figura36, apresentamos a representação multimodal da ocorrência 4 da Amostra 1:

Figura 36 - Representação multimodal da ocorrência 4



Quero **aqui** destacar o nosso empenho com as reformas

Mãos abertas, palmas voltadas uma para outra, em diagonal, movimento para fora do corpo, impreciso, distância curta em relação ao corpo.

Fonte: Amostra 1 – Dados do Red Hen

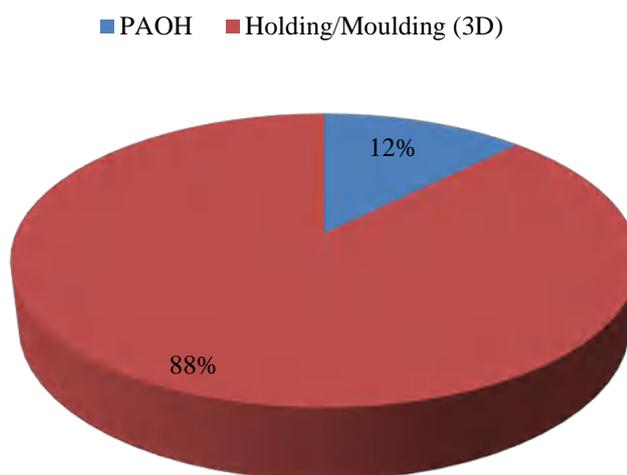
Na análise do Golpe gestual que co-ocorre com o discurso, conforme ilustrado na Figura36,notamosque o gesto em questão ilustra o modo de representação *Embodying* (Corporificar), pois é “como se” o falante estivesse representando, com as mãos, um objeto 3D, que corresponde, então, ao referente físico retratado no gesto. Esse referente co-ocorre com o tópico contextual referenciado na fala como: “Quero aqui [nesta entrevista]”. Sendo assim, por meio do referente físico retratado no gesto, que contrasta com o tópico contextual referenciado, evidenciamos a ocorrência do Esquema Imagético “OBJETO”que instancia a metáfora conceptual “IDEIAS SÃO OBJETOS” (MCNELL; CASELL; LEVY, 1993), desdobrada

linguisticamente em “ENTREVISTA É OBJETO”. Portanto, a ocorrência 4 foi categorizada como mais metafórica ou menos prototípica. Além disso, ainda no que se refere à ocorrência 4, consideramos que o dêitico “aqui” possui a função de marcador discursivo, mais especificamente de marcador de ênfase, pois, tal como discutido por Avelar e Ferrari (2017) – c.f. descrito na subseção 3.2.2.–, o “aqui”, em ocorrências como esta, parece ser redundante, podendo ser eliminado do discurso, sem prejuízo de sentido: “Quero destacar o nosso empenho”. Portanto, é possível verificar que, de maneira mais geral, apesar de veicular uma Metáfora Ontológica, o dêitico desempenha uma função pragmática de “marcador de ênfase”.

5.2.2 Ocorrências da Amostra 2: Dados do TEDx

O Gráfico 4, diagramado a seguir, apresenta as porcentagens referentes aos Modos de Representação Gestual e aos Gestos de Apontar presentes no total de ocorrências da Amostra 2, referente aos dados da Palestra TEDx. Na referida amostra, encontramos, apenas, o Modo de Representação Gestual “ *Holding/Moulding (Segurar/Moldar – 3D)*” e o Gesto de Apontar PAOH ou Mão aberta, Palma Para Fora.

Gráfico 4 - Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual - Amostra 2



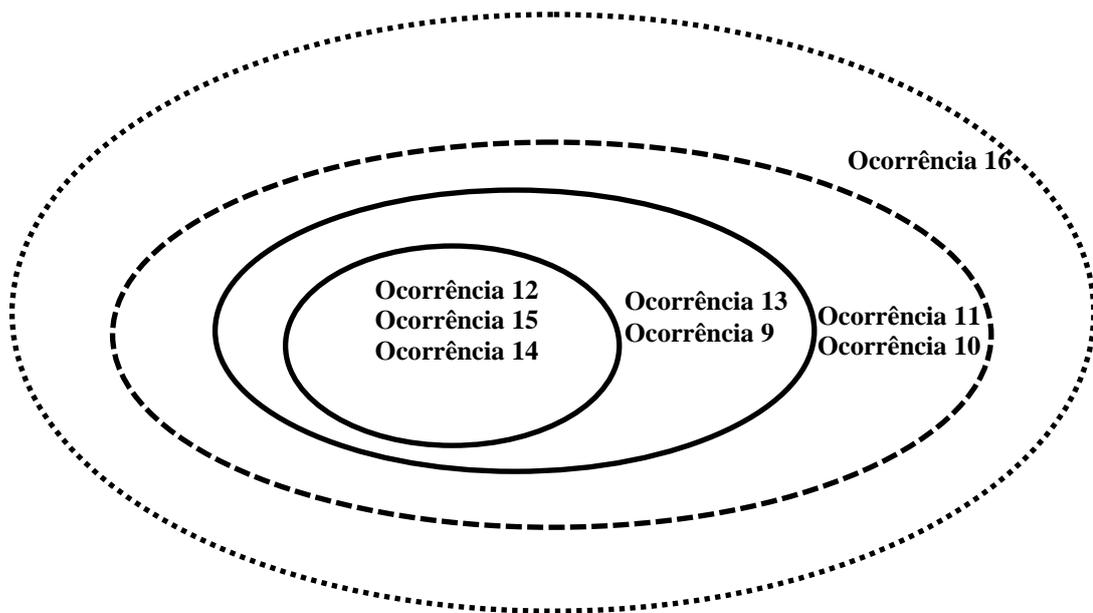
Fonte: Dados de análise

Conforme é possível observar, por meio do Gráfico, na Amostra 2, o Modo de Representação Gestual “ *Holding/Moulding (Segurar/Moldar)*” é predominante, pois apresenta

um índice percentual de 88% considerando o total de ocorrências de gestos desta amostra. Com relação aos gestos de apontar, o único tipo encontrado, o PAOH ou Mão Aberta, Palma Para Fora, apresentou um índice percentual de 12%.

No que se refere à análise qualitativa dos dados, selecionamos três ocorrências multimodais do dêitico “aqui”. Porém, no caso da Amostra 2, selecionamos uma ocorrência ilustrativa do Gesto de Apontar PAOH e duas ocorrências ilustrativas do Modo de Representação Gestual “ *Holding/Molding (Segurar/Moldar)*”, uma vez que, apesar de a maior parte das ocorrências desta Amostra terem sido categorizadas como pertencendo a esse Modo de Representação, ele ocorre de maneira qualitativamente diferente, conforme será descrito e analisado a seguir. Além disso, também propomos uma representação radial de prototipicidade—diagramada na Figura 37—, referente às ocorrências de uso real dos compostos verbo-gestuais contendo o dêitico “aqui”, na Amostra em questão. Nessa representação, as ocorrências que categorizamos como menos prototípicas ou mais metafóricas estão dispostas nos círculos pontilhados, mais distantes do centro prototípico; enquanto as ocorrências que categorizamos como mais prototípicas ou menos metafóricas ocupam os dois círculos mais centrais, de linha contínua:

Figura 37 - Representação radial de prototipicidade com as ocorrências do dêitico "aqui" - Amostra 2



Fonte: Elaborada pela pesquisadora

A partir da referida representação radial de prototipicidade, descrevemos e analisamos, a seguir, as ocorrências: 9, 10, e 16, respectivamente – c.f. descritas no Anexo 1, que contém todas as ocorrências da Amostra, com as respectivas trilhas de análise preenchidas – e estão dispostas a seguir, nas Figuras 38, 39, e 40, por meio de uma representação multimodal contendo, tal como na discussão das ocorrências da Amostra 1: a fotografia do Golpe gestual; a transcrição, com o trecho em ocorre o golpe gestual negrito; e a descrição dos quatro parâmetros de notação gestual (BRESSEM, 2013, correspondente aos passos de 1 a 2 do MIG-G – CIENKI 2017): formato das mãos, orientação das palmas; direção e qualidade do movimento e posição espacial. A Figura 38, a seguir, apresenta a representação multimodal da ocorrência 9 da Amostra 2:

Figura 38 - Representação multimodal da ocorrência 9



[A gente] Começou a passear pelos corredores...

Estágio aqui, estágio ali, estágio acolá.

Mão aberta, palma para fora, movimento para a direita, preciso, distância longa em relação ao corpo.

Fonte: Amostra 2 – Dados do TEDx

Na análise do Golpe gestual que co-ocorre com o discurso, conforme ilustrado na Figura 38, decidimos considerar apenas a mão direita, pois é a mão que o falante movimenta para realizar o Golpe, sendo que a mão esquerda permanece numa posição de descanso, mesmo que não seja a posição-padrão de repouso – c.f. descrito na subseção 4.3.1. Nesta ocorrência, notamos que o falante realiza um Golpe que foi categorizado como um gesto em que o falante, apesar de utilizar a mão aberta, não representa nada, mas aponta para o espaço. Porém, é importante ressaltar que esta maneira de apontar não corresponde um Gesto de Apontar prototípico dos compostos verbo-gestuais contendo o “aqui”, que seria, conforme proposição de Avelar e Ferrari (2017), o Gesto de Apontar, com “Dedo Indicador Pronado, Palma Para Baixo” ou PDPIF, pois o falante utiliza todos os dedos da mão. O referente físico retratado no gesto, na ocorrência em questão, é o dêitico “aqui”, que corresponde também ao tópico contextual referenciado. No entanto, apesar de o tópico contextual coincidir com o

referente físico retratado no gesto, categorizamos a ocorrência como menos prototípica ou mais metafórica, pois, ao dizer “Estágio aqui” e realizar o Gesto de Apontar, o falante não se refere ao espaço físico imediato, neste caso, ao estádio no qual se encontra, mas a locais em potencial onde os personagens que ele retrata no discurso, que incluem ele próprio e os colegas de faculdade, encontrariam estágio.

Já a Figura 39 retrata a representação multimodal da ocorrência 10, retirada da Amostra 2:

Figura 39 - Representação multimodal da ocorrência 10



“E ele [o superpresidente de uma empresa] diz: **escuta aqui:** o que eu faço é prazer ou é trabalho?”

Mãos abertas, palmas uma voltada para a outra verticalmente, movimento para fora do corpo, preciso, distância média em relação ao corpo.

Fonte: Amostra 2 – Dados do TEDx

Na ocorrência em questão, a expressão “Escuta aqui”, conforme propõem Teixeira e Oliveira (2012)– c.f. descrito na subseção 2.4.2 –, faz parte do esquema construcional “Verbo Locativo Marcador Discursivo” e pode ser considerada como uma microconstrução. Ao analisar o Golpe gestual que co-ocorre com essa microconstrução, notamos que ele ilustra o modo de representação “ *Holding/Molding (Segurar/Moldar – 3D)*”, pois é “como se” o falante estivesse segurando algo, neste caso, um objeto 3D, que, por sua vez, constitui o referente físico retratado no gesto. Sendo assim, por meio do referente físico retratado no gesto, evidenciamos a ocorrência do Esquema Imagético “OBJETO” que instancia a metáfora conceptual “IDEIAS SÃO OBJETOS” (MCNELL; CASELL; LEVY, 1993). Portanto, a ocorrência 10 foi categorizada como mais metafórica ou menos prototípica. Além disso, ainda no que se refere à ocorrência em questão, assumimos, em consonância com as proposições de Teixeira e Oliveira (2012), que a microconstrução “escuta aqui” funciona como um marcador discursivo direcionador de atenção. No discurso em questão, esse marcador funciona como um mecanismo de repreensão, pois o falante reporta um discurso direto de um interlocutor fictício: “Ele [o superpresidente de uma empresa] diz: ‘Escuta aqui: o que eu faço, é prazer ou

é trabalho?"". Portanto, o gesto funciona como o delimitador de uma porção bem específica do discurso, para a qual a atenção do interlocutor é direcionada.

Por fim, a Figura 40 retrata a representação multimodal da ocorrência 16, retirada da Amostra 2:

Figura 40 - Representação multimodal da ocorrência 16



“Admita, neste segundo: **aqui**”

Mão abertas, palmas para baixo, movimento descendente, preciso, distância longa em relação ao corpo.



“e não depois”

Mãos abertas, palmas para fora, movimento para a direita, preciso, distância longa em relação ao corpo.

Fonte: Amostra 2 – Dados do TEDx

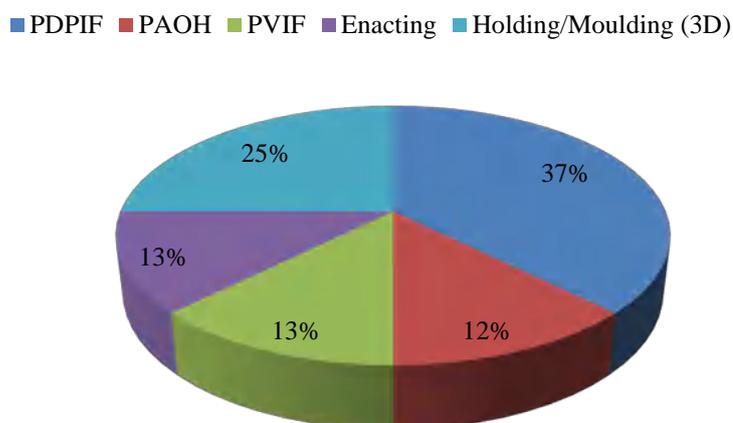
Na análise do Golpe gestual que co-ocorre com o discurso, conforme ilustrado na Figura 40, notamos que, quando o falante diz: “aqui”, ao realizar o primeiro Golpe dos dois que compõem o *stroke* complexo realizado, o Modo de Representação icônico retratado no gesto é o Modo de Representação Gestual “ *Holding/Molding (Segurar/Moldar – 3D)*”, pois é “como se” o falante estivesse moldando, neste primeiro momento, um ponto estático na superfície moldada. O referente físico retratado no gesto, no primeiro Golpe, é o “aqui”, e o tópico contextual referenciado é o “aqui, e não depois”. No entanto, apesar de haver congruência entre o referente físico retratado no gesto e o tópico contextual referenciado, decidimos analisar também o segundo Golpe da sequência gestual, para estabelecermos, então, se a ocorrência é mais ou menos metafórica. Nesse sentido, ao analisarmos o segundo Golpe, em que o falante move as mãos para a direita, instanciando o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”. Ao correlacionarmos esse segundo Golpe com o primeiro, considerando-os

como partes de uma única sequência complexa, verificamos a emergência da Metáfora Conceptual: “TEMPO É ESPAÇO”, desdobrada em: “POSIÇÃO TEMPORAL É POSIÇÃO ESPACIAL”. O Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” (JOHNSON, 2007) e ratifica os postulados de Calbris (2008) –c.f. exposto na subseção seção 2.4.1–, de que o eixo transversal da esquerda para a direita, na cultura ocidental, marca, no espaço, o tempo passado (para a esquerda), presente (no centro) e futuro (para a direita). Dessa forma, categorizamos a ocorrência 16 como mais metafórica ou menos prototípica.

5.2.3 Ocorrências da Amostra 3: Dados do Depoimento de Lula a Moro

O Gráfico 5, conforme pode ser visualizado a seguir, apresenta as porcentagens referentes aos Modos de Representação Gestual e aos Gestos de Apontar presentes no total de ocorrências da Amostra 3, referente aos gestos realizados por Lula, nas 8 (oito) ocorrências extraídas do Depoimento de Lula a Moro. Os Modos de Representação Gestual encontrados na referida Amostra foram os seguintes: “*Enacting* (Encenar)” e “ *Holding/Molding* (Segurar/Moldar – 3D)”. Já os gestos apontar encontrados foram: PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado, Palma Para Baixo; PAOH ou Mão Aberta, Palma para Fora; PVIF ou Dedo Indicador Estendido, Palma Vertical.

Gráfico 5 - Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual - Amostra 3



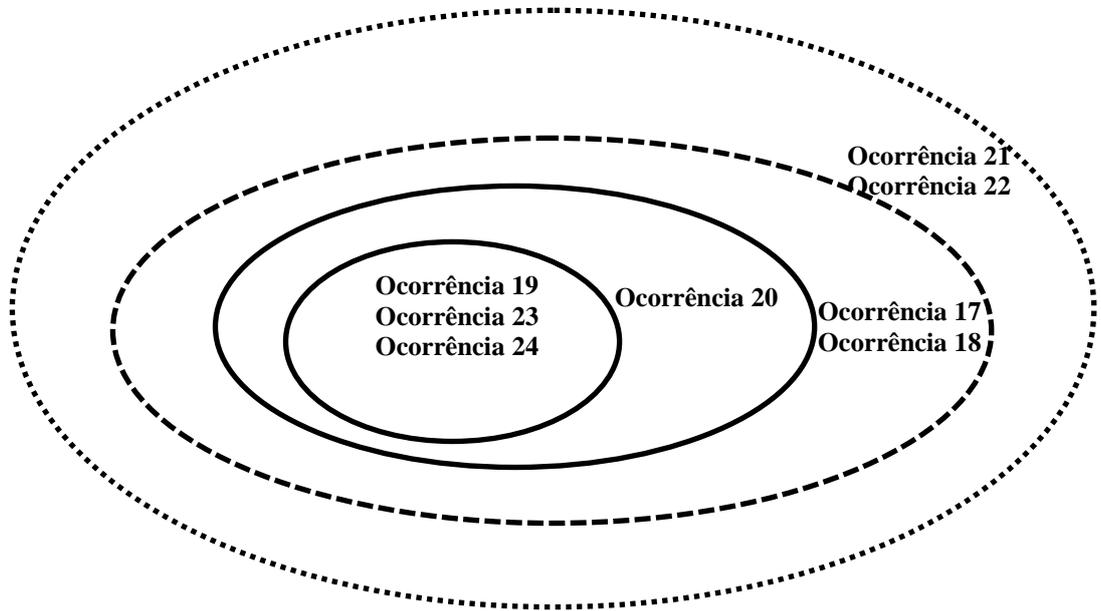
Fonte: Dados de análise

Conforme pode ser observado no Gráfico, o Modo de Representação Gestual “*Holding/Molding* (Segurar/Moldar – 3D)” apresenta maior índice percentual (37%),

considerando-se o total das ocorrências. Já no que se refere aos Gestos de Apontar, o tipo de gesto que apresenta maior índice é o PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado, Palma Para Baixo (25%). Os demais Modos de Representação e Gestos de Apontar apresentam índices percentuais similares, não-predominantes na Amostra em questão. No entanto, é importante ressaltar que, ao somar as porcentagens relativas a todos os tipos de Gestos de Apontar, esses gestos apresentaram um percentual predominante, totalizando um índice de 63% nessa Amostra.

No que se refere à análise qualitativa dos dados, no caso da Amostra 3, também propomos representação radial de prototipicidade – diagramada na Figura 40 –. Seleccionamos 3 (três) ocorrências ilustrativas: a ocorrência 17, ilustrativa do Modo de Representação Gestual “*Enacting* (Encenar)”, uma vez que esse Modo de Representação icônico ocorre apenas em dados da Amostra 3; a ocorrência 20, ilustrativa do Gesto de Apontar predominante, o PDPIF; e a ocorrência 21, ilustrativa do Modo de Representação predominante na Amostra, o “ *Holding/Molding*” (Segurar/Moldar – 3D)”. Em relação à representação radial em geral, utilizamos, como principal critério para o estabelecimento da prototipicidade/metaforicidade das ocorrências do dêitico “aqui”, a correspondência entre o referente físico retratado no gesto e o tópico contextual referenciado (correspondente ao passo 7 do MIG – CIENKI 2017). As ocorrências que categorizamos como menos prototípicas ou mais metafóricas estão dispostas nos dois círculos desenhados com linhas pontilhadas, mais distantes do centro prototípico. Por sua vez, as ocorrências que categorizamos como mais prototípicas ou menos metafóricas estão dispostas nos círculos mais centrais, desenhados com linha contínua, como é possível observar a seguir:

Figura 41 - Representação radial de prototipicidade com as ocorrências do dêitico "aqui" -
Amostra 3



Fonte: Elaborada pela pesquisadora

A partir representação radial de prototipicidade criada, analisaremos, a seguir, mais detidamente, as ocorrências 17, 20, e 21 da Amostra 3, respectivamente. As ocorrências 17 e 21 ilustram, respectivamente, os Modos de Representação *Enacting* (Encenar) e *Holding/Molding* (Segurar/Moldar), e a ocorrência 20 ilustra o Gesto de Apontar predominante (PDPIF) na Amostra – o conjunto das 8 (oito) ocorrências da Amostra pode ser visualizado no Anexo 1. As ocorrências selecionadas para análise estão descritas a seguir, nas Figuras 42, 43 e 44, conforme representação multimodal realizada nas demais ocorrências das Amostras 1 e 2, contendo, então: a fotografia do Golpe gestual; a transcrição, com o trecho em ocorre o golpe gestual negrito; e a descrição dos quatro parâmetros de notação gestual (BRESSEM, 2013, correspondente aos passos de 1 e 2 do MIG-G – CIENKI 2017): formato das mãos, orientação das palmas; direção e qualidade do movimento e posição espacial. Na Figura 42, apresentamos a representação multimodal da ocorrência 17 da Amostra 3:

Figura 42 - Representação multimodal da ocorrência 17



O apartamento era reservado para mim, **eu vi aqui o depoimento** dizendo.

Dedos fechados, palma para baixo, movimento descendente, preciso, distância longa em direção ao corpo.

Fonte: Amostra 3 – Dados do depoimento de Lula a Moro

Na análise do Golpe gestual que co-ocorre com a fala nesta ocorrência do dêitico “aqui”, categorizamos o Modo de Representação icônico retratado no gesto como Modo de Representação Gestual “*Enacting* (Encenar)”, pois é “como se” o falante estivesse movendo um objeto específico— neste caso, o “depoimento”—, que corresponde o referente físico retratado no gesto, para dentro de um recipiente (*container*). Nesse sentido, por meio do referente físico retratado no gesto, evidenciamos a ocorrência do Esquema Imagético “OBJETO”, que instancia a metáfora “IDEIAS SÃO OBJETOS” (MCNELL; CASELL; LEVY, 1993). Também evidenciamos a ocorrência do Esquema Imagético “CONTAINER” e da Metáfora Ontológica, extremamente convencionalizada, “SABER É VER” (LAKOFF; JOHNSON, 1980), desdobrada linguisticamente em “OUVIR É VER” (“Eu vi aqui”). Sendo assim, categorizamos essa ocorrência como menos prototípica ou mais metafórica. Entretanto, como se tratam de metáforas bastante convencionais, as ocorrências não ocupam o círculo mais periférico das ocorrências menos prototípicas.

A segunda ocorrência selecionada para análise trata-se da ocorrência 20 da Amostra 3. Essa ocorrência está descrita, por meio de uma representação multimodal, ilustrada na Figura 43a seguir:

Figura 43 - Representação multimodal da ocorrência 20



Fernando Henrique Cardoso veio aqui e deu uma explicação

Dedo indicador direito dobrado, palma para baixo, movimento descendente, impreciso, distância média em relação ao corpo.

Fonte: Amostra 3 – Dados do depoimento de Lula a Moro

Na análise do Golpe gestual que co-ocorre com o discurso, conforme a Figura 43, notamos que o falante realiza um Golpe que foi categorizado como um Gesto de Apontar com Dedo Indicador Pronado, Palma Para Baixo (PDPIF). Ao analisar esse Golpe gestual, notamos que o falante realiza diversas repetições do mesmo movimento, que não são claramente identificáveis umas das outras, e, por essa razão, decidimos categorizar o Golpe como único, uma vez que não é possível delimitar com clareza a ocorrência de golpes distintos, mesmo em se tratando da repetição do mesmo movimento. Capturamos, então, uma imagem que representasse a sequência de repetições que caracterizam um único Golpe (*stroke*). O referente físico retratado no gesto, neste caso, corresponde a uma porção inteira do discurso, e não apenas ao dêitico “aqui”. Dessa forma, o tópico contextual referenciado também corresponde à porção completa: “Fernando Henrique Cardoso veio aqui e deu uma explicação”. Sendo assim, categorizamos a ocorrência verbo-gestual como menos prototípica ou mais metafórica, pois consideramos que o dêitico “aqui”, nesta ocorrência, possui função pragmática de ênfase, uma das possibilidades de ocorrência não-prototípica discutidas por Avelar e Ferrari (2017) – c.f. descrito na subseção 3.2.2. Em outras palavras, o gesto funciona muito mais como um marcador de ênfase do que um marcador de lugar – que seria característico do uso mais prototípico do “aqui”.

A terceira e última ocorrência analisada na Amostra 3 corresponde à ocorrência 21, que está descrita, por meio de uma representação multimodal, na Figura 44a seguir:

Figura 44 - Representação multimodal da ocorrência 21



Devo ter participado. Doutor Moro, **deixa eu só fazer um parêntese aqui**

Mão aberta, palma diagonal, movimento para fora do corpo, impreciso, distância média em relação ao corpo

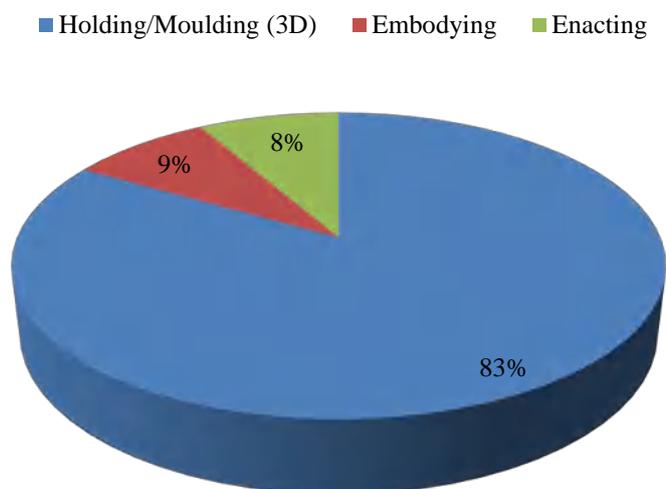
Fonte: Amostra 3 – Dados do depoimento de Lula a Moro

Na análise do Golpe gestual que co-ocorre com o a fala, nesta ocorrência do dêitico “aqui”, categorizamos o Modo de Representação icônico retratado no gesto como Modo de Representação Gestual “ *Holding/Molding* (Segurar/Moldar –3D)”, pois é “como se” o falante estivesse moldando um parêntese em 3D, que é o referente físico retratado no gesto, ao dizer:

“um parêntese aqui”, que corresponde ao tópico contextual referenciado. Sendo assim, consideramos a ocorrência como menos prototípica ou mais metafórica, uma vez que o objeto que é retratado no gesto não é o “aqui”, mas sim, o “parêntese”. Há, portanto, a instanciação do Esquema Imagético “OBJETO”. Porém, ao dizer: “deixa eu fazer um parêntese aqui”, o uso do “aqui”, refere-se, na verdade a “agora; neste momento do discurso”. Portanto, apesar de o gesto instanciar o Esquema Imagético “OBJETO” o uso do “aqui”, levando em consideração o contexto geral da sentença, instancia a Metáfora Conceptual de “TEMPO É ESPAÇO” e também da Metáfora Conceptual associada ao “parêntese” “FALA É ESCRITA”, por essa razão, a ocorrência 21 é categorizada no círculo mais periférico da representação radial das ocorrências da Amostra 3.

5.3 Discussão dos resultados: comparação geral entre as três Amostras de Análise

Para instanciar a discussão dos resultados em um panorama mais geral, decidimos apresentar, num primeiro momento, os gráficos contendo as porcentagens relativas aos Modos de Representação Gestual e aos Gestos de Apontar, considerando o conjunto das três amostras, ou seja, todas as ocorrências simultaneamente, apresentando, em seguida, comentários e análises qualitativas a respeito dos gestos encontrados. Por fim, criamos uma representação radial de prototipicidade, considerando as 24 ocorrências. Porém, optamos por representar, de maneira mais abstrata, as funções desempenhadas pelo dêitico “aqui”. O Gráfico 6, a seguir, apresenta os índices percentuais relativos aos os Modos de Representação Gestual encontrados nas 3 Amostras, consideradas simultaneamente:

Gráfico 6 - Modos de Representação Gestual - Conjunto das 3 Amostras

Fonte: Dados de análise

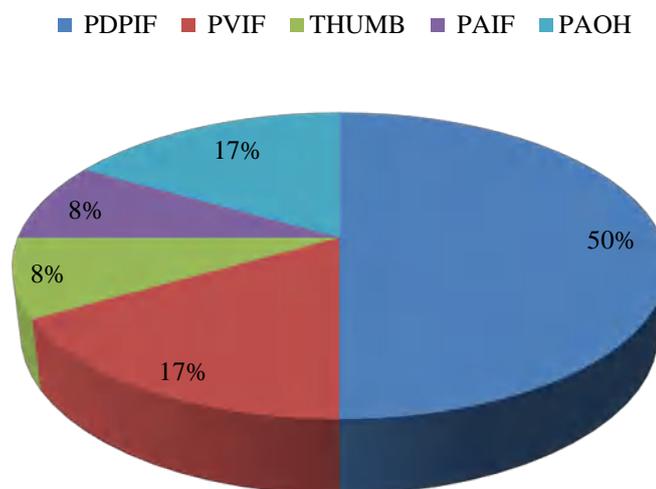
Considerando o total das ocorrências (24 ocorrências), o Modo de Representação Gestual predominante corresponde ao “*Holding/Molding* (Segurar/Modar – 3D)”, que apresenta um índice percentual relativo a 83% das ocorrências, enquanto os demais Modos de Representação Gestual apresentam índices percentuais bem menores: 9% para o Modo “*Embodying* (Corporificar)” e 8% para o Modo “*Enacting* (Encenar)”. Não há, portanto, nenhuma ocorrência do Modo de Representação “*Drawing* (Desenhar – 2D)”. Entretanto, vale salientar que a ocorrência 5 da Amostra 1 foi categorizada como pertencendo a um Modo de Representação icônico intermediário entre o “Moldar” e o “Desenhar”, uma vez que a repórter, na verdade, desenha uma superfície 3D que representa o contexto referencial “aqui no bairro”, instanciando, por meio do gesto, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”.

É relevante salientar que os percentuais apresentados no Gráfico geral descrito anteriormente foram influenciados pelos percentuais dos gráficos específicos. Nesse sentido, por exemplo, o Modo de Representação Gestual “*Holding/Molding* (Segurar/Modar – 3D)” apresentou um alto índice percentual no Gráfico geral (83%), pois, na Amostra 2, esse foi o Modo de Representação predominante, correspondendo a 88% das ocorrências. Apesar de a maior parte das ocorrências dessa Amostra terem sido categorizadas como pertencentes ao Modo de Representação Gestual “*Holding/Molding* (Segurar/Modar – 3D), ele ocorre de maneira qualitativamente diferente. Por exemplo: como moldar um “OBJETO” – c.f. ocorrências 4 da Amostra 1 e 10 da Amostra 2 – e moldar uma “SUPERFÍCIE” ou uma “TRAJETÓRIA” – c.f. ocorrências 5 da Amostra 1 e 16 da Amostra 2, respectivamente.

Dessa forma, apesar de o Modo de Representação “ *Holding/Molding* (Segurar/Moldar – 3D)” ter sido predominante nas Amostras, ele instanciou diferentes referentes retratados nos gestos, tais como: “Objeto 3D” (ocorrência 10 da Amostra 2), “estabelecimento de barreiras” (ocorrência 11 da Amostra 2), representação de “parêntese” (ocorrência 21 da Amostra 3), referência a uma “porção específica do discurso” (ocorrência 20 da Amostra 3), ou ao próprio dêitico “aqui” (ocorrência 6 da Amostra 3). Da mesma maneira, esse Modo de Representação também instanciou diferentes Esquemas Imagéticos, tais como “OBJETO” (ocorrências 4 e 1 Amostra 1 e ocorrência 17 da Amostra 3) e “TRAJETÓRIA” (ocorrência 5 da Amostra 1 e ocorrência 16 da Amostra 2).

Em suma, o Modo de Representação Gestual “ *Holding/Molding* (Segurar/Moldar – 3D)” foi encontrado tanto em ocorrências categorizadas como mais prototípicas ou menos metafóricas, quanto em ocorrências menos prototípicas ou mais metafóricas. No caso das ocorrências consideradas como mais prototípicas, houve uma correspondência entre o “aqui”, retratado nos gestos, e a referência, na fala, relativa à localização física imediata –c.f. ocorrência 12 da Amostra 2. Por outro lado, no caso das ocorrências menos prototípicas, houve dois tipos de situação: na primeira, o dêitico veiculado na fala não correspondeu ao uso locativo e o gesto realizado, ao invés de ser um Gesto de Apontar (prototípico), referia-se, por exemplo, a um Objeto moldado em 3D, ou a uma porção abstrata do discurso. Nesses casos, o dêitico desempenha a função de marcador discursivo (c.f. análise da ocorrência 10 da Amostra 2), tal como proposto por Teixeira e Oliveira (2012); ou de marcador de ênfase (c.f. análise da ocorrência 20 da Amostra 3), tal como proposto por Avelar e Ferrari (2017), não estando, portanto, correlacionado ao espaço físico imediato.

Já ao considerar os Gestos de Apontar, os gestos encontrados, considerando-se o conjunto de ocorrências, estão dispostos no Gráfico 7, a seguir:

Gráfico 7 - Gestos de Apontar - Conjunto das 3 Amostras

Fonte: Dados de análise

Conforme é possível visualizar no Gráfico7, o Gesto de Apontar PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado apresenta o maior índice percentual, correspondendo à metade dos Gestos de Apontar (50%) encontrados nas 3 Amostras, consideradas conjuntamente. Em relação à outra metade, dois Gestos de Apontar, o PAOH ou Mão Aberta, Palma Para Fora, e o PVIF ou Dedo Indicador Estendido, Palma Vertical, apresentam um índice percentual de 17%, enquanto os outros dois Gestos de Apontar, o THUMB ou Polegar Estendido, orientação de antebraço variável, e o PAIF ou Dedo Indicador Estendido, Palma Para Fora, apresentam o menor índice percentual, de 8% para cada um deles.

É importante ressaltar que, novamente, os percentuais apresentados no Gráfico geral foram influenciados pelos percentuais dos gráficos específicos de cada Amostra. Sendo assim, o fato de as Amostras1 e 3apresentarem37% das ocorrências categorizadas como pertencentes ao Gesto de Apontar PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado, Palma para Baixo, certamente influenciou o fato de este ser o Gesto de Apontar predominante no conjunto das Amostras. Vale ressaltar que, em relação aos Gestos de Apontar, as Amostras 1 e 3 apresentam índices percentuais idênticos, para todos os Gestos encontrados, o que nos chamou muito a atenção.

O fato do Gesto de Apontar PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado ser predominante no conjunto de gestos que co-ocorrem com o “aqui”, enunciado na fala, reforça a proposição de Avelar e Ferrari (2017), de que o gesto prototípico do “aqui” seria o de “apontar para baixo” –c. f. discutido na subseção 3.2.2–. Entretanto, esse Gesto de Apontar

(PDPIF) foi encontrado tanto em ocorrências menos prototípicas – por exemplo: na ocorrência 20 da Amostra 3 – quanto em ocorrências mais prototípicas – por exemplo: na ocorrência 6 da Amostra 1, descrita no Anexo 1. Isso demonstra que, mesmo em contextos referenciais menos prototípicos, esse gesto é pervasivo nas ocorrências verbo-gestuais contendo o “aqui”. Contudo é importante ressaltar, ainda, que, em algumas das ocorrências encontradas, o gesto em questão (PDPIF) foi encontrado em ocorrências que, apesar de terem categorizadas como mais prototípicas, tratam-se de ocorrências intermediárias. A seguir apresentamos exemplos desses três tipos de ocorrências (mais prototípicas, menos prototípicas e intermediárias), com as quais o Gesto de Apontar predominante (PDPIF) ocorre.

O primeiro tipo de ocorrência ilustra as ocorrências mais prototípicas, em que o “aqui”, veiculado na fala, refere-se ao contexto locativo imediato, e coocorre com o Gesto de Apontar PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado, conforme ilustrado a seguir, na ocorrência 6 – e que também foi encontrado nas ocorrências 1, da Amostra 1; e 19 e 23, da Amostra 2:

Figura 45 - Representação multimodal da ocorrência 6



A delação premiada é fonte de um conflito de direitos e isto está passando ao largo das considerações **aqui**[nesta sala]

Dedo indicador estendido, palma para baixo, movimento descendente, impreciso, distância curta em relação ao corpo.

Fonte: Amostra 1 – Dados do Red Hen

Categorizamos esta ocorrência, diagramada na Figura 45, como mais prototípica, pois ao analisar o composto verbo-gestual, notamos que o referente físico retratado no gesto, é o dêitico “aqui”, que corresponde também ao tópico contextual referenciado: “Das considerações aqui”. Nesse caso, o “aqui” corresponde a “aqui, nesta sala”. Sendo assim, há uma correspondência entre o gesto realizado e o referente, correspondente ao espaço físico imediato, veiculado na fala.

O segundo tipo refere-se às ocorrências menos prototípicas que co-ocorrem com Gesto de Apontar PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado, ilustrado na Figura 37, Na

ocorrência ilustrativa, o referente físico retratado no Golpe gestual corresponde a uma porção específica do discurso, e não apenas ao dêitico “aqui”. Dessa forma, o tópico contextual referenciado também corresponde à porção completa do discurso: “Fernando Henrique Cardoso veio aqui e deu uma explicação”. Por essa razão, categorizamos a ocorrência verbo-gestual como menos prototípica, pois o dêitico “aqui”, nessa ocorrência, possui função pragmática de ênfase, que, tal como discutido, constitui uma das possibilidades de ocorrência não-prototípica propostas por Avelar e Ferrari (2017). Em outras palavras, o gesto funciona muito mais como um marcador de ênfase do que um marcador de lugar – que seria característico do uso mais prototípico do “aqui”.

Por fim, o terceiro tipo refere-se às ocorrências classificadas como intermediárias, em que o gesto realizado foi categorizado como PDPIF, mas, na verdade, corresponde a uma ocorrência gestual intermediária entre esse Gesto de Apontar e o Gesto PDOH ou Mão Aberta, Palma Para Baixo, conforme ilustrado na Figura 34, correspondente à ocorrência 3 da Amostra 1 e encontrado apenas nessa ocorrência – consultar Figura para visualização da representação multimodal e descrição dos parâmetros de notação gestual. Na ocorrência ilustrativa em questão, ao analisarmos o composto verbo-gestual, concluímos que o referente físico retratado no gesto nessa ocorrência é o dêitico “aqui” e corresponde ao tópico contextual referenciado “Essa aqui tirou o peito”. Sendo assim, trata-se, de uma ocorrência referente ao contexto locativo imediato, referindo-se à interlocutora, presente no espaço físico imediato, para a qual a repórter aponta. Entretanto, o gesto realizado não corresponde a uma ocorrência prototípica do PDPIF, pois, apesar de separar o dedo indicador dos demais dedos, a repórter realiza um gesto que também pode ser categorizado PDOH, uma vez que, diferentemente do que é encontrado nas ocorrências prototípicas, a mão encontra-se aberta.

Além do Gesto de Apontar predominante, é importante ressaltar que as ocorrências mais prototípicas, menos prototípicas e intermediárias também podem co-ocorrer com gestos de apontar diferentes do PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado. A ocorrência 7, por exemplo, foi categorizada como mais prototípica e co-ocorre com o Gesto de Apontar PVIF ou Dedo Indicador Estendido, Palma Vertical, tal como ilustrado na Figura 46 a seguir:

Figura 46 - Representação multimodal da ocorrência⁷

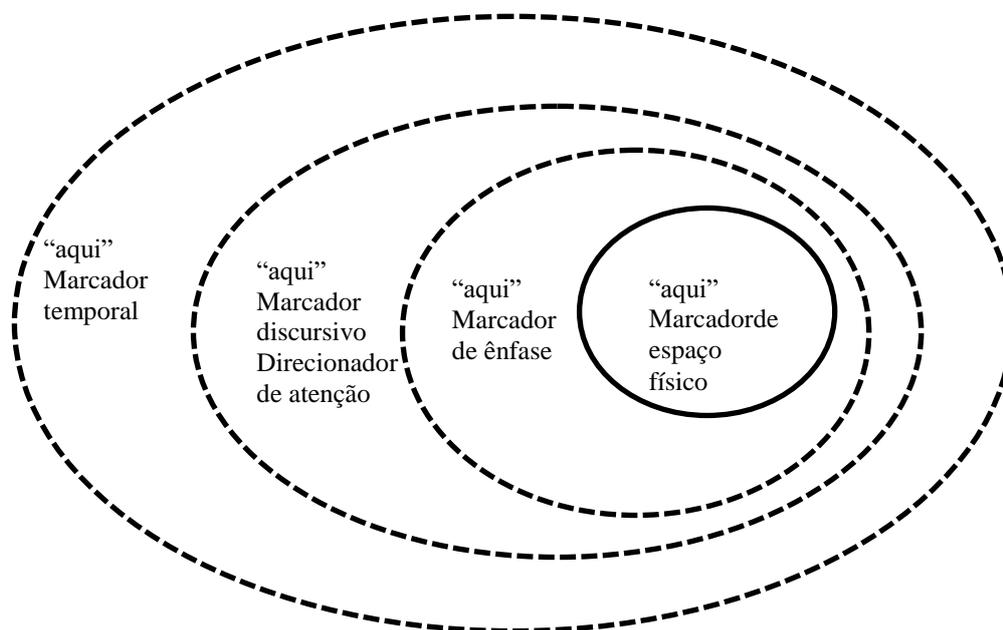
Ele foi deu **uma testada aqui**, né?
Fraturou meu... deu uma fratura
exposta, né... No meu nariz

Dedo indicador estendido, palma
diagonal, movimento em direção ao
corpo, preciso, próprio corpo do falante.

Fonte: Amostra 1 – Dados do Red Hen

Categorizamos esta ocorrência, diagramada na Figura 45, como mais prototípica, pois ao analisar o composto verbo-gestual, notamos que o referente físico retratado no gesto, é o dêítico “aqui”, que corresponde também ao tópico contextual referenciado: “uma testada aqui”. Nesse caso, como a referência está situada no próprio corpo da entrevistada, o movimento é realizado “em direção ao corpo” e o gesto representa iconicamente o ato de “apontar para si”, ou, mais especificamente, para o nariz, local onde a entrevistada “levou uma testada”. A fim de reunirmos, de maneira mais concisa, as análises qualitativas realizadas ao longo desta subseção, apresentamos, a seguir, uma escala geral de prototipicidade, considerando as funções desempenhadas pelo dêítico “aqui”, tomando como ponto de partida a interpretação das escalas radiais das ocorrências “brutas” levantadas em cada, conforme pode ser observado na Figura 47, a seguir:

Figura 47 - Representação radial geral de prototipicidade do dêitico "aqui" –
Conjunto das ocorrências



Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Conforme é possível observar na representação radial proposta, as funções menos prototípicas ou mais metafóricas desempenhadas pelo dêitico encontram-se dispostas nos círculos pontilhados, representadas nos círculos mais periféricos. Consideramos, então, como ocorrências mais metafóricas: o "aqui" marcador temporal, disposto no círculo mais periférico da representação; o "aqui" marcador discursivo direcionador de atenção, disposto no penúltimo círculo da representação; e o "aqui" marcador de ênfase, disposto no segundo círculo da representação. Já o círculo mais central, desenhado com linha contínua, corresponde à função mais prototípica ou menos metafórica do dêitico "aqui", que corresponde ao "aqui" marcador de espaço físico.

A escolha das referidas funções do dêitico "aqui" foi norteada pelo que foi discutido qualitativamente nas análises das ocorrências. Sendo assim, primeiro, escolhemos a função de marcador temporal para o dêitico "aqui", pois, a exemplo do que foi demonstrado pela ocorrência 21 da Amostra 3 –c.f. discutido na subseção 5.2.3–, o falante, neste caso, Lula, fez uso do "aqui", referindo-se, na verdade, a "agora; neste momento do discurso", uma vez que ao dizer: "deixa eu só fazer um parêntese aqui" e o gesto retratar o Modo de Representação *Holding/Molding* (Segurar/Moldar) com o referente físico "parêntese", o uso do "aqui" instanciou a Metáfora Conceptual de "TEMPO É ESPAÇO". Na sequência, a função pragmática de marcador discursivo direcionador de atenção, atribuída ao dêitico "aqui", foi norteada

pela análise ocorrência 16 da Amostra 2 –c.f. discutido subseção 5.2.2 –. Nessa ocorrência, assumimos, em consonância com as proposições de Teixeira e Oliveira (2012), que a microconstrução verbo-locativa “Escuta aqui” funciona como um marcador discursivo direcionador de atenção. No discurso em questão, esse marcador funciona como um mecanismo de repreensão, pois o falante reporta um discurso direto de um interlocutor fictício: “Ele [o superpresidente de uma empresa] diz: ‘Escuta aqui: o que eu faço, é prazer ou é trabalho?’”. Posteriormente, consideramos a função de marcador discursivo, mais especificamente, a função pragmática de marcador de ênfase, como sendo atribuída ao dêitico “aqui”, norteados pela análise da ocorrência 20 da Amostra 3 –c.f. discutido na subseção 5.2.3 –. Nessa ocorrência, o referente físico retratado no Golpe gestual corresponde a uma porção específica do discurso, e não apenas ao dêitico “aqui”. Dessa forma, o tópico contextual referenciado também corresponde à porção completa do discurso: “Fernando Henrique Cardoso veio aqui e deu uma explicação”. Sendo assim, consideramos que o dêitico “aqui” nessa ocorrência possui função pragmática de ênfase.

Por último, a escolha da função de marcador de espaço físico para o dêitico “aqui”, que corresponde à função prototípica do dêitico, foi norteadada não apenas pelas ocorrências encontradas nos dados, mas também pelos postulados teóricos explorados no decorrer desta dissertação –tais como os de Beveniste (1987), Marmaridou (2000), Avelar e Ferrari (2017), Clark (2008) etc. Considerando-se as ocorrências selecionadas para análise, as ocorrências consideradas como mais prototípicas são aquelas que co-ocorrem com o gesto prototípico de “apontar para baixo” (AVELAR; FERRARI, 2017), tal como a ocorrência 6 da Amostra 1, explorada nesta seção. Há também aquelas que co-ocorrem com outros Gestos de Apontar, a exemplo da ocorrência 7 da Amostra 1, também explorada nesta seção. Há, ainda, aquelas em que o gesto realizado corresponde a um Modo de Representação Gestual, como a ocorrência 15 da Amostra 2, apresentada no Anexo 1.

Além de retomar as funções demonstradas pelas ocorrências verbo-gestuais do dêitico “aqui” e organizá-las de acordo com uma escala gradual de prototipicidade, acreditamos ser necessário correlacionar as funções desempenhadas pelo “aqui” e as Metáforas Conceptuais instanciadas por meio dos gestos que co-ocorrem com a fala. Nesse sentido, consideramos, nas ocorrências analisadas, que o dêitico “aqui” apresentou diferentes funções, que, por sua vez, instanciaram diferentes Metáforas: a função de marcador “discursivo”, instanciou a Metáfora Conceptual “IDEIAS SÃO OBJETOS” – c. f. discutido na ocorrência 10 da Amostra 2 –; a função de “marcador temporal”, por sua vez, instanciou a Metáfora Conceptual “TEMPO É ESPAÇO”, desdobrada linguisticamente em: “POSIÇÃO

TEMPORAL É POSIÇÃO ESPACIAL” – c. f. discutido na ocorrência 16da Amostra 2–. Já no caso da função pragmática de “marcador de ênfase”– correspondente à ocorrência 20da Amostra 3–, embora não tenha sido instanciada uma Metáfora Conceptual específica, acreditamos que se trata de uma ocorrência metaforizada do “aqui” (AVELAR; FERRARI, 2017), pois a função pragmática de ênfase sobrepõe-se à função locativa, desempenhada pelo dêitico em contextos mais prototípicos ou menos metafóricos.

Em suma, nesta seção, buscamos analisar o grau prototipicidade das ocorrências do dêitico “aqui” em dados multimodais. Com esse objetivo, primeiramente, apresentamos, quantitativamente, os índices percentuais relativos à Presença x Ausência de Metáforas, uma vez que este constitui-se como o objetivo principal da aplicação das Orientações para Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G – CIENKI, 2017), adotadas para análise dos dados -c.f. explicitado ao longo do Capítulo 4. Posteriormente, apresentamos, quantitativamente, os índices percentuais dos Modos de Representação e dos Gestos de Apontar: considerando-se o total das ocorrências, sem discriminar os tipos de gesto encontrados; considerando-se os diferentes tipos de gesto, identificados em cada amostra e no conjunto das amostras.

Realizamos, então, análises qualitativas dos dados, elegendo Amostras ilustrativas. A descrição dessas Amostras correspondeu à aplicação dos passos descritos no MIG-G (CIENKI, 2017). No caso das análises empreendidas por nós, apesar de as Orientações basearem-se em categorizações categóricas, em termos de “Sim” ou “Não”, observamos que, na verdade, as ocorrências analisadas, considerando-se as três Amostras de Análise, apresentavam graus de prototipicidade/Metaforicidade (CIENKI, 2008). Sendo assim, norteamos-nos pela aplicação das Orientações metodológicas propostas por Cienki (2017), mas consideramos, nas análises qualitativas, as ocorrências como mais prototípicas e menos metafóricas ou menos prototípicas e mais metafóricas. Por essa razão, criamos representações radiais de prototipicidade: para cada Amostra, contendo as ocorrências “brutas” representadas de maneira escalar; para o conjunto das Amostras, considerando as funções desempenhadas pelo dêitico “aqui”, resultantes da interpretação do agrupamento das ocorrências “brutas”. Nesse sentido, para justificar as funções escolhidas, discutimos ocorrências ilustrativas, em que correlacionamos as Metáforas Conceptuais e os Esquemas Imagéticos instanciados nos gestos e posteriormente correlacionados às falas contendo o “aqui”. Portanto, a discussão das categorias que compõem o esquema radial geral dos dados foi desenhada a partir da correlação entre as Metáforas Conceptuais e Esquemas Imagéticos, instanciados nos gestos, e o dêitico “aqui”, enunciado na fala. Assim, demonstramos, empiricamente, o funcionamento

multimodal dos compostos verbo-gestuais com o dêitico “aqui”, que emergem em interações de uso real da língua.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou responder à seguinte pergunta: “como as ocorrências mais prototípicas e menos prototípicas do dêitico ‘aqui’ funcionam no contexto multimodal?”. A partir dessa pergunta, estabelecemos, como objetivos de pesquisa: i) realizar, do ponto de vista teórico, um estudo detalhando dadêixis, especialmente no âmbito da LC; e ii) verificar quais são os mecanismos cognitivos, especialmente aqueles relativos à inter-relação entre gestos e fala, que estão envolvidos na construção da dêixis locativa, centrando nossa discussão no dêitico “aqui”, objeto de estudo da pesquisa empreendida. Posteriormente, estabelecemos como objetivos: iii) realizar um estudo empírico-metodológico que descrevesse como funcionam as ocorrências do dêitico “aqui”. Para tanto, selecionamos três Amostras de dados multimodais distintas, objetivando, em última análise, iv) comparar os padrões de ocorrência identificados nas Amostras selecionadas para análise.

Nesse sentido, do ponto de vista teórico, estabelecemos uma discussão sobre o estudo da dêixis, tanto em uma perspectiva tradicional, quanto em perspectivas cognitivas. No que se refere à perspectiva tradicional, baseamo-nos nos textos de Beveniste (1988), fundadores da discussão da dêixis em uma perspectiva enunciativa, no campo da Linguística. Posteriormente, abordamos algumas considerações feitas por Castilho (2010, p. 123), a partir de uma visão cognitivo-discursiva, para quem a “dêixis envolve as tarefas de gesticular e produzir sentenças sonoras”, preceito fundamental para lidarmos com o “aqui” em dados de natureza verbo-gestual (multimodal). No que se refere à perspectiva cognitiva relativa à abordagem da dêixis, ancoramo-nos, sobretudo, nas propostas teóricas de Marmaridou (2000), para quem a dêixis pode ser definida a partir de um falante, autorizado como centro dêitico.

Sendo assim, articulamos o conceito teórico de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), à discussão de conceitos correlatos que o fundamentam, tais como o conceito de *Gestalt* e *Frame*, e a conceitos como os de Domínio Cognitivo e Esquemas Imagéticos, pois o Esquema Imagético “CENTRO-PERIFERIA” instancia o MCI prototípico da dêixis, enquanto o conceito de Domínio Cognitivo está correlacionado ao MCI menos prototípico ou mais metafórico da dêixis, que emerge a partir de mapeamentos entre Domínios. Apresentamos, também, outros contextos mais prototípicos e menos prototípicos da dêixis, ancorados em conceitos da Gramática Cognitiva, que discute a configuração do *Construal* prototípico da dêixis de primeira pessoa; e da Gramática das Construções, centrando-nos, especificamente, no trabalho de Teixeira e Oliveira (2012) que discute as microconstruções verbo-locativas, incluindo as microconstruções que envolvem o dêitico “aqui”.

Posteriormente, verificamos como esses conceitos teóricos envolvidos na configuração da dêixis são aplicados no âmbito de Estudos de Gesto, uma vez que a proposta de análise multimodal que empreendemos estabelece uma inter-relação entre gestos e fala. Buscamos, então, demonstrar como os Estudos de Gesto podem fornecer evidências empíricas para a comprovação dos conceitos teóricos propostos no âmbito da Linguística Cognitiva, muitas vezes postulados a partir da intuição dos pesquisadores. Por fim, do ponto de vista teórico, tratamos, especificamente, da inter-relação entre Metáfora, Dêixis e Estudos de Gesto, e, nesse sentido, discorremos a respeito do Gesto de Apontar, retomando as propostas de Avelar e Ferrari (2017), em que as autoras estabelecem esse tipo de gesto como o prototípico da dêixis e, mais especificamente, o gesto de “apontar para baixo” como o prototípico dos compostos verbos-gestuais contendo o “aqui”, objeto de estudo da nossa pesquisa. Além disso, abordamos os Modos de Representação Gestual estabelecidos por Müller (2013) e os Gestos de Apontar propostos por Kendon (2004), correlacionando-os a pesquisas como as de Clark (2008) e Goodwin (2008), que fornecem exemplos empíricos tanto dos Modos de Representação Gestual quanto dos Gestos de Apontar que coocorrem com o dêitico “aqui”.

Do ponto de vista empírico-metodológico, em um primeiro momento, selecionamos três Amostras de Análise, pertencentes aos gêneros “telejornal”, “palestra motivacional” e “depoimento judicial”, com vistas a comparar quali-quantitativamente as ocorrências mais prototípicas e menos prototípicas do dêitico “aqui” em dados multimodais. Com esse objetivo, selecionamos 24 (vinte e quatro) ocorrências provenientes de três Amostras diferentes, contendo, cada uma delas, 8 (oito) ocorrências do dêitico aqui, acompanhadas de gesto. A primeira Amostra provém do *Distribitted Little Red Hen Lab*; a segunda Amostra, de uma Palestra TEDx, intitulada “Felicidade é aqui e agora” e a terceira do Depoimento do ex-presidente Lula ao Juiz Federal Sérgio Moro. Após selecionarmos as respectivas Amostras, criamos 12 (doze) trilhas de análise no *software* ELAN, versão 4.8.1 (SLOETDJES, H.; WITTENBURGH, 2008), a partir das Orientações para a Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G - CIENKI, 2017). A partir dos resultados provenientes do preenchimento das trilhas, buscamos comparar, primeiramente, os percentuais relativos à Presença x Ausência de Metáforas, considerando o conjunto das 3 (três) Amostras. Além disso, buscamos verificar a comparação entre a quantidade de Gestos de Apontar x a quantidade de Modos de Representação Gestual, sem especificar, em um primeiro momento, a natureza dos gestos realizados a fim de realizarmos uma discussão mais panorâmica dos resultados obtidos.

Os resultados das análises quantitativas referentes à Presença x Ausência de Metáforas no conjunto das amostras, atestaram que 50% das ocorrências do dêitico “aqui” foram

categorizadas como mais metafóricas e os outros 50% foram categorizadas como menos metafóricas. Já com relação à quantidade de Gestos de Apontar x a quantidade de Modos de Representação Gestual, os resultados quantitativos também atestaram um percentual de 50% para os Gestos de Apontar e os outros 50% para os Modos de Representação Gestual.

No entanto, acreditamos que, embora o fato de a mesma porcentagem encontrada nos gráficos ter revelado uma tendência mais geral, relativa às ocorrências dos gestos encontrados, foi preciso discutir, de maneira mais detalhada, “como” os falantes apontam e representam referentes nos gestos, pois, qualitativamente, interessa-nos discutir, em última análise, “o que os falantes realizam com as mãos” quando estão veiculando verbalmente o dêitico “aqui”, uma vez que elegemos, como principal critério para estabelecimento do grau de prototipicidade/ Metaforicidade do dêitico “aqui”, a correspondência entre o referente físico retratado no gesto e o tópico contextual referenciado. Essa correspondência, ou não, entre referentes na fala e nos gestos, foi estabelecida por meio do cumprimento das Orientações para Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G), propostas por Cienki (2017). Porém, apesar de as Orientações basearem-se em classificações categóricas, em termos de “Sim” ou “Não”, observamos que, na verdade, as ocorrências analisadas apresentavam graus de prototipicidade/Metaforicidade (CIENKI; MÜLLER, 2008). Sendo assim, consideramos nas análises qualitativas, as ocorrências como mais prototípicas e menos metafóricas ou menos prototípicas e mais metafóricas.

Nesse sentido, com o objetivo de analisar o grau de prototipicidade das ocorrências do dêitico “aqui” em dados multimodais, realizamos uma análise mais detida de cada Amostra visando, quantitativamente, a calcular o percentual relativo aos tipos de Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual para, posteriormente analisar as ocorrências representativas de cada amostra. A partir da discussão qualitativa empreendida, foram propostas escalas radiais de prototipicidade para as 8 (oito) ocorrências de cada uma das Amostras, sendo o centro das escalas ocupado por ocorrências verbo-gestuais em que há uma correspondência entre o “aqui” veiculado na fala como locativo e o gesto realizado como se referindo ao contexto locativo imediato da troca comunicativa. As ocorrências que ocuparam o primeiro nível intermediário das Amostras, referem-se, por exemplo, a casos em que o “aqui” refere-se ao contexto locativo mais amplo (“aqui neste bairro”) ou, por exemplo, o gesto realizado pode ser categorizado como estando entre um Gesto de Apontar (prototípico) e um Modo de Representação Gestual (como, por exemplo, um Gesto de Apontar realizado com a mão aberta).

Após discutirmos os dados de cada Amostra, realizamos uma discussão dos resultados quantitativos e qualitativos mais gerais, relativos aos diferentes Modos de Representação Gestual, e aos diferentes Gestos de Apontar encontrados nas três Amostras conjuntamente, correlacionando-os a funções mais e menos prototípicas, desempenhadas pelos compostos verbos-gestuais verificados em conjunto. No caso das ocorrências menos prototípicas, correlacionamos fala e gestos, no intuito de discutirmos a instanciação multimodal das Metáforas Conceptuais encontradas no conjunto das três Amostras de Análise.

Ao considerarmos os resultados gerais relativos aos Modos de Representação Gestual, foi possível verificar que o Modo de Representação “ *Holding/Molding* (Segurar/Moldar – 3D)” foi o predominante, pois apresentou um índice percentual de 83%. Esse alto índice percentual do Modo de Representação “ *Holding/Molding* (Segurar/Moldar – 3D)” ocorreu, sobretudo, devido ao alto índice percentual desse Modo de Representação na Amostra 2, correspondendo a 88% das ocorrências nessa Amostra. Entretanto, o Modo de Representação em questão ocorre de maneira qualitativamente diferente nas ocorrências analisadas, pois instancia diferentes referentes físicos retratados nos gestos, tais como: “Objeto 3D”, “estabelecimento de barreiras”, representação de “parêntese”, referência a uma “porção específica do discurso”, ou ao próprio dêitico “aqui”. Consequentemente, esse Modo de Representação também instancia diferentes Esquemas Imagéticos, tais como “OBJETO” e “TRAJETÓRIA”.

Os demais Modos de Representação Gestual encontrados, considerando o conjunto das três Amostras, foram: o Modo de Representação “ *Embodying* (Corporificar)” e o Modo “ *Enacting* (Encenar)”, com índices percentuais de 9% e 8% respectivamente. Esses Modos de Representação apresentam um baixo índice percentual, pois correspondem a apenas duas ocorrências do total de ocorrências analisadas nas três Amostras. Ilustram esses Modos de Representação: a ocorrência 4 da Amostra 1, correspondente ao “ *Embodying* (Corporificar)”, que instancia o referente físico “Objeto 3D” retratado no gesto, como também o Esquema Imagético: “OBJETO”; a ocorrência 17 da Amostra 3, correspondente ao Modo de Representação “ *Enacting* (Encenar)”, que também instancia o referente físico “Objeto 3D” retratado no gesto, como também o Esquema Imagético: “OBJETO”. Salientamos que o do Modo de Representação “ *Drawing* (Desenhar – 2D) não foi ilustrado por nenhuma das ocorrências.

Já ao considerar os resultados gerais relativos aos Gestos de Apontar, notamos que o Gesto de Apontar PDPIF ou “Dedo Indicador Estendido Pronado” foi o predominante, pois

apresenta o maior índice percentual, correspondendo à metade dos Gestos de Apontar (50%) encontrados no conjunto das 3 Amostras. Esse Gesto de Apontar (PDPIF) foi encontrado de maneira pervasiva: tanto em ocorrências mais prototípicas, em que o “aqui”, veiculado na fala, refere-se ao contexto locativo imediato, e coocorre com o gesto em questão, quanto em ocorrências menos prototípicas, em que em que o dêitico “aqui”, veiculado na fala, retrata o referente físico retratado no Golpe gestual. Porém, a ocorrência multimodal corresponde, por exemplo, a uma porção específica do discurso, e não apenas ao dêitico “aqui”. Além disso, o PDPIF também foi encontrado em ocorrências categorizadas como intermediárias, em que o gesto realizado na ocorrência analisada foi categorizado como PDPIF, mas, na verdade, corresponde a uma ocorrência gestual intermediária entre esse Gesto de Apontar e o Gesto PDOH ou Mão Aberta, Palma Para Baixo. Ainda no que se refere aos Gestos de Apontar, é importante salientar que outros tipos de Gestos de Apontar co-ocorem com ocorrências mais e menos prototípicas do dêitico “aqui”, a exemplo da ocorrência 7 analisada por nós, que foi categorizada como mais prototípica e co-ocorre com o Gesto de Apontar PVIF ou Dedo Indicador Estendido, Palma Vertical.

Por fim, para analisar o grau de prototipicidade das ocorrências do dêitico “aqui” em dados multimodais, consideramos pertinente, além de analisar quali-quantitativamente os Modos de Representação Gestual e os Gestos de Apontar ilustrados pelas ocorrências de dêitico “aqui”, propor uma representação radial de prototipicidade, a partir das funções apresentadas pelas ocorrências do dêitico, considerando o conjunto das três Amostras. Além disso, estabelecemos uma correlação qualitativa entre gestos e fala na instanciação de Metáforas Conceptuais e Esquemas Imagéticos, ambos instanciados por meio dos gestos que coocorrem com a fala em ocorrências situadas na periferia da escala radial proposta. Nesse sentido, consideramos que as ocorrências menos prototípicas do “aqui” instanciaram diferentes Metáforas Conceptuais e Esquemas Imagéticos, ao desempenharem funções discursivas diferentes da função prototípica de “marcador de lugar”: a função de “marcador discursivo” instanciou a Metáfora Conceptual “IDEIAS SÃO OBJETOS” e o Esquema Imagético “OBJETO”; a função de “marcador temporal”, por sua vez, instanciou a Metáfora Conceptual “TEMPO É ESPAÇO”, desdobrada linguisticamente em “POSIÇÃO TEMPORAL É POSIÇÃO ESPACIAL” e o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”. Já no caso da função pragmática de “marcador de ênfase”, embora não tenha sido instanciada uma Metáfora Conceptual específica, acreditamos que se trata de uma ocorrência metaforizada do “aqui” (AVELAR; FERRARI, 2017), pois a função pragmática de ênfase sobrepõe-se à função locativa

desempenhada pelo dêitico em contextos originalmente mais prototípicos ou menos metafóricos.

Em conclusão, a análise das ocorrências mais prototípicas e menos prototípicas do dêitico “aqui” em contextos multimodais, permitiu-nos realizar uma análise empírica detalhada da dêixis locativa em dados multimodais, dos fenômenos de prototipicidade e dos mecanismos cognitivos envolvidos na realização do dêitico, considerando a unidade gestofala. Assim, testamos, de maneira empírica, diversos postulados teóricos da Linguística Cognitiva, como os de: Domínio, Metáfora Conceptual, Modelo Cognitivo Idealizado, Esquema Imagético, Construção etc. Por meio das análises quali-quantitativas realizadas, comparamos os padrões de realização do dêitico em dados multimodais de diferentes gêneros e pudemos notar que o gênero, o contexto de produção, a performatividade do falante e outros fatores relativos aos contextos de uso real da língua podem influenciara ocorrência e a frequência de determinados usos do “aqui”, a exemplo do que ocorreu na Amostra 2, amostra pertencente ao gênero “palestra “motivacional”, na qual os gestos do falante ilustraram, em uma maioria, o Modo de Representação *Holding/Molding* (Segurar/Moldar), instanciado diferentes Metáforas Conceptuais e Esquemas Imagéticos.

Em suma, em nosso entendimento, a pesquisa realizada contribui para as pesquisas realizadas em Linguística Cognitiva no Brasil, tanto do ponto de vista teórico quanto empírico. Do ponto de vista teórico, acreditamos que a maior contribuição desta pesquisa relaciona-se à abordagem dos Estudos de Gesto e da Multimodalidade, uma vez que essas questões ainda são pouco exploradas pelos pesquisadores do país, sendo que maior parte dos trabalhos que tratam dessas questões ainda não foi traduzida para o Português. Acreditamos também que a presente pesquisa contribui para o estudo empírico dos fenômenos de prototipicidade, por analisá-los, como foi demonstrado, em termos de grau e não em simples classificações categóricas, realizadas em termos de “sim” ou “não”, corroborando com um dos principais pressupostos da Linguística Cognitiva, de que as categorizações realizadas pela mente (corporificada) do falante ocorrem em termos Gestálticos nos contextos reais de uso da língua e em categorias que se sobrepõem e se interseccionam em tempo real nas interações face-a-face. Ressaltamos, ainda, que a pesquisa realizada abre caminho para pesquisas futuras, que podem vir a explorar, mais detalhadamente, conceitos e fenômenos como os de *Construal*, *Frame* e *Metonímia*, que foram explorados de maneira mais tangencial em nossas análises empíricas. Esperamos, sobretudo, que a pesquisa realizada abra caminho para outras pesquisas que focalizem a Multimodalidade e, mais especificamente, os Estudos de Gesto, no âmbito das pesquisas realizadas no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, M.; FERRARI, L. Integração experiencial e dêixis: O papel discursivo dos gestos. **Cadernos de Estudos Linguísticos** v.59, n.1, Campinas, p. 73-89 - jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648300/15696> Acesso em: 09/09/17
- BENEVIDES, F. **Multimodal metaphors: metaphoric mapping in two brazilian magazine covers**. Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento, promovido pela UESB/UFBA, realizado entre os dias 24 e 27 de outubro de 2017, em Salvador.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: **Problemas de Lingüística Geral I**. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BRESSEM, J. *et al.* A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Eds.), **Body - Language – Communication**. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013, p. 1079-1098.
- CALBRIS, G. From left to right...: coverbal gestures and their symbolic use of space. In: CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. **Metaphor and gesture**. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 27-54
- CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAVALCANTE, S; SOUZA, A. L. Linguística Cognitiva: uma breve introdução. In: HERMONT, A; ESPÍRITO SANTO, R; CAVALCANTE, S. **Linguagem e Cognição**. Diferentes perspectivas. De cada lugar um outro olhar. Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 2010, p.63-84
- CIENKI, A. Analysing metaphor in gesture: A set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). In: E. Semino, & Z. Demjén (Eds.), **The Routledge handbook of metaphor and language** (pp. 131-147). London: Routledge, 2017, pp. 131-147.
- CIENKI, Alan. **Cognitive Linguistics, gesture studies, and multimodal communication**. Cognitive Linguistics, 2016, p. 603-618
- CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. **How metonymic are metaphoric gestures?** Artigo apresentado na Segunda Conferência Internacional da Associação Alemã de Linguística Cognitiva. Munich/Alemanha, 2006.

- CIENKI, Alan. Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. In: MÜLLER; CIENKI; FRICKE; LADEWI; MCNEILL; TEBENDORF (eds.), **Body - Language - Communication** (HSK 38.1), de Gruyter, 2013, p. 182-201
- CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. 2008. Introduction. In: CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia (eds.), **Metaphor and Gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008, p. 01-05
- CIENKI, A. Why study metaphor and gesture? In: CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia (eds.), **Metaphor and Gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008, p. 5 - 25
- CIENKI, A. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In: GEERAETS, D.; CUYCKENS, H. (org.) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 170-187.
- CIENKI, A. Image Schemas and Gestures. In: HAMPE, B; GRADY, J. (Eds.). **From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 421-442
- CLARK, H. H. Pointing and Placing. In: **Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet**. KITA, S (ed.), Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 243-268.
- EVANS, V. **The Cognitive Linguistics Reader**. BENJAMIN K. Bergen e JÖRG Zinken (Eds.). Londres: Equinox Publishing Co, 2007, p. 40-41.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, L. Subjetividade e intersubjetividade na Gramática Cognitiva. In: ALVARO, T. P.; FERRARI, L. **Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente**. Campos dos Goytacazes: Ed.: Brasil Multicultural, 2016, p. 64-83
- FILLMORE, C. J. **An alternative to checklist theories of meaning**. Berkeley Linguistics Society, 1975, p. 123-131.
- GOODWIN, C. Pointing as Situated Practice. In: **Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet**. In: KITA, S (ed.), Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 217-241.
- GRADY, E. J. Metaphor. In: GEERAETS, D.; CUYCKENS, H. (org.) **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007
- HOSTETTER, A.; ALIBALI, M. Visible embodiment: Gestures as simulated action. **Psychonomic Bulletin & Review**, 15 (3), 2008, p. 495-514.
- JOHNSON, M. **The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987
- JOHNSON, M. **The meaning of the body: aesthetics of human understanding**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2007.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. **Linguistic gestalts**. Chicago Linguistic Society, 1977, p.236–87.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I, Theoretical Prerequisites**. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

MARMARIDOU, S. On Deixis. In: **Pragmatic meaning and cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MCNEILL, D.; CASSELL, J; LEVY, E.T. Abstract deixis. **Semiotica**, v. 95, n.1. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 5-19.

MCNEILL, David. **Gesture and thought**. Chicago: University of Chicago Press, 2005

MIRANDA, Máira Avelar; MENDES, Paulo Henrique Aguiar. The role of gestures in the construction of multimodal metaphors: analysis of a political-electoral debate. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 343-376. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982015000200343> Acesso em: 20/09/2017

MIRANDA, M. A. **A emergência de metáforas multimodais no discurso político eleitoral: análise das variáveis verbais, prosódicas e gestuais em debates de segundo turno às eleições presidenciais de 2010**. 2013. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte, 2013.

MÜLLER, C.; CIENKI, A. Words, gestures, and beyond: Forms of multimodal metaphor in the use of spoken language In: FORCEVILLE, C. URIOS-APARISI, E. (Eds.). **Multimodal Metaphors**. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 297-328.

MÜLLER, C.: Gestural Modes of Representation as techniques of depiction. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Eds). **Body - Language – Communication**. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: 2013, p. 1687-1701.

PINHEIRO, H.; AVELAR, M. Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados orais e multimodais. **Signo**, Santa Cruz do Sul v.42, n.75, dez. 2017, p. 113-122. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/9815> Acesso em: 12/08/17

SLOBIN, D.I. From 'thought and language' to 'thinking for speaking'. In: J. Gumperz & S. Levinson (eds.), **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press. 1996, p. 70-96

SLOETDJES, H.; WITTENBURGH, P. **ELAN**. Version 4.8.1, retrieved 20 November 2014 from <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> by Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands, 2008.

TEIXEIRA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. R. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo Locativo. **Veredas** (UFJF. Online), v. 16, p. 19-35, 2012.

VERHAGEN, A.: Construal and perspectivisation. In: Geeraerts, D. & H. Cuyckens. (Eds.), **Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press, 2007.

ANEXOS

ANEXO A: Conjunto das ocorrências retiradas das três Amostras de Análise

AMOSTRA 1

Trilha	Ocorrência 1	Ocorrência 2	Ocorrência 3	Ocorrência 4
Golpe gestual				
Transcription	Aqui nós temos 25 estudantes com idade entre 15 e 17 anos	De toda essa fila aqui, todas as meninas fariam algum tipo de intervenção	Essa aqui quer aumentar o peito, essa aqui tirou o peito	Quero aqui destacar o nosso empenho com as reformas
Translation	Here we have 25 students with ages between 15 and 17 years old	From this entire line here, all the girls would do some kind of surgical intervention	This one here wants to make her boobs bigger. This one here cut her boobs off	I want here to highlight our effort with the reforms
Handshape	Extended index finger	Open hand	Open hand	Open hand
Palm orientation	Palm down	Palm vertical	Palm down	Palm diagonal
Movement direction	Dowards	To the right	Downards	Away from the body
Movement quality	Smooth	Sharp	Smooth	Sharp
Spatial position	Middle distance from the body (2)	Far distance from the body (3)	Far distance from the body (3)	Close distance from the body (1)
Gesture Mode of Representation	---	----	---	Embodying
Pointing	PDPIF	PAIF	PDPIF	
Depicted physical referente	Aqui	Aqui	Aqui	Object
Referenced contextual topic	Aqui, nós temos	De toda essa fila aqui, todas as meninas fariam algum tipo de intervenção	Essa aqui tirou o peito	Quero aqui
Presence of Metaphor	No	No	No	Yes

Trilha	Ocorrência 5	Ocorrência 6	Ocorrência 7	Ocorrência 8
Golpe gestual				
Transcription	O terraço do apartamento onde ele morava, com vista aqui pro bairro de São Conrado.	[A delação premiada é fonte de um conflito de direitos e isto está passando ao largo] das considerações aqui	Ele foi deu uma testada aqui , né? Fraturou meu... deu uma fratura exposta, né... No meu nariz	Aqui nessa ação pra conscientizar sobre os riscos do colesterol alto
Translation	The terrace of the apartment where he lived, with a sight here for the São Conrado's neighborhood	The leniency Agreement is the source of a conflict of rights and it goes very far from the considerations here	He hit the head here , huh... Fractured my ... it gave me an open fracture, huh... on my nose	Here on this action to raise awareness about the risks of high cholesterol level.
Handshape	Open hand	Extended index finger	Extended index finger	Extended thumb
Palm orientation	Palm down	Palm down	Palm diagonal	Palm diagonal
Movement direction	To the left	Donwards	Towards the body	Away from the body
Movement quality	Smooth	Smooth	Sharp	Sharp
Spatial position	Middle distance from the body (2)	Close distance from the body (1)	Speaker's own body (0)	Middle distance from the body (2)
Gesture Mode of Representation	Holding/Moulding (3D)			
Pointing	---	PDPIF	PVIF	THUMB
Depicted physical referent	Aqui	Aqui	Aqui	Aqui
Referenced contextual topic	Aqui pro bairro	Das considerações aqui	Uma testada aqui	Aqui nessa ação
Presence of Metaphor	No	No	No	Yes

AMOSTRA 2

Trilha	Ocorrência 9	Ocorrência 10	Ocorrência 11	Ocorrência 12
Golpe gestual				
Transcription	[a gente] Começou a passear pelos corredores. Estágio aqui , estágio ali, estágio acolá	[o super presidente de uma empresa] Ele diz: Escuta aqui : o que eu faço é prazer ou é trabalho?	[Eu tenho que responder:] Joque o presidente faz aqui , é prazer ou é trabalho?	[Se a vida tinha alguma chance de ser feliz, não é quando nada acontecer, mas é já,] aqui , nesse canto do estádio
Translation	We started walking on the corridors... Intership here , intership there, intership over there	[The huge boss of a company] He says: listen here , what I do, is it pleasure or is it work?	[I must have to answer:] what the president did here , is it pleasure or is it work?	[If life could have any chance to be happy, it's not when nothing happens, but it's right now,] Here , at this corner of the stadium
Handshape	Open hand	Open hand	Open hand	Open hand
Palm orientation	Palm away	Palm vertical	Palm vertical	Palm diagonal
Movement direction	To the right	Away from the body	Away from the body	Away from the body
Movement quality	Sharp	Sharp	Smooth	Sharp
Spatial position	Far distance from the body (3)	Middle distance from the body (2) answer	Middle distance from the body (2)	Far distance from the body (3)
Gesture Mode of Representation		Holding/Moulding (3D)	Holding/Moulding (3D)	Holding/Moulding (3D)
Pointing	PAOH	---	---	---
Depicted physical referent	Aqui	3D Object	Setting boundaries	Aqui
Referenced contextual topic	Estágio aqui	Escuta aqui	[O que o presidente] faz aqui é prazer...	Aqui, nesse canto do estádio
Presence of Metaphor	Yes	Yes	Yes	No

Trilha	Ocorrência 13	Ocorrência 14	Ocorrência 15	Ocorrência 16
Golpe gestual				
Transcription	[A felicidade] não estará em nenhum outro lugar, porque a vida está aqui	[Eu podia tá pensando assim: Eu nunca] tive aqui	[Aqui não é mais ninguém famoso] aqui sou eu	Admita, neste segundo! Aqui (1), e não depois (2)
Translation	[Happiness] will not beanywhere else, because life is here	[I could be thinking like that I've never] been here	[Here it's not anybody famous anymore] Here it's me	Admit it, at this second! Here (1), and not afterwards (2)
Handshape	Open hand	Open hand	Open hand	Open hand
Palm orientation	Palm up	Palm up	Palm up	Palm down
Movement direction	Upwards	Upwards	Upwards	Downwards
Movement quality	Sharp	Sharp	Sharp	Sharp
Spatial position	Middle distance from the body (2)	Middle distance from the body (2)	Close distance from the body (1)	Far distance from the body (3)
Gesture Mode of Representation	Holding/Moulding (3D)	Holding/Moulding (3D)	Holding/Moulding (3D)	Holding/Moulding (3D)
Pointing	---	---	---	---
Depicted physical referente	Aqui	Aqui	Aqui	Aqui
Referenced contextual topic	A vida está aqui	Eu nunca tive aqui	Aqui sou eu	Aqui, e não depois
Presence of Metaphor	Yes	No	No	Yes

AMOSTRA 3

Trilha	Ocorrência 17	Ocorrência 18	Ocorrência 19	Ocorrência 20
Golpe gestual				
Transcription	O apartamento era reservado para mim, eu vi aqui o depoimento dizendo	[Eu ouvi] aqui não sei se ouvi direito, mas eu ouvi no depoimento...	Sem ela [minha mulher] poder estar aqui para se defender	Fernando Henrique Cardoso veio aqui e deu uma explicação
Translation	The apartment was reserved to me, I saw here the testimony saying	[I've listened] here , I don't know if I've listened it right, but I've listened on the testimony	Without her [my wife] being able to be here to defend herself.	Fernando Henrique Cardoso came here and gave na explanation
Handshape	Closed fingers	Open hand	Extended index finger	Bent index finger
Palm orientation	Palm down	Palm vertical	Palm down	Palm down
Movement direction	Donwards	Away form the body	Donwards	Donwards
Movement quality	Sharp	Sharp	Smooth	Smooth
Spatial position	Far distance from the body (3)	Middle distance from the body (2)	Middle distance from the body (2)	Middle distance from the body (2)
Gesture Mode of Representation	Enacting	Holding/Moulding (3D)	---	--
Pointing	---	---	PDPIF	PDPIF
Depicted phisical referente	Object	Container	Aqui	Porção específica do discurso
Referenced contextual topic	Eu vi aqui o depoimento	Aqui, no depoimento	Sem ela [minha mulher] poder estar aqui	Fernando Henrique Cardoso veio aqui e deu uma explicação
Presence of Metaphor	Yes	Yes	No	Yes

Trilha	Ocorrência 21	Ocorrência 22	Ocorrência 23	Ocorrência 24
Golpe Gestual				
Transcription	Deixa eu só fazer um parêntese aqui	[Se eu falar] aqui [uma data, eu tô mentindo]	[Pelo que eu já ouvi em depoimentos] aqui	Pelo que vi de depoimento aqui
Translation	Let me just make a parenthesis here	[If I say] here [a date, I'll be lying]	[From what I heard from depositions] here	From what I saw from depositions here
Handshape	Open hand	Open hand	Extended index finger	Extended index finger
Palm orientation	Palm diagonal	Palm vertical	Palm down	Palm vertical
Movement direction	Away from the body	Away from the body	Downwards	Away from the body
Movement quality	Smooth	Smooth	Sharp	Sharp
Spatial position	Middle distance from the body (2)	Middle distance from the body (2)	Far distance from the body (3)	Middle distance from the body (2)
Gesture Mode of Representation	Holding/Moulding (3D)	---	---	---
Pointing		PAOH	PDPIF	PVIF
Depicted physical referente	Parêntese	Aqui	Aqui	Aqui
Referenced contextual topic	Um parêntese aqui	Aqui	Ouvi em depoimentos aqui	Vi de depoimento aqui
Presence of Metaphor	Yes	Yes	No	No